

CARTOGRAFIA DE BRASILIA A PARTIR DA PERSPECTIVA PERIFERIA-CENTRO



Jeffesson Silva Santos

CARTOGRAFIA DE BRASÍLIA A PARTIR DA PERSPECTIVA PERIFERIA-CENTRO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Design do Instituto de Artes da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de mestre em Design.

Área de Concentração: Design, Tecnologia e Sociedade.
Linha de Pesquisa: Design, Espaço e Mediações.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Fávaro Garrossini.

Brasília, 2025.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS237c	Silva Santos, Jefferson Cartografia de Brasília a partir da Perspectiva Periferia-Centro / Jefferson Silva Santos; orientador Daniela Fávaro Garrossini. -- Brasília, 2025. 169 p. Dissertação (Mestrado em Design) -- Universidade de Brasília, 2025. 1. Cartografia. 2. Imaginários Urbanos. 3. Design. 4. Santa Maria . 5. Ceilândia. I. Fávaro Garrossini, Daniela, orient. II. Título.
--------	---

CARTOGRAFIA DE BRASÍLIA A PARTIR DA PERSPECTIVA PERIFERIA-CENTRO

Jeffesson Silva Santos

Dissertação apresentada ao ao
Programa de Pós-Graduação em Design
do Instituto de Artes da Universidade de
Brasília como requisito para obtenção
do título de mestre em Design.

Área de concentração: Design,
Tecnologia e Sociedade

Linha de pesquisa: Design, Espaço
e Mediações.

Trabalho **APROVADO** por:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. DANIELA FAVARO GARROSSINI
Presidente/Orientador(a) - Interno(a) - UnB

Prof. Dr. JOSÉ ROBERTO SEVERINO
Externo(a) à Instituição - UFBA

Profa. Dra. MARIA DE FATIMA RODRIGUES MAKIUCHI
Interno(a) - UnB

Profa. Dra. VIRGINIA TIRADENTES SOUTO
Interno(a) - UnB - Suplente

Brasília, DF, 30 de janeiro de 2025



Agradecimentos

Antes de tudo tenho que dizer que, fazer esse trabalho foi um desafio desde o início. Fiquei super ansioso, pensando que não seria possível traçar um percurso cartográfico e artístico. Mas o programa de pós-graduação em Design da Universidade de Brasília fez com que todo esse processo fosse possível e que experimentar não seria um problema.

Agora, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Daniela Fávaro Garrossini, por toda a empatia, paciência, empenho e sentido prático/lógico com que sempre me orientou neste trabalho e em todos os projetos que realizei durante o mestrado. Muito obrigado por me corrigir quando necessário sem nunca me desmotivar e principalmente por acalmar o meu coração e segurar a minha mão em momentos difíceis, sinto que a nossa conexão foi extremamente necessária durante esse percurso.

Desejo igualmente agradecer à minha família e em especial a minha irmã Giovanna que durante momentos de crise confortou o meu coração e minimizou a minha ansiedade, também quero agradecer os meus amigos pelo apoio que me deram, ao longo da elaboração deste trabalho. O percurso acadêmico muitas vezes é difícil, mas sinto que atravessar essa jornada com toda certeza transformou a minha percepção social e visão de mundo, tive a oportunidade de olhar para minha realidade e a partir dela investigar, esse aspecto sem sombra de dúvidas é um ganho imensurável.



Resumo

O processo de cartografar a vivência, ocupação e experiência do Jovem Negro de duas das periferias do Distrito Federal, as Regiões Administrativas (RAs) Santa Maria e Ceilândia, buscam investigar aspectos do sensível, das características sociais, econômicas e culturais que são elementos importantes na construção dos Imaginários Urbanos a partir da perspectiva do design, espaço e mediações. Dentro desse contexto, as 07 cartografias apresentadas nesta dissertação levantam panoramas da mobilidade urbana local, dos trajetos do cidadão periférico e das complexidades e experiências coletivas de territórios que estão à margem do DF, na divisa do entorno com cidades do estado de Goiás.

Palavras-chave: Cartografia; Brasília; Santa Maria; Ceilândia; Imaginários Urbanos.

Abstract

The process of mapping the experience, occupation and experience of Young Black People from two of the outskirts of the Federal District, the Administrative Regions (RAs) Santa Maria and Ceilândia, seeks to investigate aspects of the sensitive, social, economic and cultural characteristics that are important elements in the construction of Urban Imaginaries from the perspective of design, space and mediations. Within this context, the 07 cartographies presented in this dissertation raise panoramas of local urban mobility, the paths of peripheral citizens and the complexities and collective experiences of territories that are on the margins of the DF, on the border of the surrounding area with cities in the state of Goiás.

Keywords: Cartography; Brasília; Santa Maria; Ceilândia; Urban Imaginaries.



Tabela de **Imagens** | **Cartografias**

Representação artística: Olhar sensível	22
Fig. 1 - Foto: Arquivo pessoal de Álbum de Família	42
Colagem com representação fotográfica - RUA	55
Fig. 2 - Acampamento de pioneiros no Núcleo Bandeirante	58
Cartografia: Renda da População Negra do DF	66
Representação artística: Fluxo é território	67
Área de cobertura de Santa Maria na PDAD 2021	74
Cartografia: Santa Maria "um circuito de memórias"	88
Cartografia: Santa Maria "um território de ideais"	104
Fig. 3 - Praça Central de Santa Maria (2022)	113
Área de cobertura de Ceilândia na PDAD 2021	115
Fig. 4 - Decoração da festa "O Maior São João do Cerrado"	126
Cartografia: Ceilândia "Cidade Popular" do DF	127
Fig. 5 - Casa do Cantador	132
Cartografia: Ceilândia explica cultura viva	133
Fig. 6 - Inauguração da caixa d' água em 1974	140
Fig. 7 - Fotografia da escultura presente na Casa do Cantador	142
Cartografia: Ceilândia parte de inseguranças sociais	147
Representação artística: O Distrito é dividido!	152
Representação artística: Brasília desigual	157
Representação artística: Trajeto simbólico	169



Sumário



Prefácio	14
Introdução	18
Objetivos de pesquisa	23
Percurso Cartográfico realizado na pesquisa (parte I)	27
Percurso Cartográfico realizado na pesquisa (parte II)	28
Brasília Imaginada	29
Narrativa, cartografia e vida	31
Processo Metodológico	49
Fragmento 1	56
Brasília um território cartograficamente fragmentado	57
Fragmento 2	68
Trajetos e Cidades	69
Caracterização da população urbana de Santa Maria	75
Fragmento 3	91
“Santinha” do Distrito Federal	92
Caracterização da população urbana de Ceilândia	116
Fragmento 4	138
A “CEI” do Distrito Federal	139
Fragmento 5	153
O Distrito é dividido!	154
Considerações Finais	158
Bibliografia	164





PREFÁCIO

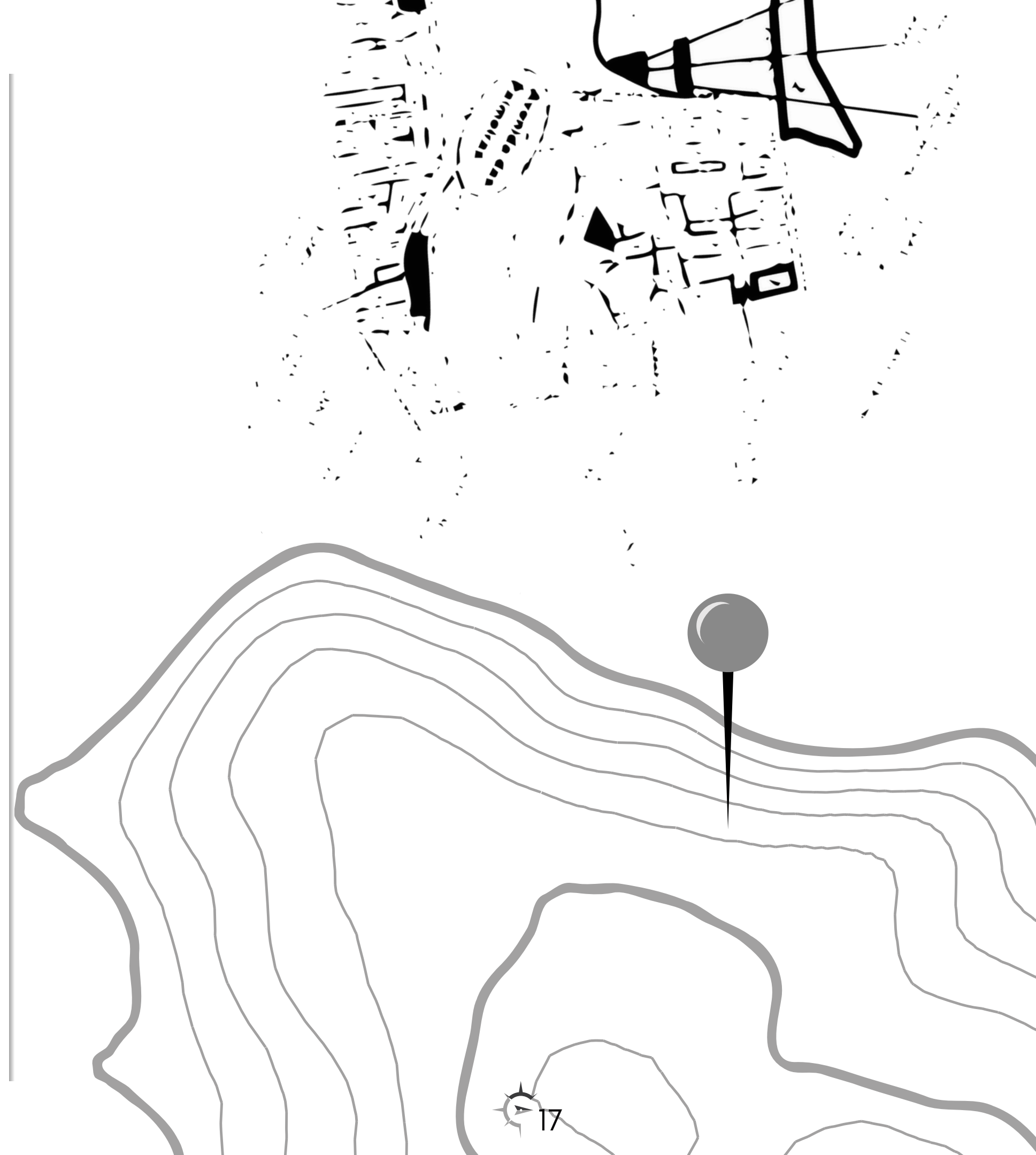
A leitura dessa dissertação é um convite para uma investida cartográfica que acontece por meio de toda a sua construção, o resultado obtido por meio do projeto visual e de pesquisa é o desdobramento organizado de camadas perenes e sociais que agravam a realidade de jovens negros e pobres que vivem no entorno do Distrito Federal, se concentrando em Santa Maria e Ceilândia, como pontos norteadoras dessa investigação. O processo de cartografar a vivência, ocupação e experiência do Jovem Negro de duas das periferias do DF, buscou apresentar aspectos do sensível, das características sociais, econômicas e culturais que são elementos importantes na construção dos Imaginários Urbanos a partir da perspectiva do design, espaço e mediações.

Dentro desse contexto, as 07 cartografias apresentadas nesta dissertação levantam panoramas da mobilidade urbana local, dos trajetos do cidadão periférico e das complexidades das experiências coletivas de territórios que estão à margem da capital federal. Dessa maneira, é importante dizer que o projeto em si se coloca como uma alternativa poética para tratar de cartografia e suas ramificações, possibilitando um percurso que pode ser iniciado a partir da compreensão do que se trata o projeto Brasília Imaginada que possui a intenção de investigar as formas de urbanidades e a cultura local, desde matrizes pluridisciplinares e suas transversalidades.

É importante enfatizar que a dissertação dentro da proposta de representar simbolicamente características sociais de Santa Maria e Ceilândia é o produto cartográfico, tornando-se o material de visualidade dos mapas e estrutura de análise dos dados sobrepostos para o cruzamento de informações. À vista disso, uma maneira possível para leitura desse material cartográfico se distribui em pontos de percursos, um deles é na compreensão de narrativa nos quais se concentram os capítulos Brasília Imaginada (páginas 20 e 21), Narrativa Cartográfica e Vida (páginas 22 a 39), Metodologia de Pesquisa (páginas 40 a 45), fragmento 01: Brasília um território cartograficamente fragmentado (páginas 47 a 57), fragmento 02: Trajetos e Cidades (páginas 58 a 63).

Seguindo um processo de leitura de descobertas, o projeto busca diagnosticar as desigualdades das duas regiões administrativas, expondo por meio de recortes das desigualdades, questões raciais, de gênero e de classe a relação do jovem negro com o centro do Distrito Federal. Dessa maneira, essa reflexão pode ser observada nos capítulos Caracterização da população urbana de Santa Maria (páginas 66 a 77), Santa Maria “um circuito de memórias” (páginas 78 a 81), “Santinha” do Distrito Federal (páginas 83 a 93), Santa Maria um território de ideais (páginas 94 a 98), Santa Maria um território de vivências (páginas 100 a 104), Caracterização da população urbana de Ceilândia (páginas 107 a 116), Ceilândia, cidade popular do DF (páginas 117 a 121), Ceilândia, explica cultura viva (páginas 123 a 127), A “CEI” do Distrito Federal (páginas 130 a 136), Ceilândia: parte de inseguranças sociais (páginas 137 a 141), é importante frisar que essa construção buscou apresentar os impactos das múltiplas desigualdades em nosso território a partir das narrativas simbólicas e da vida cotidiana, prospectando alternativas e caminhos para refletirmos a realidade excludente do Distrito Federal.

Consequentemente, os objetivos desta dissertação foram definidos com a possibilidade de explorar as dinâmicas de exclusão social e econômica vivenciadas pela juventude negra de Santa Maria e Ceilândia, utilizando a cartografia como principal ferramenta de análise. Ao longo da pesquisa, as cartografias desenvolvidas foram moldadas por dados concretos e representações artísticas que, em conjunto, forneceram uma leitura crítica das desigualdades enfrentadas por esses territórios. Com essa perspectiva os capítulos: O Distrito é dividido! (páginas 145 a 147) e Reflexões de um “Designer Cartógrafo” (páginas 148 a 153), reverbera a reflexão sobre os múltiplos deslocamentos que os corpos de pessoas negras permeiam, e como são atravessados a partir de um sistema que coopera na dificuldade dos seus acessos. E como esse contexto temporal pode contribuir, não na relativização de um tema, mas na compreensão de uma vivência, distribuída nos fragmentos percorridos nos textos entre os mapas e recortes que formam essa grande cartografia intitulada: **CARTOGRAFIA DE BRASÍLIA A PARTIR DA PERSPECTIVA PERIFERIA-CENTRO.**



INTRODUÇÃO

As cartografias construídas no projeto dentro do PPGDesign UnB procuraram por meio de mapas “desconstruídos” representar as condições sociais e econômicas, situações de trabalho e renda, características do domicílio, condições de infraestrutura urbana, entre outras informações, da juventude negra que vive nas duas regiões do Distrito Federal (Santa Maria e Ceilândia), evidenciando o tecido social da cidade, tratando da condição de vida e como a referência da sua construção historiográfica contribui na compreensão das condições atuais presentes na região.

Para compreender a realidade contemporânea de Santa Maria e Ceilândia, é essencial inserir essas Regiões Administrativas no contexto das políticas de segregação urbana e racismo estrutural que moldaram o Distrito Federal desde a sua fundação. Brasília, concebida como símbolo da modernidade e do progresso, foi também planejada de forma a manter distâncias socioeconômicas claras entre o centro e as periferias. Regiões como Santa Maria e Ceilândia surgiram como resposta às migrações forçadas, que deslocaram populações de baixa renda para áreas afastadas, com pouca infraestrutura e oportunidades de mobilidade social. Essas políticas, muitas vezes implícitas, reforçaram a marginalização da população negra e pobre, criando um padrão de segregação espacial que persiste até os dias de hoje. A análise histórica dessas políticas é fundamental para entender a concentração de desigualdades que os mapas apresentados nesta dissertação buscam ilustrar. A partir dessa perspectiva histórica, é possível traçar uma linha direta entre as decisões urbanísticas de décadas atrás e os desafios enfrentados pelas juventudes das periferias na atualidade.

O percurso cartográfico realizado dentro dessa pesquisa partiu em primeiro momento da descortinar do Brasília imaginada. Dentro desse aspecto foi possível entender quais seriam as reverberações possíveis da cartografia de Brasília a partir da perspectiva periferia centro, e como ela, torna-se narrativa dentro do contexto do Distrito Federal, a começar da sua potência, e seus possíveis desdobramentos, uma vez que no projeto, os mapas tomaram formas de cartografias subjetivas.

As relações são possíveis de serem atreladas ao tema geral, visto que a cada etapa, o projeto tomou uma forma reflexiva. Dentro desse aspecto, a narrativa cartográfica parte da experiência da vida do autor da dissertação, que aqui se coloca como mediador ou condutor do percurso cartográfico e do processo de desenvolvimento do projeto. Na metodologia de pesquisa, foi possível entender que a dissertação se consolidou em duas etapas: a primeira na obtenção dos dados, e em seguida no tratamento desses dados, por meio de um software chamado QGIS. Esse software, de fato, se tornou o suporte básico para que posteriormente fosse possível construir os mapas.

É importante dizer que a base da cartografia foi feita no software QGIS e a construção estática/visual realizada posteriormente se consolidou com experiências artísticas. Todo o projeto foi dividido em alguns fragmentos, contabilizando, cinco fragmentos totais, nos quais cada um possui uma intenção diferente. Exemplo disso, é que o fragmento 01 que trata de Brasília como território cartograficamente fragmentado. Nesse aspecto, a construção cartográfica busca observar algumas questões que norteiam negativamente a relação do habitante de Santa Maria e Ceilândia com o centro da capital federal. Logo em seguida, o fragmento 2, faz uma interlocução muito direta das distâncias, trajetos e a cidade, apresentando a relação do morador das duas RA's com esses três aspectos.

Foi importante colocar entre esses fragmentos algumas características da população urbana. No primeiro momento foi aprofundada as características de Santa Maria, apresentando dados que demonstram muito da realidade dos últimos anos na região administrativa, para que posteriormente fosse possível contextualizar os mapas e suas narrativas visuais. No momento seguinte, é realizado um panorama geral da população negra de todo o Distrito Federal, principalmente, no quesito divisão de renda, apresentado quais são os espaços do DF que mais concentra essa renda e poder aquisitivo.

No mapa *Santa Maria*, há um circuito de memórias, entre os fragmentos 1 e 2 é um momento para que o leitor/espectador consiga fazer alguns dos cruzamentos dos dados apresentados, no trajeto construído. Logo no fragmento 3, com o tema subjetivo "Santinha do Distrito Federal" é um momento para abrir a discussão sobre parte da teia social periférica e negra que compõem o DF. Em seguida, o mapa *Territórios de Vivências* traz alguns aspectos bem interessantes a partir dos diálogos culturais e sociais.

Logo depois, é feita a caracterização da população urbana de Ceilândia e, posteriormente, o mapa *Ceilândia, Cidade Popular do DF*, é colocado como parte inerente do desdobramento das reflexões. Dessa maneira, o fragmento 4 é apresentado, de modo que complementa a narrativa do mapa *Ceilândia Explica Cultura Viva*, que a partir do caráter ilustrativo e artístico, apresenta a dimensão da cultura como um direito que deve ser acessado por todos, que são pontos importantes no percurso e circunstâncias do projeto, que nas cartografias esses aspectos subjetivamente são colocados, ganham formas visuais que foram construídas sem linearidade, pois a dissertação em essência propõe representações das vivências e efemeridades do tecido social, que pode transbordar a ideia convencional que possuímos dos mapas e percursos geográficos.

O mapa *Ceilândia, parte de inseguranças sociais*, é um momento do percurso que busca evidenciar as múltiplas barreiras presentes no campo das desigualdades presentes na RA. para que finalmente o fragmento 5 fosse apresentado como o título "O distrito é um território dividido", uma vez que neste momento é possível reforçar parte dos panoramas sociais do Distrito Federal, e principalmente a relação da juventude negra e os aparatos sociais, que muitas vezes apresentam barreiras para essa população que já é marginalizada.

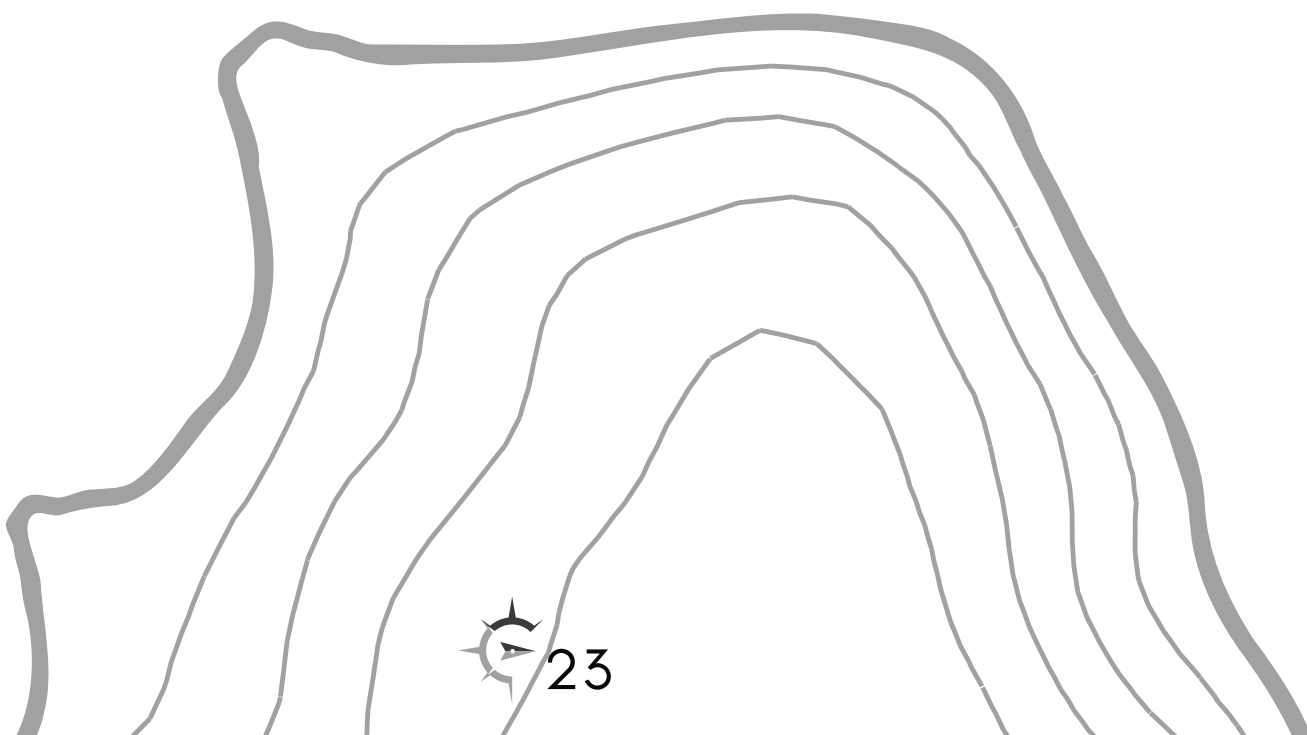
Tomando por base essas considerações e fragmentos apresentados, buscamos, no estudo, verificar como a cartografia pode ser um meio metodológico, que possibilita reflexões "subjetivas" e ao mesmo tempo decisivas, com o propósito de fortalecer estudos, que utilizam a teia social urbana, como parte inerente do seu desenvolvimento. Lembrando que não tivemos o propósito de comparar resultados entre as regiões administrativas, mas em alguns momentos deste percurso cartográfico, buscamos fazer relações e reflexões dos problemas presentes na margem do Distrito Federal.



OLHAR SENSÍVEL



OBJETIVOS DE PESQUISA



Os objetivos da pesquisa estão diretamente relacionados às questões que foram formuladas entre cartografia, narrativa de vida e os recortes sensíveis que fazem parte da realidade da juventude negra marginalizada. Definindo como tema central as percepções de quem vive nas margens do Distrito Federal, adicionando a investigação aspectos importantes para compreensão do tecido social e seus possíveis deslocamentos, diante da ação do estado e os seus aparatos sociais, colocando no centro a maneira que os corpos negros são afetados e as barreiras que atravessam na capital federal.

Em razão das características presentes no projeto Brasília Imaginada (Edital FAPDF/05/2018), os objetivos foram formulados como uma possibilidade de representar as características simbólicas de duas regiões administrativas do DF, Santa Maria e Ceilândia por meio de uma linguagem visual, que além de trazer aspectos importantes para difusão das informações, trouxesse mapas capazes de serem lúdicos e com uma compreensão precisa e poética, abrindo a discussão do problema para os questionamentos factíveis, capazes de contribuir no cruzamento dos dados alcançados ao longo da pesquisa.

Uma das estratégias para a obtenção dos dados apresentados nas 07 mapas cartográficos representados por meio dos títulos: Renda da População Negra do DF; Santa Maria, um circuito de memórias; Santa Maria, um território de ideais; Santa Maria, um território de vivências; Ceilândia, cidade popular do DF; Ceilândia explica cultura viva e Ceilândia parte de inseguranças sociais, foram resultados das expansões dos objetivos, pois cada mapa possibilitou fazer um recorte dos dados disponibilizados pela CODEPLAN - DF, a partir de uma nova concepção de visualidade artística. Concebendo no seu desenvolvimento um paradigma que apresenta elementos cartográficos, dados da realidade social com uma narrativa visual simbólica.

É importante lembrar que um dos objetivos da dissertação foi apresentar possibilidades cartográficas e análises possíveis quanto a realidade da população negra vulnerabilizada, apresentando os dados coletados como um dos principais campos de estudo, mas sobrepondo a esses dados ilustrações artísticas que ajudaram na construção metodológica, colocando a relação simbólica a cada situação ou contexto que foi analisado, indicando uma perspectiva de método que flerta com as subjetividades, nas quais apresentam figuras singulares e correlativas para contar as histórias e elementos que fazem parte da cultura urbana local, traduzindo o movimento cíclico das relações humanas, a partir de estratégia flexível da análise crítica.

As cartografias apresentadas aqui liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência.

Um dos principais objetivos do projeto veio da necessidade de desdobrar níveis relativos à compreensão do tema e suas possíveis ramificações que vão ser descritas logo em seguida.

O **Nível de Conhecimento**: Baseou-se na assimilação do tema central: Cartografia de Brasília a partir da perspectiva periferia-centro, observar a complexidade do Distrito Federal, mas ao mesmo tempo definir Santa Maria e Ceilândia como as Regiões Administrativas a serem parte inerente, na percepção de barreiras sociais da Capital Federal.

No **Nível de Compreensão**: Baseado no entendimento do tema citado acima, o projeto buscou dados que trouxessem a caracterização da população urbana de Santa Maria e Ceilândia para nortear o cruzamento de dados e o contexto histórico e territorial das duas RA's para servirem de base na discussão, organização, interpretação e debate a respeito das barreiras existentes no Distrito Federal.

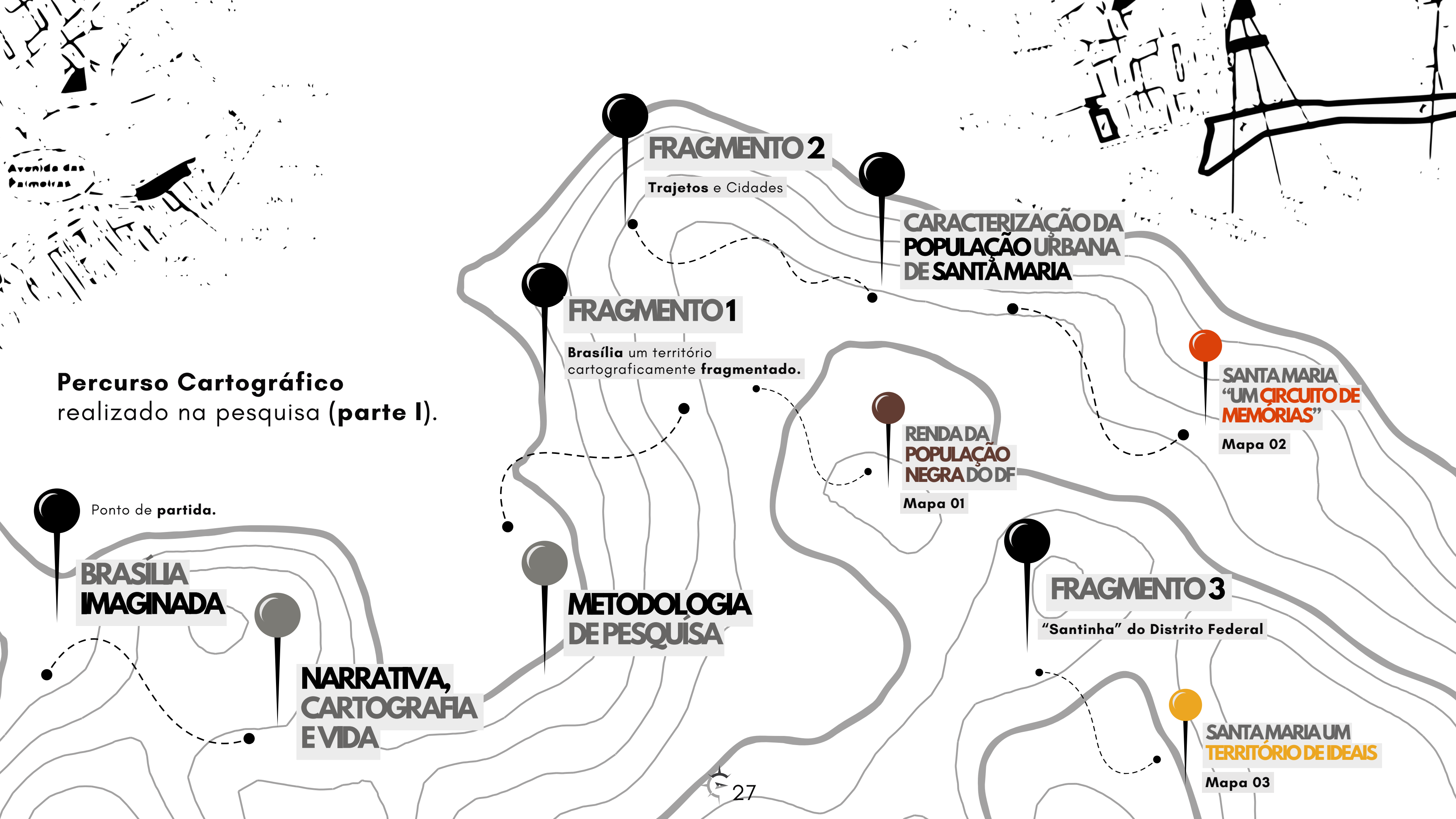
No **Nível de Aplicação**: Envolveu a utilização dos dados e conteúdos que apresentassem as características simbólicas das duas RA's para construção de mapas, utilizando níveis de conhecimento e compreensão de SIGs (Sistemas de Informações Geográficas, ou GIS - *Geographic Information System*) que são sistemas (ou *softwares*) que possibilitam a análise, manipulação e geração de dados georreferenciados, pois com a utilização da base do QGIS um software de processamento de dados do material (conteúdo de dados) ganharam parte das formas visuais utilizadas na construção dos mapas com narrativas simbólicas, é importante dizer que outras manipulações em softwares como *Illustrator* também auxiliaram na construção das imagens artísticas.

O **Nível de Análise**: Envolveu o desdobramento do material construído a partir dos mapas e consecutivas interações com os dados cruzados, colocando a percepção de suas interrelações com as barreiras sociais apresentadas no decorrer da dissertação. Dessa maneira a prospecção do projeto foi analisar, comparar, investigar e descrever a realidade de corpos negros marginalizados.

O **Nível de Síntese**: Envolveu a organização do tema desenvolvido nos níveis de conhecimento, compreensão, aplicação e análise. Dessa maneira a capacidade de combinar as partes que envolvem os dados concretos com as representações imagéticas, ajudaram para formar um todo, pois considero a própria dissertação o lugar que projeta e cria o produto cartográfico, valendo-se dos assuntos abordados, mas principalmente na prospecção de explicar, planejar e demonstrar o simbólico pertinente a vivência de Santa Maria e Ceilândia.

Já no **Nível de Avaliação**: considero o ponto de maior complexidade dentro da dissertação, pois implicou na apreciação dos critérios das escolhas dos dados e seu impacto na comunicação das cartografias. E ao observar as imagens construídas em sua efetividade, é possível dizer que elas possuem a efemeridade como parte central da mensagem, pois a sociedade é mutável, desse modo a cartografia torna-se um registro temporal e limitado. Tornando-se um diagrama visível das escolhas do cartógrafo pesquisador, pois o objetivo não representa somente os territórios, mas os campos de forças e relações que atravessam o tecido social.

Percurso Cartográfico
realizado na pesquisa (**parte I**).



FRAGMENTO 2

Trajetos e Cidades

**CARACTERIZAÇÃO DA
POPULAÇÃO URBANA
DE SANTA MARIA**

FRAGMENTO 1

Brasília um território
cartograficamente **fragmentado**.

**SANTA MARIA
"UM CIRCUITO DE
MEMÓRIAS"**

Mapa 02

**REDA DA
POPULAÇÃO
NEGRA DO DF**

Mapa 01

FRAGMENTO 3

"Santinha" do Distrito Federal

**SANTA MARIA UM
TERRITÓRIO DE IDEIAS**

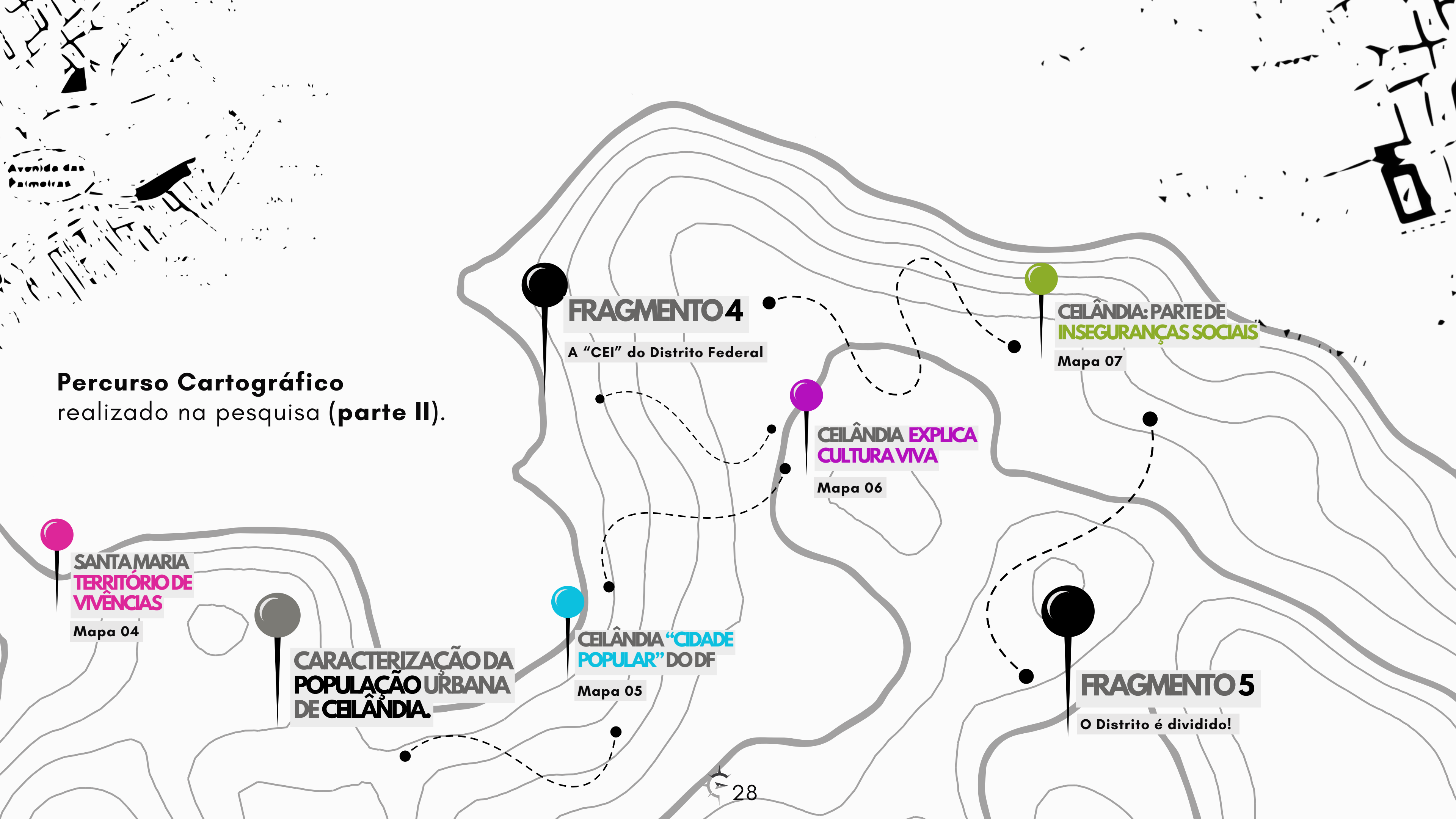
Mapa 03

**BRASILIA
IMAGINADA**

**NARRATIVA,
CARTOGRAFIA
E VIDA**

**METODOLOGIA
DE PESQUISA**

Ponto de **partida**.



Percurso Cartográfico
realizado na pesquisa (**parte II**).

FRAGMENTO 4

A "CEI" do Distrito Federal

CEILÂNDIA: PARTE DE
INSEGURANÇAS SOCIAIS

Mapa 07

CEILÂNDIA **EXPLICA**
CULTURA VIVA

Mapa 06

SANTA MARIA
TERRITÓRIO DE
VIVÊNCIAS

Mapa 04

CARACTERIZAÇÃO DA
POPULAÇÃO URBANA
DE CEILÂNDIA.

CEILÂNDIA "**CIDADE**
POPULAR" DO DF

Mapa 05

FRAGMENTO 5

O Distrito é dividido!



BRASÍLIA IMAGINADA



Os imaginários apontam ainda para uma categoria cognitiva que revela como os seres sociais, não através da razão, mas através da sensação ou sensibilidade percebem seus próprios mundos e realidades (Silva, 2012). Segundo Armando Silva, os imaginários não são apenas representações abstratas e mentais, mas se "corporificam" ou "incorporam" em objetos cidadãos que encontramos à luz pública e da qual podemos deduzir sentimentos sociais como medo, amor, a ilusão ou a raiva. Esses sentimentos são arquiváveis sob a forma de signos: escritos, imagens, sons, produções artísticas ou textos de qualquer outra matéria em que o imaginário impõe seu valor dominante ao próprio objeto. Assim, todo objeto urbano não apenas tem sua função de utilidade, mas pode receber uma avaliação imaginária que lhe dá outra substância representacional. (Silva, 2009).

Frente à multiplicação desbordante de experiências e novos processos de mediação propiciados pela necessidade de reposicionamento e transformação das cidades, que demandam novas teorias e ferramentas metodológicas de exploração capazes de atualizarem o conhecimento e saberes de distintos campos científicos sobre as novas realidades de reterritorialização e desenvolvimento da cultura local, o projeto Brasília Imaginada trata, neste sentido, de aportar novas estratégias e desenhos de investigação que lancem luz sobre as formas de urbanidades e a cultura local, desde matrizes pluridisciplinares de estudos e novos olhares transversais sobre as novas formas de vida e representação das populações no espaço urbano.



NARRATIVA, CARTOGRAFIA E VIDA



Ponto de Partida

A pesquisa realizada no campo do Design normalmente parte de um lugar bem específico, essa em questão se localiza na vivência e se desdobra na cartografia. Antes de tudo, é importante salientar que o projeto foi criado para questionar sobre diversos espaços de alcance e marcadores sociais, da Juventude Negra de Santa Maria e Ceilândia. Quando trato da Juventude Negra, coloco a minha vivência como parte da discussão. Como morador de Santa Maria, desde os três anos de idade, vejo essa parte da cidade para além de um espaço de convivência, vejo principalmente como espaço/território de crescimento, um lugar no qual entendi os meus marcadores e identidade como jovem negro e periférico do Distrito Federal.

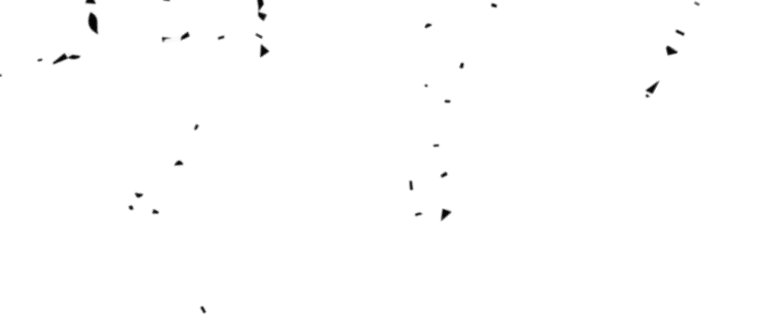
É claro que tudo isso só ficou evidenciado quando entrei na universidade, importante enfatizar que acessei uma universidade pública (Universidade de Brasília - UnB). Acessar a universidade, antes de tudo, foi um ganho muito grande para a minha família, por ser o primeiro entre os meus familiares, pelo menos entre os que vivem aqui no Distrito Federal, a entrar em um espaço elitizado e considerado por muitos inalcançável. E isso marca de alguma maneira parte da minha geração e a história daqueles que fazem parte do meu núcleo familiar. Porque desde sempre os meus pais colocaram a educação como prioridade. Então, antes de qualquer exterioridade, diziam "você precisa estudar para fazer parte de algum lugar", essa fala muitas vezes dita pela minha mãe marca uma das minhas principais lembranças de infância.

Entender o meu lugar como jovem periférico, permeia o campo da educação e da arte. Quando tracei essa linha do tempo, rememorei como foi escolher o meu curso superior e entender o que gostava, e assim, sinalizar como sempre fui tocado por várias linguagens e meios culturais, mas ao mesmo tempo, sinto que a ausência nos espaços culturais na região administrativa influenciaram diretamente na minha compreensão como artista e designer. Deixando claro que enquanto criança, adolescente e jovem, os espaços culturais e artísticos em Santa Maria, sendo muito sincero, quase não existiam, ou não conseguia acessar por falta de condições financeiras, confirmando um dos primeiros marcadores, a barreira de acessos, que será descortinada no projeto e representado nas cartografias.

E quando trato de acesso, observo que as vivências se ramificam e criam contrastes na realidade do jovem que vive na periferia, que por um lado explicita os seus desejos pela falta de opções, e que por outro se coloca em outros espaços, exemplo: a igreja, como parte da sua construção, e tenho que admitir que esse processo ocorreu comigo, mesmo o cristianismo possuindo um lugar bem específico ou mesmo distante na minha vivência atual, é importante pontuar essa característica individual, uma vez, que para representar lacunas na RA, acessar esses espaços torna-se uma opção, quando tratamos na ampliação de atividades para além do ambiente escolar. Sendo filho de pais católicos que vivenciavam o cristianismo, acessar a igreja tornou-se um lugar de reflexão, mas principalmente um dos primeiros territórios de memória, quando trato de lembrar dos lugares que influenciaram a minha construção como cidadão. Desse modo, abrindo reflexões a respeito dos espaços que acessei durante essa formação social.

Pontuando novamente o parágrafo anterior, digo que sem sombras de dúvidas, que a vivência na periferia foi um importante fio condutor para a minha construção de artista e principalmente como pesquisador no campo do Design, visto que para entender a minha realidade social, que também faz parte dessa pesquisa, torna-se uma camada, na cartografia que ultrapassa o aspecto geográfico, dado que neste primeiro momento, se concentra na narrativa da minha vida. Dessa maneira, pontuar o curso de artes e entender a compreensão do "eu" como parte de uma ferramenta, que também adentra a cartografia faz desse trabalho, um relato de processo para construção de mapas subjetivos. No qual, busca entender os fatores que afetam parte dos indivíduos, e que posteriormente poderão auxiliar na difusão dos recortes apresentados no decorrer da dissertação.

Quando entendo que venho do teatro, que fiz parte de grupo um cristão, que atualmente sou um designer pesquisador, com essas breves características é possível observar os contrastes da minha própria experiência com o território, uma vez que as oportunidades que acabei abraçando formaram quem sou no agora. Falar partir desses assuntos é escancarar e, em simultâneo, abraçar o meu recorte social, contudo entendo que existem diversas camadas internas e individuais que podem ser problemáticas, mas que são inerentes das referências que circundam a realidade de muitos jovens. Dessa maneira, apresentar a minha experiência como um indivíduo jovem, negro e que faz parte do tecido social e que em alguns momentos apresento as escolhas que fiz de maneira particular, ajudam a ecoar e dar sentido, para não linearidade que questiono no desdobrar da dissertação e nas representações dos mapas, em especial os da Santa Maria.



Viver no território e refletir alguns de seus aspectos, é dialogar a partir das suas características. Falo, antes de mais nada, como um jovem adulto que viveu múltiplas experiências na RA e que agora as analisa a partir desta dissertação de mestrado. O objetivo aqui é integrar a pluralidade das vivências locais com o reflexo da história contemporânea, antes de adentrar na análise de mapas, sendo reflexões pessoais com caráter subjetivo. Diante disso, irei apresentar alguns recortes da minha vivência como parte do cruzamento dos dados. Apresentar a experiência de quem ainda reside na região administrativa é fortalecer a história de Santa Maria, pois é através das histórias individuais que se constrói a narrativa coletiva. Dessa forma, situar-se como parte desse desdobramento cartográfico é aprofundar-se em uma visão de futuro, enxergando a cidade como um elemento essencial nessa construção.

Fazer esse aprofundamento, se colocar como fragmento da cartografia, é discutir e fazer parte da história recente da cidade, é em simultâneo, se colocar como parte dos marcadores que afetam diversos jovens negros, pois pertencer a uma das periferias do DF, e possuir um marcador de cor de pele, social e econômico, sendo partes dos fragmentos das estruturas das desigualdades, que marginalizam esse segmento da população, é se colocar como um corpo social/político que faz parte da estrutura do tecido social.

Explicitar o que foi apresentado acima é extremamente importante, visto que dessa maneira o projeto cartográfico ganha um "corpo". E quando faço alusão a esse corpo, coloco a nossa interação como para sobreposta da cartografia social, esse aspecto se ramifica na minha construção de artista. Compreendo justamente qual o lugar que ocupo e como a periferia molda a construção de repertório da minha vivência atual. Abrir esse diálogo é observar as minhas interações com o território e seus possíveis significados, seja a partir da perspectiva individual, familiar ou coletiva. É importante ressaltar que o ato de se questionar dentro desse processo cartográfico, coopera na compreensão da minha vivência na cidade, nesse mesmo percurso, é relevante refletir como estou ocupando e interagindo com esse espaço urbano



Refletir sobre esse contexto implica compreender os eventos que ocorreram por volta de 2008, quando a Região Administrativa de Santa Maria passou a ser frequentemente retratada na mídia com uma de suas principais características sendo a violência. Esse estigma foi amplamente explorado por longos anos, e, ao buscar informações sobre a região em sites ou mecanismos de pesquisa, Santa Maria aparecia frequentemente em rankings de áreas marginalizadas. É importante destacar que esse imaginário coletivo influenciou diretamente as escolhas dos moradores, especialmente dos jovens. Conforme mencionado anteriormente, esse histórico de ausências moldou a dinâmica da região, direcionando decisões baseadas em um estereótipo cristão ou em uma alternativa frequentemente vista como "destrutiva".

Acredito que acessar um projeto de teatro e dança dentro de um espaço religioso, influenciou de modo determinante nas minhas escolhas de modo geral, porque mesmo dentro desse recorte, acabei experimentando diversas linguagens e que posteriormente as transformei como parte de um estudo que ultrapassaram a sala de aula e os ateliês de arte. Quando entro na graduação de artes visuais na UnB, começo a questionar o lugar que ocupo, e principalmente como a minha vivência anterior reverberou na minha transformação de artista, sintetizando como os nossos referenciais de maneira individualizada podem gerar preconceitos internos. Cooperando para que em alguns momentos não conseguissem encarar o meu processo de formação, ou mesmo entender que posso possuir esse direito de construção acadêmica, entendo que a falta de autoestima pode ter sido provocado por fatores sociais e estruturais. Dessa maneira é importante dizer que a minha relação com a cartografia, consequentemente parte inicialmente desses lugares, ela encontra nos meus questionamentos o início gerador de discussões, principalmente no que tange a realidade social que se atrela as minhas experiências.

Sinto que é importante apresentar um pouco das minhas vulnerabilidades como indivíduo social, porque durante muito tempo acreditava que acessar uma faculdade ou algo semelhante não era um direito válido que possuía, acreditava que ter esse tipo de acesso era ter um privilégio, e observo que esse pensamento, acaba sendo constante no imaginário de muitos jovens negros que vivem nas periferias do DF, porque nos falta o privilégio da autoestima, e esse é um dos primeiros tópicos que é negado a parte da população que vive na margem de Brasília. Apresentar esse aspecto, é deixar visíveis partes das camadas cartográficas, uma vez, que as cartografias sociais sensíveis tocam na realidade, a vivência e muitas vezes nas feridas da periferia.

É importante pontuar a situação das escolas e seu sucateamento de modo geral, pois a relação direta dos estudantes com essa realidade também transforma o seu imaginário com relação ao seu futuro, consequentemente a relação do aluno com as aulas em instituições com pouca infraestrutura também mexe com as suas concepções. Lembro que os professores, muitas vezes, não estavam disponíveis para fazer algo diferente, justamente pela falta de recursos. Então, diante de todo esse processo de ausências, tratar das escolas é também observar o recorte que influencia no desenvolvimento, na aprendizagem dos alunos e principalmente naquilo que eles posteriormente vão acessar. Enquanto estava no ensino médio, por exemplo, eu não pensava em fazer um curso de artes visuais, principalmente pela falta de referências e possibilidades de experimentações com outras linguagens das artes plásticas, restando somente desenho como uma possibilidade de expressão.



Dessa maneira digo que a linguagem do desenho sempre esteve nesse lugar de descoberta. Acessar essas descobertas, motiva em alguma instância a minha relação em construir mapas, seja pela compreensão do território ou estudo do traço, que acaba funcionando como parte da comunicação que quero fazer no projeto. Porque assim, entendo melhor o espaço e como fazemos parte dele. Com isso, estar na condição de artista por formação é construir um diálogo próprio a respeito da cartografia e da própria vida, acaba estendendo as linguagens artísticas, para além de representar, elas constroem um repertório de um momento histórico, ou fato, gera discussão, uma vez que empenha a função de gerar reflexão, e com esse intuito buscar a construção de fragmentos capazes de gerar reflexo da sociedade que vivemos de maneira sistêmica.

Como citado no parágrafo anterior, observo com maior cuidado a minha construção de artista e pesquisador, visto que neste momento está situada no lugar de questionar. Justamente por viver situações sociais que são vistas como vivências de uma realidade estereotipada, no qual o pertencimento parece acontecer de maneira limitada. Fazer essa rememoração pessoal, coloca para esse diálogo, o que atravessa a minha individualidade e os espaços que quis atingir, ou almejei buscar. Dentro desse contexto, para além de entender circunstâncias, a reflexão permeia aquilo que se torna pauta na formação de jovens que vêm da periferia. Assim, esse projeto prospecta ainda mais, essa desconstrução que pode acontecer por meio das artes visuais e suas multidimensões, justamente para entender lugares específicos das periferias, de modo que coloca corpos marginalizados como protagonistas da narrativa, e isso muitas vezes só possível a partir de expressões artísticas.





É importante dizer que a pesquisa se coloca de maneira total na descoberta e esse processo foi muito explícito desde o início do projeto, pois para executar algo palpável, a pesquisa se voltou para a organicidade. Diante desse desenho, iniciar a construção a partir da ideia do “designer cartógrafo” vem com a prospecção, que é adicionar uma nova camada no tecido social, que é algo que não possui linearidade, uma vez que para se reconhecer a partir dos mapas, pode ser um diálogo a para compreensão do simbólico.

A trajetória da pesquisa permeia por diversas etapas nos quais um dos primeiros percursos foi a compreensão de si, no que se refere ao pesquisador como artista e “cartógrafo”, logo em seguida como o diagnóstico dos dados que vão ser apresentados posteriormente se tornam espelhos das camadas sociais, evidenciando ainda mais, como o meio que nos circunda, constroem a nossa consciência do espaço territorial e social, contribuindo no nosso imaginário diante das urbanidades. Apresento esse aspecto, como parte da vivência e o deslocamento no território, uma potência que transforma o desdobramento e compreensão que tenho da Santa Maria no Distrito Federal de maneira geral.

Fazer esse projeto na universidade te coloca no espaço das descobertas e das inquietações, pois a experiência no campo do design é transversal, visto que o desdobramento de um projeto que trata de moradia, que busca apresentar narrativas de vida, e adicionar perspectivas sistêmicas nas discussões é algo amplo e desafiador, é compreender que os imaginários urbanos são coletivos e esse aspecto é construído a partir da memória.



A partir do que apresentei acima, quando trato de cartografia atualmente, vislumbro ela desde uma fotografia, até a localização exata de um território no Google Maps. Entendo que ela como método, consegue se locomover por meio de diversas camadas independentes, espaços de experiências e marcadores sociais. Falando como uma pessoa negra, que veio de uma vivência educacional pública, que faz parte da comunidade LGBTQIAPN+, que parte de um recorte econômico classificado como baixo. Compreendo que as cartografias que vão ser representadas contemplam esses e outros aspectos da comunidade que vive na margem, entendo, que todo esse repertório é capaz de aproximar.

MEMÓRIA É PODER.

Ser pesquisador nesse projeto é buscar compreender diversas camadas sociais, que são políticas e que permeiam o território, mas, ao mesmo tempo representam as dificuldades e acessos de uma comunidade marginalizada. Deixo aberto neste primeiro momento o meu relato pessoal, pois ele também constrói a trajetória da pesquisa, retrato a minha relação com a região administrativa, pois sou morador de um lugar que é reconhecido como marginalizado, que possui a distância como parte das barreiras do Distrito Federal. Viver no Setor Habitacional Ribeirão, que faz parte da Santa Maria, e que por muitos anos foi considerado um lugar irregular, também contribui na dimensão da pluralidade dos imaginários de quem vive na margem.

Parece redundante, mas tratar da ausência dos acessos no projeto, é constatar a relação da população com os seus direitos, porque quando rememorei umas das minhas primeiras lembranças morando em Santa Maria, lembro a relação dos meus pais com casa que temos na região administrativa, um espaço que em primeiro momento, foi negado, tiveram que lutar por um terreno que possuía pouquíssima infraestrutura, lembro de terem medo de saírem de casa, pois ao retornarem ela poderia estar derrubada. Compreender e apresentar essas dores que fazem parte da minha construção no espaço territorial, é ao mesmo tempo, apresentar um início para o diálogo que trata da memória, dos espaços de vivências. Construir esse projeto é refletir sobre o que foi negado, é entender o sistema que vive a população mais pobre, é apresentar as nossas dificuldades

Apresentar esse arco individual como parte do desenvolvimento contribui na construção de narrativa, mas de maneira limitada, pois a realidade socioeconômica da população da RA Santa Maria é complexa, uma vez que o básico e o mínimo de cada família são inerentes às suas realidades. Então, hoje, quando faço essa retrospectiva para chegar a vários mapas cartográficos, nos quais cada um possui um recorte, compreendo a potência da expressão como parte do método, mas sinto que elas não representam a todos, mas, em simultâneo, elas podem funcionar como gatilhos para possíveis inquietações de indivíduos que compartilham realidades sociais semelhantes ou próximas.



Fig. 1 - Foto: Arquivo pessoal de Álbum de Família

Dessa maneira, tratar do aspecto histórico da RA, dentro do próprio recorte acadêmico acaba sendo importante, visto que desenvolve esse processo de pesquisa a partir de etapas que no geral são transversais. Trazer esse olhar para o ano de 2024, é enfatizar a construção da memória como parte inerente das etapas, traçando um objetivo que é falar sobre a realidade social da juventude negra, de Santa Maria, se colocando como parte desse grupo social, e quando apresento essa fotografia, que chamo de o "quarteto", faço uma reflexão da potência da nossa história como parte das referências dos nossos imaginários no território que habitamos.

E nesse aspecto enfatizo novamente que o construir cartográfico a partir dos imaginários percorridos no projeto de pesquisa intitulado Cartografia de Brasília a partir da perspectiva periferia centro, se constrói de muitas maneiras e camadas, no acesso da juventude negra, por meio de dados e recortes de acesso a educação, saúde, lazer, cultura e outros diversos mecanismos. Então, essa cartografia de maneira geral funciona como um rascunho para compreender o lugar social que ocupa a população de Santa Maria e Ceilândia dentro do Distrito Federal, observando os dados sistematicamente.

O design como campo do conhecimento traz essas reflexões a partir de uma projeção muito ampla, possibilitando uma prospecção que consegue, a partir do lugar representativo levantar uma diagramação geral da situação social, que a partir, dos elementos gráficos, que conta a história, possibilita a compreensão de muitos dos elementos simbólicos. Dessa maneira, apresentar as cartografias, a partir desses parâmetros, busca trazer novos questionamentos, cooptados nas camadas estruturais, mas, ao mesmo tempo, representa os fragmentos presentes na nossa sociedade. Assim, as cartografias, no projeto são partes de fragmentos idealizados e construídos com base em possíveis imaginários contados por elementos, presentes na arquitetura do território, ou na memória, lembrando que tudo que foi construído é um registro que dialoga com o agora, mas que é mutável diante de outras percepções e vivências.

Diante das reflexões apresentadas nos parágrafos anteriores, é importante dizer que a dinâmica das cartografias que vão ser apresentadas no decorrer do trabalho, permearam para além de representações ilustrativas dos mapas, elas buscaram adentrar os diversos questionamentos que atravessam a população negra, principalmente o ponto que determina a sua identidade, à sua localização e como são construídas as suas trajetórias. O projeto de mestrado, além de externalizar os questionamentos e o recorte dessa população, propôs construir uma série de imagens com viés expositivo e crítico, para que posteriormente esses projetos possam ser inseridos em múltiplos espaços, seja com caráter contemplativo, reflexivo ou educativo.

A cartografia como base das construções dos mapas, surge da perspectiva da experiência que parte da projeção do “eu” e do “outro”, para que posteriormente se aprofunde o campo de pesquisa que será percebido no decorrer do trabalho, entender esse recorte que surge a partir da construção do sensível, pode ser perceptível nos 07 mapas apresentados entre os fragmentos, pois eles se tornam o aprofundamento da narrativa poética, aquela que sobrepõe os dados cruzados. E com essa percepção, busca sustentar os desdobramentos do projeto, justamente para colocar o meu olhar de artista observador. Compreendo que toda a vivência que circunda a minha realidade tornou-se parte desse diagnóstico sensível e na relevância dos imaginários urbanos, na relação íntima que possuímos com a nossa cidade.

Tratar a vivência como parte inerente do projeto é colocar o território como parte indissociável das nossas memórias, visto que ele é uma estrutura palpável. Compreender essa estrutura, e pesquisar sobre ela, é retratar o território como parte do simbólico afetivo que temos com a cidade, com as histórias narradas, ou mesmo, as referências dos trajetos que construímos no decorrer da vida. Dessa maneira a cartografia torna-se específica. Com a leitura que contempla desde a vivência mínima de uma população, aqui com o recorte da população negra, tem por objetivo apresentar as nuances da realidade periférica, se desdobrando em torno dos dados, que para além de fazerem um recorte de cor, cooperam para apresentar diversas barreiras sociais. Pois aqui abraçamos o campo da geografia para entender o território, para mapear determinadas áreas, enfatizando as ciências sociais e as artes como os fios condutores das linguagens que vão ser apresentadas posteriormente.

Representar as nossas relações com o território é entender como a dinâmica do cotidiano interfere nas nossas relações, aqui é colocar o cidadão da periferia como protagonista na construção dos nossos imaginários. Nesse sentido é entender que o processo não é linear, justamente porque a **sociedade não é diagramável, ela é orgânica, sensível e mutável.**

Ao realizar esse projeto e se colocar nele, tive a consciência que desde o início, não seria possível verbalizar ou colocar absolutamente tudo, por esse motivo, adicionei a linguagem artística como um dos pilares do desenvolvimento da proposta. Para além de um discurso, apresentar as características políticas e outras vertentes da vida de quem vive na periferia por meio de mapas artísticos, é apresentar esse reflexo subjetivo, é sobrepor o poético como parte inerente das discussões. É apresentar os dados para observar os contrapontos de não sermos uma sociedade equânime, sendo uma proposta que apresenta a realidade básica, discorre e contextualiza, Santa Maria e Ceilândia, em lugares transversais.

Esse trabalho, como um dos desdobramentos do projeto Brasília Imaginada, apresenta ainda mais outras camadas na construção dos nossos territórios afetivos, esse aspecto que vai para além de caráter objetivo, interfere diretamente na vivência e compreensão dos nossos hábitos. E isso possui sentido, quando colocamos na cartografia representações não lineares, reforçando características novas dentro das identidades já construídas, na tentativa de compreender a vivência, de exercer a crítica que alternamos como as histórias de quem vive nas periferias. Compreendo que todo espectro é complexo, mas que é necessário, quando queremos que uma determinada narrativa seja contada. Esse processo, que antecede as respostas e resultados, apresenta a periferia como parte inerente do contexto e a sua relevância como parte intrínseca da memória presente na região administrativa.

Começar por esse ponto de partida, aqui de maneira textual, é reforçar que apresentamos, intercalações entre a narrativa de vida sobrepostas aos dados, é corresponder a um possível resultado nada linear, é deixar claro que estamos ramificados nas nossas vivências como pessoas negras, atravessadas por fragmentados e recursos sociais. Então, esse trabalho, que como projeto de pesquisa, busca se ramificar a uma potência que vem de uma memória contada, que potencializa as nossas individualidades, não deixando de problematizar as barreiras que também nos atravessam enquanto corpos que historicamente foram marginalizados. Acredito que a minha vivência, como um desses possíveis reflexos de quem vive na Santa Maria, colabora na intenção de entender os símbolos que circundam o cotidiano de parte da periferia da RA.

Entendo que as nuances subjetivas de quem vive na margem faz parte das minhas reflexões na dissertação, compreendo que para a contextualização das múltiplas realidades, utilizei o campo do design como um condutor que vai contrariar o método de maneira linear, para a experiência cartográfica, uma vez que apresento o indivíduo marginalizado e parte das suas subjetividades na construção do **objeto | mapa.**

É importante dizer que neste primeiro momento abordei muitas das minhas reflexões como se fosse um diário de bordo, trazendo um contexto de tempo individual e implicações narrativas. Estou escrevendo as primeiras implicações cartográficas, colocando o meu contexto dentro da cidade, exemplificando fatores importantes de um corpo marginalizado por diversos fatores e que só conseguiu eco ao entrar na universidade, para que só assim conseguisse ressignificar muitas das suas vivências, ou mesmo dar vasão para parte da sua realidade. Se colocar aqui com um designer cartógrafo é se empoderar, é construir autoestima, é desbravar o projeto sendo parte dele. Compreendo que isso só foi viável quando enxerguei que as implicações de quem vive nas periferias, também poderiam trazer reflexões ao Brasília Imaginada.

As dimensões da pesquisa, apresentará reflexões que vão possuir em alguns momentos um caráter poético, mas que serão sobrepostas a dados. Dessa maneira, a cartografia se colocará como um espaço de narrativa de vida, observância de dados e compreensões ideológicas que norteiam a realidade de pessoas mais pobres no Distrito Federal. Contudo, sinto que parte do trabalho acontece justamente nesses primeiros questionamentos, que consiste em colocar corpos marginalizados no centro da discussão, colocando a população negra como parte indissociável das fragmentações sociais da nossa cidade. Dialogando sobre uma perspectiva de vida que não ignora a sua realidade, e sim utiliza-se dela como parte de uma narrativa, contando de maneira amplificada a história que é atual, utilizando do campo do design na intensificação dos novos registros.



PROCESSO, METODOLÓGICO



Processo Metodológico

O Designer Cartógrafo na cidade “imaginada”, propõe um percurso que será apresentado em fragmentos, partes importantes para a construção da cartografia periferia - centro. A Cartografia, por sua vez, é a ciência da concepção, produção, difusão, utilização e análise dos mapas, no qual pode envolver operações científicas, artísticas e técnicas para representar graficamente a superfície terrestre.

O campo de estudo que a pesquisa buscou organizar no seu escopo foi o geodesign que podemos tratar como um conjunto de conceitos e métodos que são derivados do design e da geografia como de outras geociências, bem como de várias das profissões de projeto do ambiente, incluindo arquitetura, arquitetura da paisagem, planejamento urbano e regional, e engenharia civil, entre outras.

De acordo com Steinitz (2012), o Geodesign possui grande potencial de possibilitar a colaboração efetiva e simbiótica entre as ciências geograficamente orientadas e os diversos profissionais da área de projeto, sobretudo quando estes vislumbram grandes mudanças ambientais e sociais.

Diante do tema central “Cartografia de Brasília a partir da perspectiva periferia-centro”, utilizar o geodesign como parte do processo, é verificar o parâmetro das desigualdades por meio de escalas geográficas com a colaboração do design para representação dessas escalas, pois as complexidades territoriais e simbólicas são parte de um argumento que é transversal quando tratamos das cidades, dessa maneira, ao trabalharmos em conjunto, podemos dimensionar a compreensão de dados e sua reverberação social.

Como disciplina das ciências humanas, o design, assim como a geografia, existe como produção social o design “não ocorre no vazio”, ele depende do contexto em que está inserido e por isso, deve abranger também o campo de tensões dentro do qual acontece. Dessa maneira o design representa o modo imediato das formas da produção e de vida, ou ainda uma representação do cotidiano, logo não podemos esquecer de questionar os interesses que estão por trás dos objetos e suas produções, dessa forma criamos um “nó entre design e geografia” algo que escutei logo ao entrar no PPG Design da Universidade de Brasília, e que fez todo sentido no desenvolvimento da pesquisa.

O design só se desenvolve para, com e pela sociedade, representando a materialização de suas ideias. Design é sociedade e sociedade é design. Segundo Forty (2007), o design é uma atividade mais importante do que muitas vezes parece ser, ela está ligada aos aspectos econômicos e ideológicos. O design afeta os processos das economias modernas e é afetado por eles. Logo, para o autor, o design não é neutro, dando formas tangíveis às ideias sobre quem somos e como nos comportamos.

A potência social na compreensão de dados é uma ferramenta que prospecta uma visão de futuro, é com essa visão que se atribuiu a construção dos mapas que vão ser apresentados no decorrer do trabalho, utilizando da arte como meio de representar o simbólico, do território como parte essencial para visualizar grupos em situação de vulnerabilidade e do design como interlocutor na organização dos dados.

É importante pontuar que os SIGs (Sistemas de Informações Geográficas, ou GIS - Geographic Information System) são sistemas (ou softwares) que possibilitam a análise, manipulação e geração de dados georreferenciados. Exemplos: Spring, ArcGIS, VisionGIS, QGIS, Idrisi, etc.

Conheça o Software utilizado na pesquisa

O **QGIS** é um **Sistema de Informação Geográfica (SIG)** de Código Aberto licenciado segundo a Licença Pública Geral GNU. O QGIS é um projeto oficial da Open Source Geospatial Foundation (OSGeo). O QGIS disponibiliza um número de funcionalidades em constante crescimento através das funções nativas e de complementos. No qual o usuário pode visualizar, gerir, editar, analisar dados, e criar mapas para impressão.

Neste sentido a prospecção da pesquisa, além de buscar um contexto histórico distribuído por meio dos fragmentos, as organizações dos dados foram feitas através de um software de geoprocessamento o QGIS um dos citados acima, um software livre, tornando-se ponte definidora para o processamento das informações, visando organizar e gerar uma nova informação, por consequência o geoprocessamento facilita a tomada de decisões estratégicas baseadas em informações geográficas em diversos setores.

Através do geoprocessamento, a produção de mapas deixou de ser realizada necessariamente a partir de medições técnicas e observações superficiais, o que colaborou para o aumento da precisão das representações gráficas e na melhoria das qualidades das informações obtidas. Assim, os mapas obtidos por intermédio de um SIG, torna-se base para a construção de projetos transversais, que posso dizer que é o caso da pesquisa em questão, pois utilizou-se de vários meios para se chegar em construções cartográficas que se utiliza da linguagem visual como parte essencial da comunicação.

A geografia tem o objetivo de tornar o mundo sensível e compreensível, proporcionando o reconhecimento e a análise da experiência humana na percepção e construção do espaço geográfico. Essa nova relação cotidiana objetiva e, também subjetiva, que se configura entre o cidadão e o mundo que é fortemente influenciada pela comunicação e a cultura de massa propiciadas pelas tecnologias e os recursos midiáticos da atualidade.

Os meios de comunicação possuem um papel dos mais importantes na vida cotidiana dos cidadãos, especialmente, em relação à percepção e à construção de novos sentidos de espaço e tempo. Esse fato impõe novas questões à Geografia e a sua maneira de conhecer e produzir explicações sobre o mundo. (GUIMARÃES, 2007, p. 58).

Assim, para entendermos a questão do contexto, o refinamento teórico que advém do contato com outro plano do conhecimento, a geografia em conjunto com o design ultrapassa uma experiência empírica do construir espaços, pois acumula valor simbólico e dá sentido ao propósito de confirmação de um campo, que é o design e suas interlocuções, que diante da experiência coletiva e compartilhada, possibilita novos caminhos e contextos.

Na construção dos caminhos por meio dos mapas, antes de tudo é uma possibilidade de reflexão para questões sociais que norteiam nosso cotidiano, representando por meio do simbólico. Olhando para assuntos e grupos vulnerabilizados que sofrem algum tipo de apagamento dentro das estruturas de poder, que na pesquisa, aponta o abismo social entre pessoas negras e não-negras no Distrito Federal e os impactos enfrentados por essa população.

Diante dessa construção de pesquisa, trabalhar design e geografia, possibilita para além de copilar os dados, demonstrar por meio territorial os espaços que populações vulnerabilizadas ocupam no DF, diante de um olhar atento para o território, também para o lugar “sensível” que é (simbólico), pois não podemos deixar de lado as subjetividades que são partes importantes na construção do indivíduo social.

Ao pensarmos no Design como forma de representar o simbólico, aproximamo-nos de sua conceituação a partir de um ponto de vista histórico. Somos levados a situá-lo no contexto do desenvolvimento da cultura humana. De acordo com Bomfim (2005, p.6), “há diversas definições de design e uma análise comparativa entre elas permite concluir que esta atividade objetiva a configuração de objetos de uso e sistemas de informação”. Dessa forma, o design amplia o seu campo de atuação e interação com os múltiplos meios e configurações sociais.

RUA RUA RUA

Os imaginários urbanos segundo Armando Silva (2011, p. XXIX), servem para “[...] projetar fantasias, dão como resultado a constatação de que uma cidade também é o efeito de um desejo ou de muitos desejos [...]”.





FRAGMENTO 1

Brasília um território cartograficamente fragmentado

Entender a dinâmica de uma cidade é um processo complexo, que exige conhecimento sobre sua formação histórica e a rede de relações que estabelece com outras cidades. Santa Maria e Ceilândia, enquanto objetos do presente estudo, tem sua formação ligada à história de Brasília como capital do país, assumindo desde sua inauguração a função de alterar os eixos político e econômico nacional, integrando povos dispersos dentro de um único conjunto urbano. O resultado dessa ocupação, ainda que exaustivamente planejado ao longo de décadas, apresenta continuamente questões de difícil resolução, sobretudo relacionadas à integração do tecido urbano.

É possível observar Brasília como uma capital que é imaginada e “ilustrada” de diversas maneiras, o seu processo de idealização, possibilitou um olhar único, amplo e poético para a sua arquitetura, arte, música e para a vivência que é particular, sistemática e naturalmente pragmática, comparada com outras capitais com características mais orgânicas. A partir da observação de parte desse processo de percepção da cidade, compreende-se que a leitura das regiões administrativa é a essência transversal da capital, pois ela altera a concepção geral e ideológica, visto que as suas peculiaridades representam novas sínteses, sejam elas com características sensíveis ou de outra natureza.



Em 21 de abril de 1960, a nova capital do Brasil era oficialmente inaugurada. A partir de então, Brasília passa a ser o palco principal da vida política brasileira, com presidentes democraticamente eleitos tomando posse, renúncias, tentativas de golpes de Estado, ditadura civil-militar e redemocratização[1]. Durante os seus 63 anos, Brasília atraiu pessoas de todo o país e se firmou como a terceira maior cidade brasileira, com uma população majoritariamente negra, conforme o Mapa das Desigualdades do Distrito Federal, lançado na Câmara Legislativa em abril de 2023.

O Distrito Federal é considerado um território negro, com 57,4% de população assim autodeclarada. Os dados são do Mapa das Desigualdades, lançado em abril do ano passado, durante audiência pública na Câmara Legislativa do Distrito Federal. Em sua 5ª edição, o documento foi produzido pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc)[2], com apoio da Oxfam Brasil, a partir da última Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (IBGE/2021) e além de apresentar dados, traz um recorte com múltiplas linguagens que represente a realidade de RA's[3] marginalizadas.

A cartografia que aqui será apresentada se coloca para além de um dispositivo objetivo, torna-se uma parte inteira das discussões, pois ela apresenta recortes que são transformados na pesquisa, intui um olhar observador de dois pontos da cidade 1º ponto - Santa Maria e 2º ponto - Ceilândia, quase que extremos entre si, mas com encontros comuns, a sua pluralidade cultural e periférica, conectadas por serem RA's do Distrito Federal e por fugirem de um estereótipo planificado, ou mesmo idealizado como o Plano Piloto, pois elas já surgem na margem, afastadas e segregadas.

Compreendendo que a cartografia além de traçar um panorama das desigualdades do Distrito Federal, ela propõe um cruzamento de informações que apresenta o DF como um território negro do Brasil, com 57,4% da população assim autodeclarada, sendo que quando recortamos os dados para Santa Maria essa distribuição é de 65% e Ceilândia 60% segundo os dados obtidos por meio da PDAD - DF[4] 2022. Dessa forma, para além de diagnosticar as desigualdades das duas Ras, a cartografia construída por meio de dados contundentes, expõe o quanto as desigualdades são marcadas pelas questões raciais, de gênero e de classe e ao mesmo tempo busca refletir sobre os seus impactos em nossos territórios e vidas, prospectando alternativas e caminhos para enfrentá-las.

[1] Brasília centenária - https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/TD_13_Bras%C3%ADlia_uma_cidade_centen%C3%A1ria.pdf
[2] O Instituto de Estudos Socioeconômicos - Inesc é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, não partidária, com sede em Brasília.
[3] RA - sigla para Região Administrativa.
[4] PDAD - (Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios) disponibilizada no IPEDF https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio_DF-2021-1.pdf



Colocar o campo do design como mediador desta cartografia é refletir como as desigualdades impactam diretamente na construção da cidadania, participação social e dignidade. Evidenciando como elas impactam a produção de violência, criminalidade e repressão. A incompatibilidade da presença do Estado nas duas regiões administrativas é de soltar os olhos, pois enquanto nas regiões centrais há toda espécie de equipamentos públicos e políticas públicas que sustentam uma existência confortável, nas periferias, especialmente com a população mais negra, esse processo não ocorre da mesma maneira.

A Cartografia se coloca como um processo de compressão do autor-cartografo, que aqui será chamado de Designer Cartografo, visto que ele tratará do espaço que lhe circunda, refletindo a partir de diferentes frentes sobre o seu lugar nesse mapa que é processado por questionamentos de representatividade indenitária, de gênero, de cor, etnia, mas principalmente sobre o conhecimento a respeito do espaço que é mediado por aparatos sociais, constituídas por experiências reais que atravessam transversalmente o design e suas prospecções.

A transversalidade no design é demonstrar a ampliação de profissionais e estudos na área ao longo do tempo, seu escopo vem evoluindo em direção a uma perspectiva sistêmica. Neste sentido, a habilidade conectiva demonstra uma visão alargada em múltiplos meios e com características de desenvolvimento, no qual busca soluções e questões de alta complexidade, pensando na riqueza interpretativa e responsabilidades plurais.

Dessa maneira o campo do design se coloca como mediador, observando a sua relação com as inovações socioculturais e tecnológicas que estão evidentes na conceituação proposta pelo ICSID[5] (2005), segundo o qual:

Design é uma atividade criativa que tem como objetivo estabelecer as múltiplas qualidades dos objetos, processos, serviços e seus sistemas em todo seu ciclo de vida. Portanto, o design é um fator central para a humanização inovadora das tecnologias e um fator crucial para a troca econômica e cultural.

Observar possibilidades cartográficas no design, procura viabilizar uma alternativa para pensamentos dicotômicos, como foi estudada por Gilles Deleuze (1999) a filosofia de Henri Bergson, para Deleuze, a sua filosofia trazia possibilidades de conhecer os fatos, mas um obstáculo estava cristalizado no conhecimento: as ferramentas da linguagem destinam-se a atender as necessidades da vida prática e, com este objetivo, há uma redução da complexidade do mundo, simplificando-o sob o pretexto da necessidade de ação sobre a matéria. (Deleuze, 1999)

Deixando evidente a relação do campo do design com múltiplas linguagens e áreas, assim como na integração e combinação de conhecimentos de outros campos disciplinares. Como reforça Margnin (2000, p.18):

Design é, também, uma atividade integrativa que, em um sentido amplo, combina conhecimento de múltiplos campos e disciplinas para obter resultados específicos. Possui, simultaneamente, uma dimensão semântica e uma dimensão técnica e operativa.

O resgate de experiências e de pertencimento nos espaços, nutrem indagações que conversam com essa Cartografia de Brasília com o campo do design, pois ela explora dados, observa o território, mas ao mesmo tempo busca compreender os pilares das construções das periferias do DF, colocando Ceilândia e Santa Maria, para tratar criticamente sobre lateralidades territoriais e sintomas estigmatizados presentes nas suas realidades notadamente fragmentadas e fragilizadas.

Assim, o método intuitivo de Bergson esforça-se para articular as coisas de acordo com sua natureza, afastando-se de conceitos que impedem potências da investigação. Para isso, Bergson busca pensar a memória como um dos elementos que conectam momentos e transferem o passado para o presente. Sendo este um dos níveis que definem a filosofia de Bergson, a memória é pensada por Deleuze por meio da imagem de um “cone” em que as qualidades do passado e do presente são distribuídas onde “há todo o nosso passado, mas em graus diferentes” e “o presente é somente o grau mais contraído do passado”, como na ponta de um “cone”. (Deleuze, 1999, p. 136).

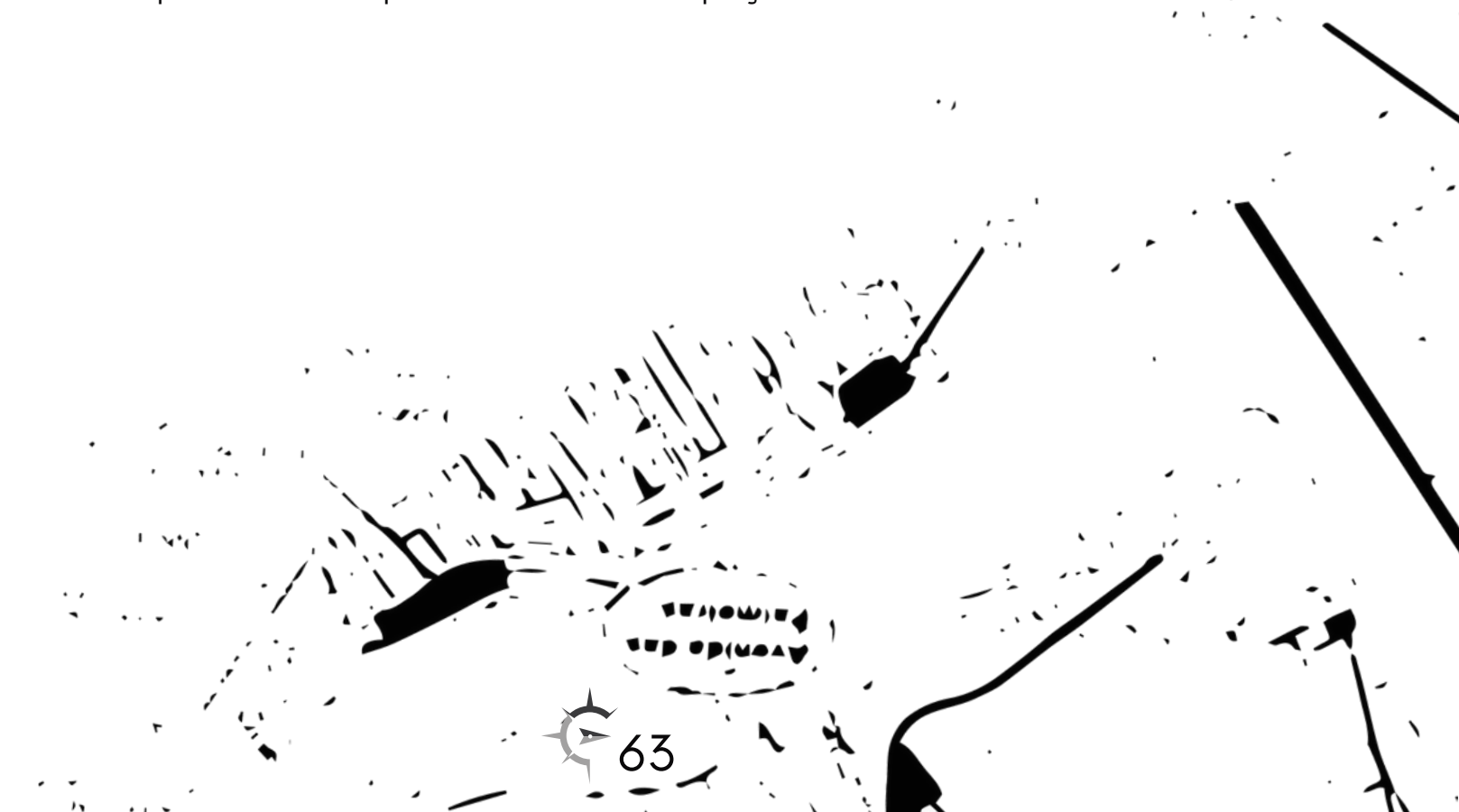
[5] ICSID – *International Council of Societies of Industrial Design*



Quando observamos a cidade como uma escrita fragmentada, entendemos que ela é composta de pequenas cenas e trajetos que conversa com os passos desequilibrados que atravessam as cidades. Com os corpos que se abrem ao desconhecido numa cartografia intensiva (ROLNIK, 2007). Compreendemos que somos corpos que afetam e são afetados pelo contexto que nos circunda e as suas memórias construídas. Assim, os trajetos da cidade dentro da cartografia, possuem o intuito de construir significados e dar lugar a linguagem dos afetos subjetivos presentes nas ruas, mas principalmente apresentar do tecido social que ocupa o urbano.

A Cartografia como molde processual, para além de um meio que compreende o território, ela é um levantamento em campo que consiste captar dados sobre a dinâmica da mobilidade populacional ou a ocorrência de eventos naturais: crescimento ou desaparecimento de áreas, novos blocos no caso de áreas urbanas, ou assentamentos populacionais no caso de áreas rurais (United Nations, 2017).

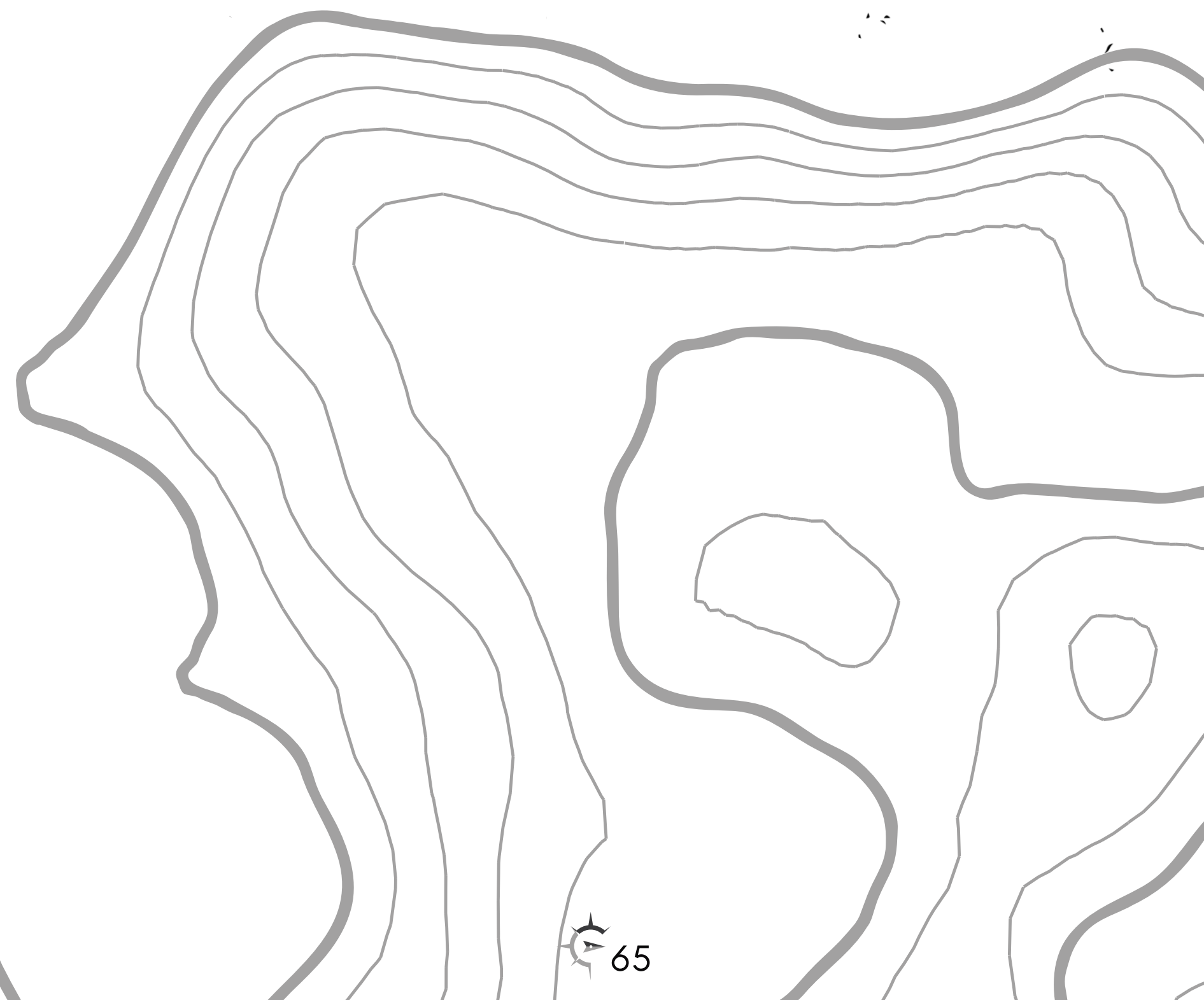
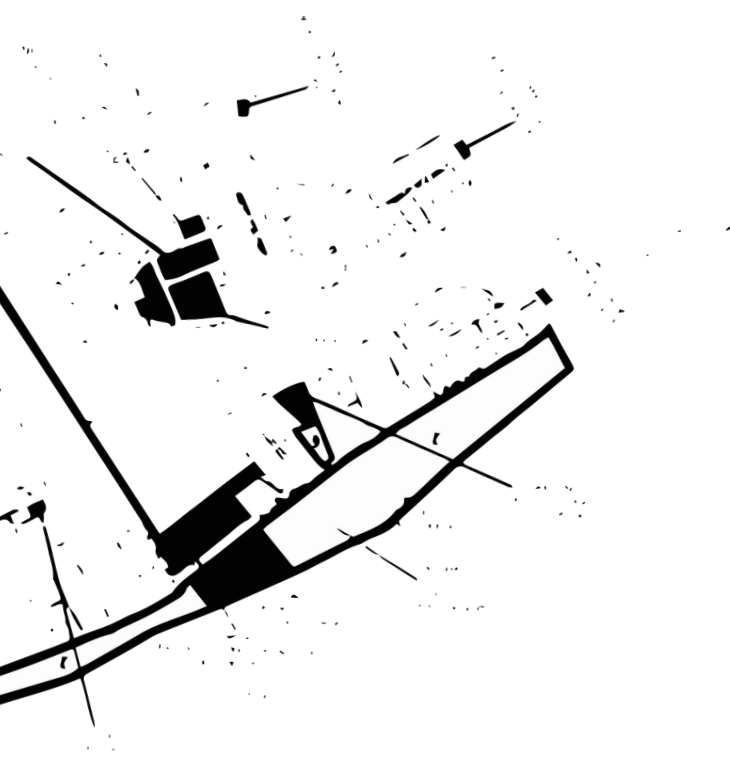
Segundo Milton Santos, o território pode ser visualizado por meio da materialidade (configuração territorial), no qual os sentidos são caracterizados como paisagem. Como uma forma política e econômica a caracterizar o espaço, categoria, objeto e totalidade social, o território contém subespaços que seriam as regiões. Assim, ao adentrarmos em aspectos da geografia e suas ramificações, a utilização do território como arcabouço material é a ferramenta que fomenta a compreensão dos subsistemas dos espaços, mas principalmente a experiência de quem habita esse espaço



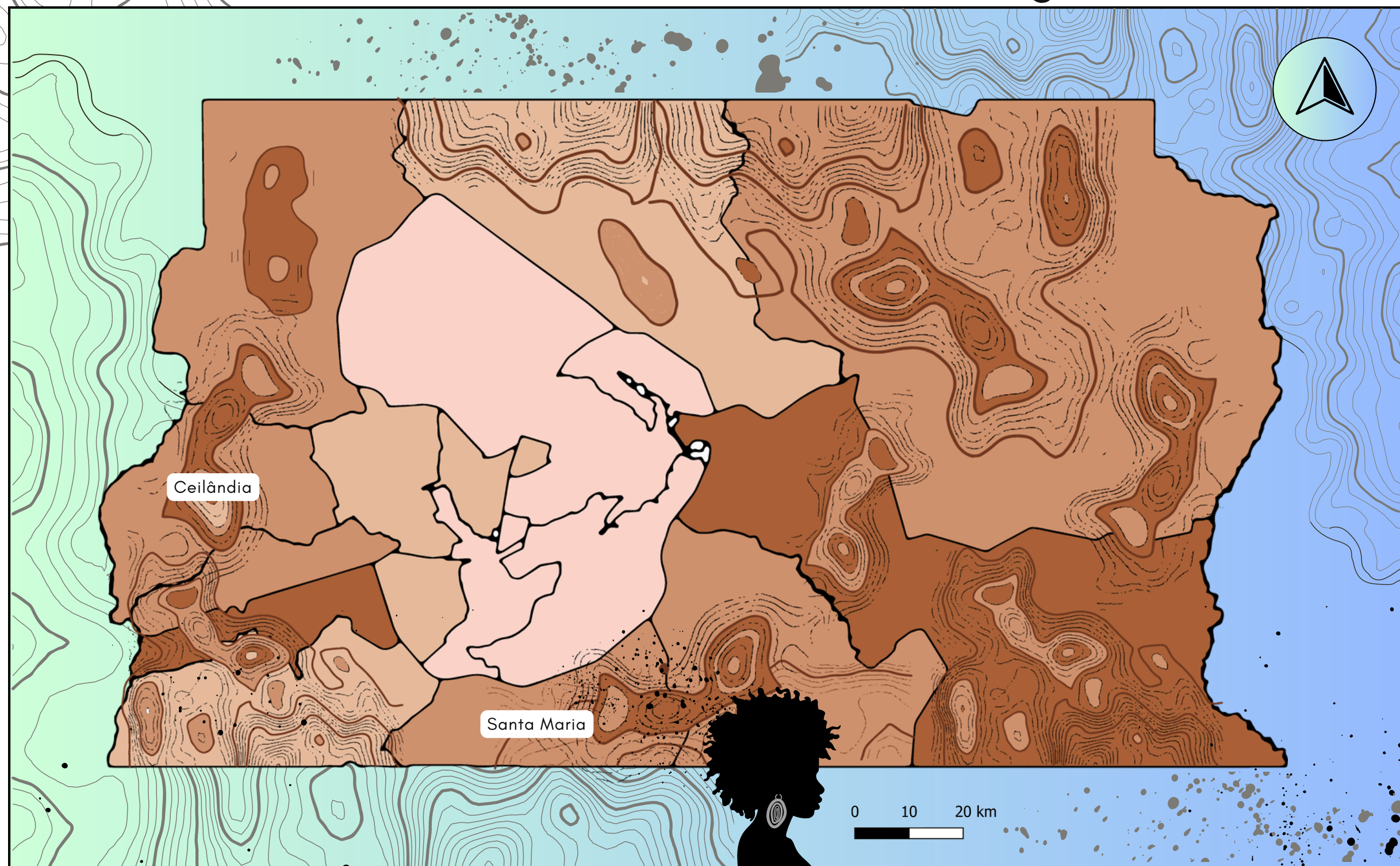


A compreensão de espaço para Milton Santos (1997) se sustenta no argumento de que o espaço em sua totalidade é formado por um conjunto híbrido de sistemas de objetos e de ações. Essa formação indissociável deve ser observada conjuntamente para compreender a dinâmica espacial. O sistema de objetos compreende a totalidade das coisas configuradas para o uso das pessoas. Assim, para Santos (1997), reconhecer os objetos em sua totalidade favorece a percepção da importância dos sistemas de ações na concepção de espaço.

Quando a Cartografia se torna instrumento processual e de Design, ela nos apresenta uma possibilidade de pesquisa que prospecta unir os imaginários com a finalidade técnica dos dados, uma vez que a sua visualização permite identificar modalidades, de um designer cartógrafo, que observa padrões que são descentralizados e reconstruídos por uma experiência que uni indicadores sociais, econômicos e culturais de um meio, para dessa maneira atribuir a discussão do espaço relacional que implica valores simbólicos e vivência de um território.



RENDA DA POPULAÇÃO NEGRA DO DF



Grupos de

Alta	População negra 33%
Média-alta	População negra 40%
Média-baixa	População negra acima de 50%
Baixa	População acima de 65%

Fonte: Codeplan, Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PDAD 2021, GEREPS/DIEPS/Codeplan

Elaboração: Jefferson Silva Santos
Orientação: Daniela Fávaro Garrossini

Ano de elaboração: 2024

PPG
DESIGN
UnB

Projeto de pesquisa: **Brasília Imaginada 2024** | FAP - DF (03/2018)



É FLUXO

É TERRITÓRIO

FRAGMENTO 2

Trajetos e Cidades

A cidade constrói ao longo do tempo identidades e produz identificações dentro de marcos culturais locais. Como organização complexa, a cidade pode ser considerada um sistema de fluxos (REED. 1992). Quando entendemos que o fluxo da cidade é parte da mobilidade, compreendesse que ele constrói o simbólico e ajuda na formação das suas características, por meio de uma organização centrada como um projeto que faz parte da extensão do que compreendemos como cidade e seus limites.

Quando tratamos do crescimento acelerado do DF - (Distrito Federal), de modo amplo, é possível identificar na cidade grandes desafios que envolve a mobilidade urbana, principalmente ao deslocamento de pessoas. É importante ressaltar que Santa Maria e Ceilândia, são duas Regiões Administrativas do Distrito Federal (RA) e possuem sistemas de mobilidade que foram transformados nos últimos anos, contudo diante das mudanças que ocorreram em Santa Maria, e que foi implantado o sistema BRT[6], existem algumas limitações que interferem diretamente na relação do cidadão com o centro Plano Piloto.

[6] BRT (em inglês: Bus Rapid Transit) - tradução: Ônibus de trânsito rápido.



É preciso pontuar que os espaços como território de convivência, representa a participação efetiva das pessoas, pois confere a dinâmica urbana, por compreender os trajetos habituais de uma parcela populacional, revela o circuito formado dentro da estrutura de cidade, que articula em sua organização, a relação dos habitantes com os pontos de trabalho, lazer e outras práticas de caráter individual ou coletivo.

É possível compreender que o espaço urbano do DF, assim como toda a sua área metropolitana, levou a realização de vários projetos de transportes voltados para a acessibilidade dos cidadãos da rede viária da cidade. Sendo assim, o seu planejamento de mobilidade possui características complexas e dinâmicas diferentes para cada ponto, pensando que alguns possuem metrô, já outros não. Alguns pontos possuem vias expressas e outros não são contemplados com esse tipo de acesso, demonstrando que a entrada ao centro, perpassa por experiências diferentes, dependendo do ponto que estiver.

Santa Maria e Ceilândia possuem uma distância média de 30km entre si, quando abrimos o Google Maps, as duas RAs são localizadas em partes opostas do Centro Plano Piloto, a possibilidade de mobilidade mais acessível entre as duas regiões é o transporte público, por meio de ônibus e linhas direcionadas, Santa Maria não possui metrô, Ceilândia possui, mas o seu sistema só é estendido por regiões próximas e o centro Plano Piloto.

A conexão das duas Regiões Administrativas dentro da pesquisa é atribuída na reflexão das distâncias e do simbólico, de lugares com identidades únicas e pluralidade de vidas, partindo do pressuposto que a distância sistêmica influencia diretamente naquilo que é acessado nas cidades, e como o deslocamento e o tempo transformam o que será possível conhecer e vivenciar diante da realidade de cada uma.

Para falar dos trajetos, devemos tratar diretamente a respeito da mobilidade urbana, os recursos que estão disponíveis, para que seja observado a viabilidade e acesso aos espaços. E dentro desse contexto, é importante compreender quem fica a maior parte do seu tempo dentro do transporte público, principalmente quais são os corpos que consequentemente dão identidade social para esses principais meios de mobilidade.

Observar os meios de mobilidade é entender o tamanho e dispersão dos fluxos presentes na cidade (externo, periurbano e interurbano), pois esses moldes configura a circulação da população. O tempo e os recursos gastos nos sistemas de mobilidade, determinam como são construídos dentro de um agrupamento, mas quando se amplia, possibilita uma reflexão no que se constrói de imaginário na cidade e como o indivíduo é afetado no contexto inserido, seja social, cultural ou econômico.

Ressaltamos que há existência de problemas contextualizando as duas regiões citadas, pois a experiência do dia a dia nas metrópoles de modo geral, interfere na qualidade de vida da sua população. Por esse motivo a proposta contextual da pesquisa é abrir uma perspectiva que olhe os dois pontos de longe e de fora, de perto e de dentro, apresentando os atores sociais e a heterogeneidade da vida cotidiana, pois os mapas são fontes vivas e carregadas de símbolos.

Santa Maria e Ceilândia, apresentam demandas de mobilidade que possuem modais ferroviário e rodoviário, pontuando que Santa Maria só possui o rodoviário, mas ambas são organizadas por um tráfego urbano definido por linhas e pontos, que pode ser estabelecida por uma logística urbana e contextualizada, porque cada RA constrói na particularidade e nas distâncias um cenário fortalecido por um meio estabelecido em frente aos seus contextos.

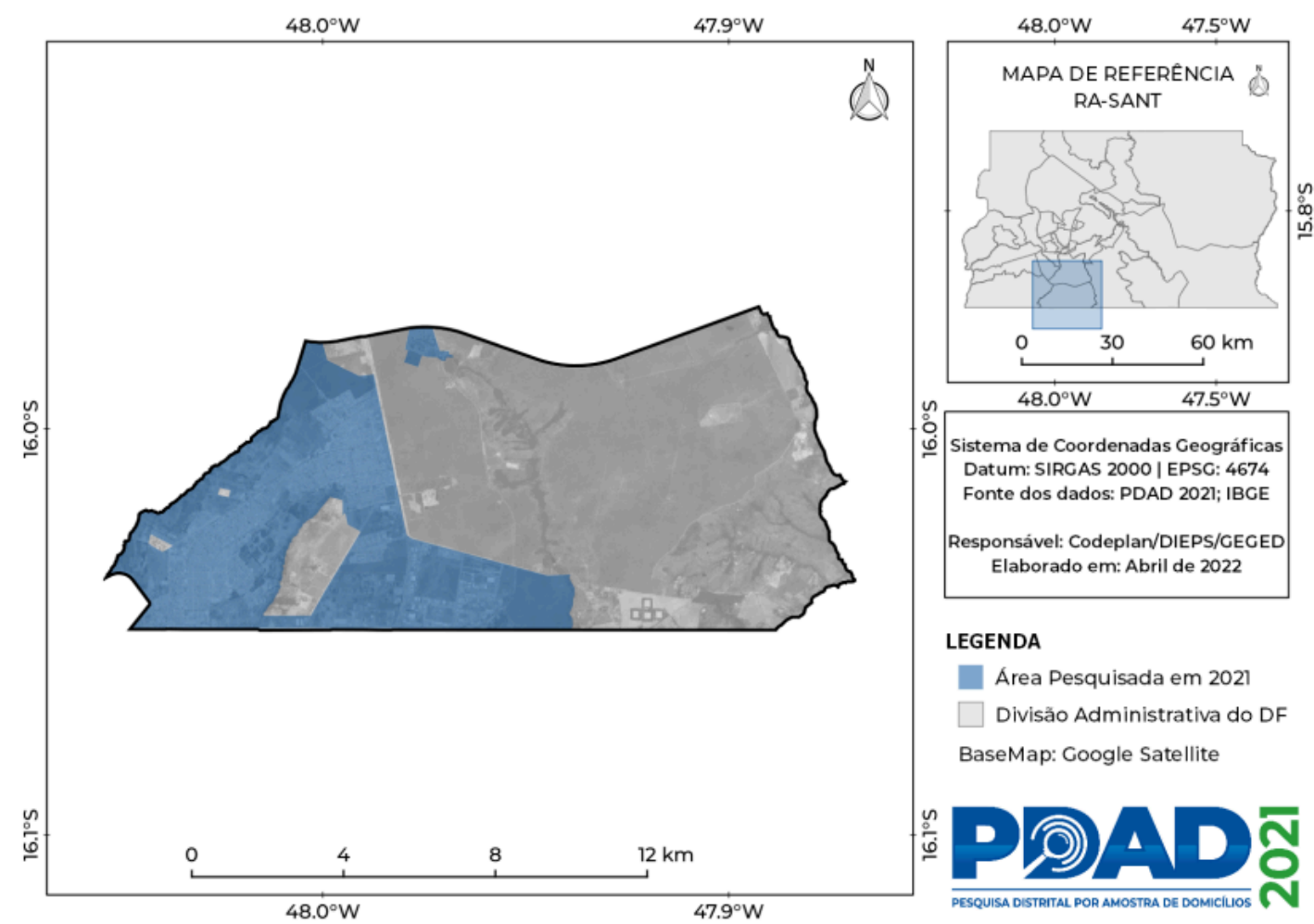
Os trajetos são fluxos que se conectam de modo direto com a mobilidade, pois ela é complexa e definida por vários atores como o poder público e a sociedade, inter-relacionados com a necessidade e o impacto que podem trazer no quesito desenvolvimento e crescimento. Quando colocamos o poder público como ponta das questões relacionadas a mobilidade, é possível observar que algumas variáveis são desconsideradas, com diferentes impactos em curto, médio e longo prazo e em diferentes recortes sociais e territoriais.

Esse projeto se concentra em entender duas RA's (Regiões Administrativas) distantes do centro do DF, partindo de uma perspectiva sobre a margem e juventude negra que ocupa essas lateralidades. Observar os meios de locomoção, possibilita a compreensão de como a teia social dessas localidades se conectam com o centro, entendemos que há um fluxo permanente de pessoas da periferia da cidade para região central, sendo assim, esse tema abre debate sobre como o sistema de mobilidade e distâncias, interferem diretamente naquilo que conhecemos e entendemos sobre a Brasília que é acessada diante de algumas dificuldades sistematizadas.

Apresentar os contextos da cidade a partir da sua população e as suas diversas práticas possibilita introduzir no cenário de experiências subjetivas outros pontos de vista sobre a cidade e suas circunstâncias, para além do lugar concreto e objetivo, visto que ela parte de interesses empíricos e complexos, sabendo que a cidade constrói e ressignifica os seus símbolos o tempo todo.

As características da população de Santa Maria e Ceilândia e as questões enfrentadas por elas, norteiam os problemas encarados no dia a dia dos moradores, Estudos feitos pelo Instituto Multiplicidade mostra que as pessoas negras, em especial, gastam mais tempo em trajetos[7], é neste momento que observamos a potência de estudos como parte da compreensão do acesso, das oportunidades em atividades, bens e serviço.

[7] MULTIPLICIDADE 2022 - https://multiplicidademobilidade.com.br/wp-content/uploads/2022/08/1%CC%81Indice-de-Acesso-a%CC%80-Cidade_Final.pdf, Acessado em 18 de maio de 2023.



Área de cobertura
de **Santa Maria** na PDAD 2021

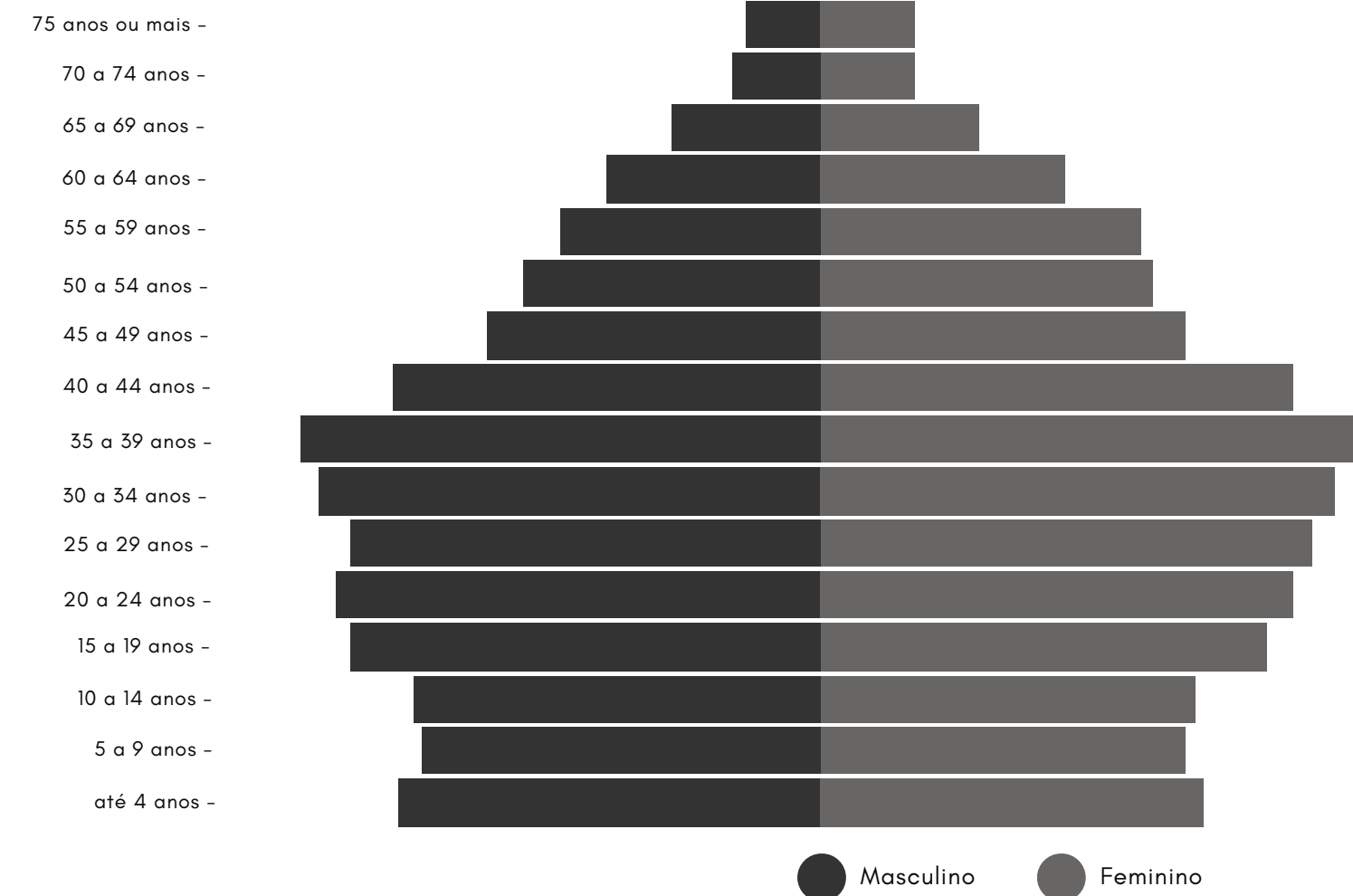


CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA DE SANTA MARIA

Representar Santa Maria como parte latente da pesquisa é fazer um recorte que observa a sua realidade por meio das diferentes camadas e frentes, que permeiam a realidade da sua população. Abrir uma discussão que verifica diferentes parâmetros que vão ser apresentados logo em seguida, busca, apresentar a diversidade que é contemplada dentro da região administrativa, e consequentemente a sua relação com o centro do Distrito Federal.

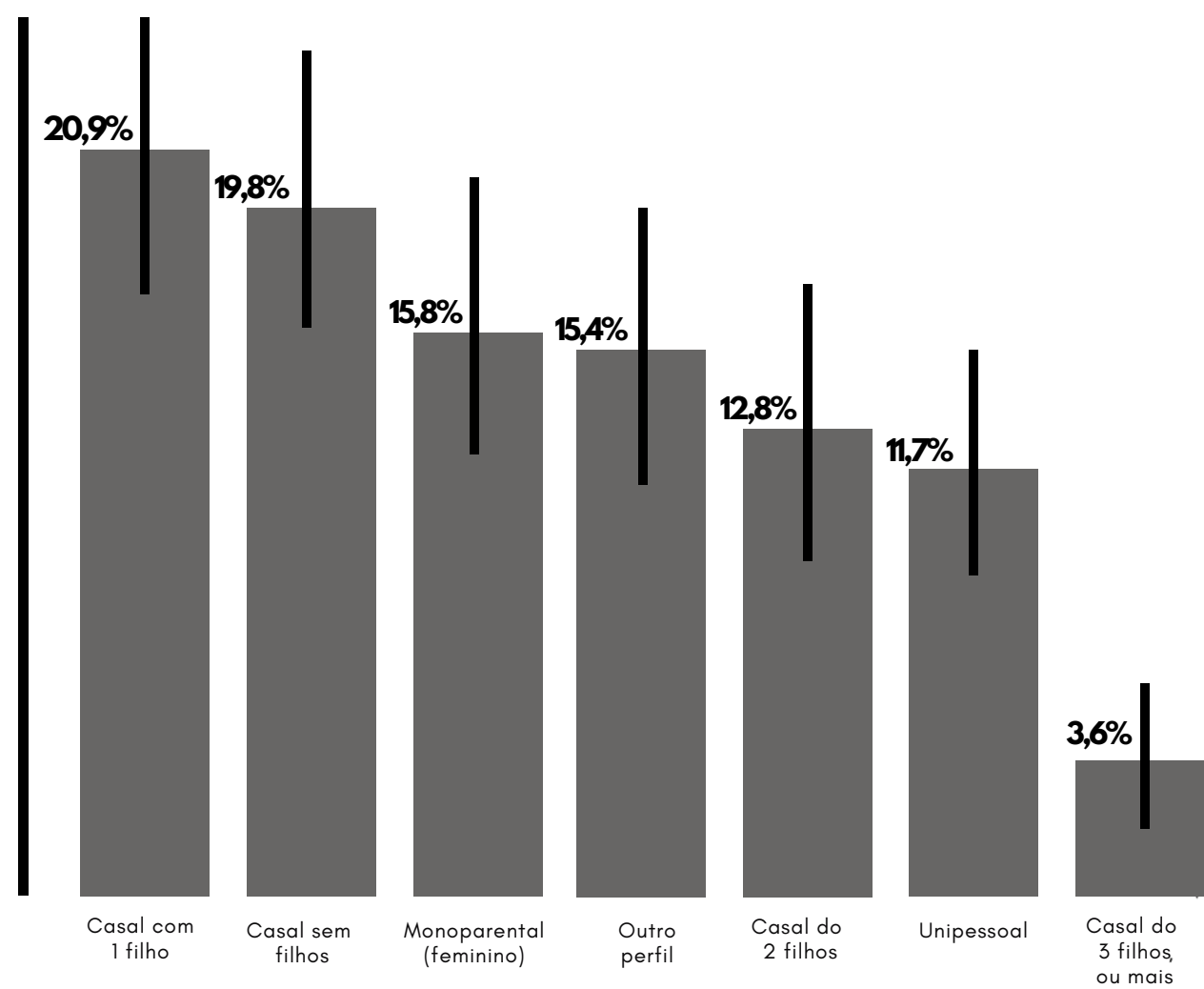
A PDAD 2021 aponta que a população urbana da RA Santa Maria era de 130.970 pessoas, sendo 52% do sexo de nascimento feminino (Tabela de Distribuição da população por faixas de idade e sexo). A idade média era de 32,4 anos. A pirâmide etária, apresentada na próxima figura traz a distribuição da população por faixas de idade e por sexo.

Distribuição da população por faixas de idade e sexo de Santa Maria.



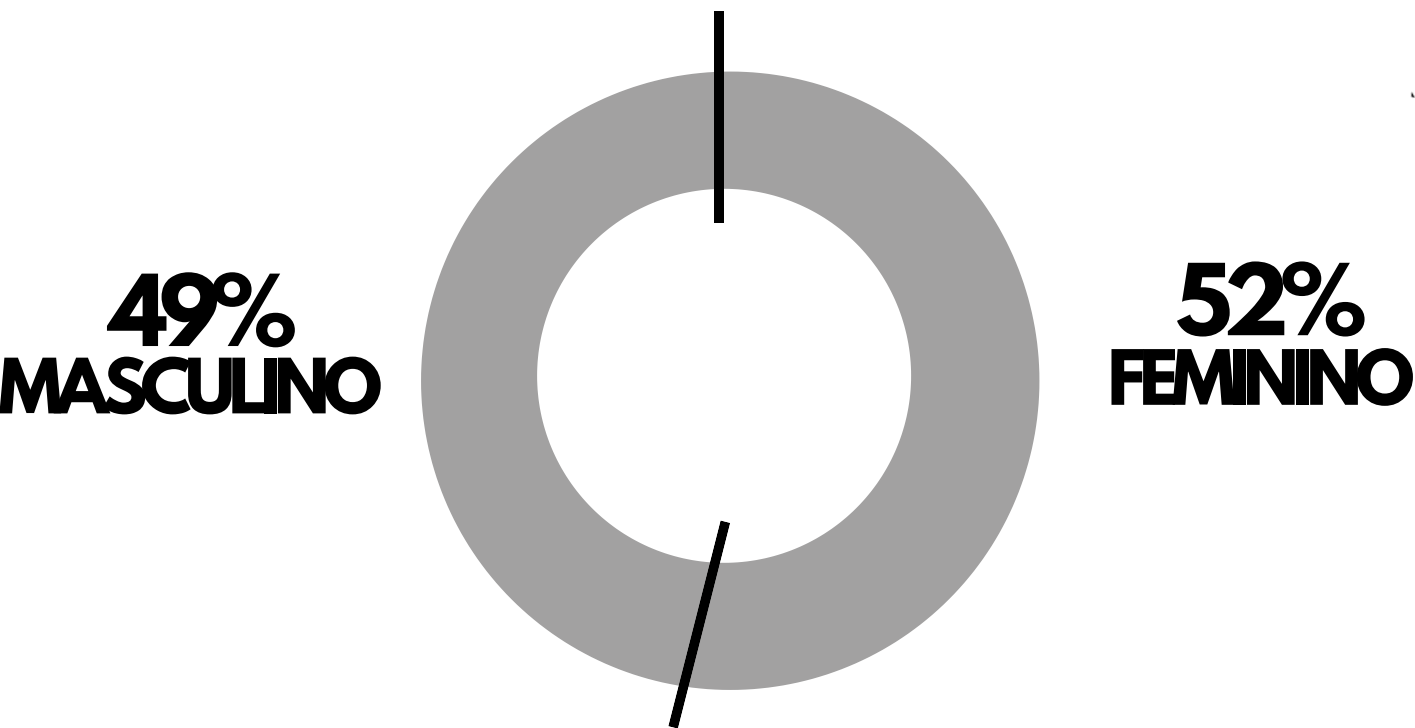
Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Distribuição da população por arranjos domiciliares



Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Distribuição da população por sexo

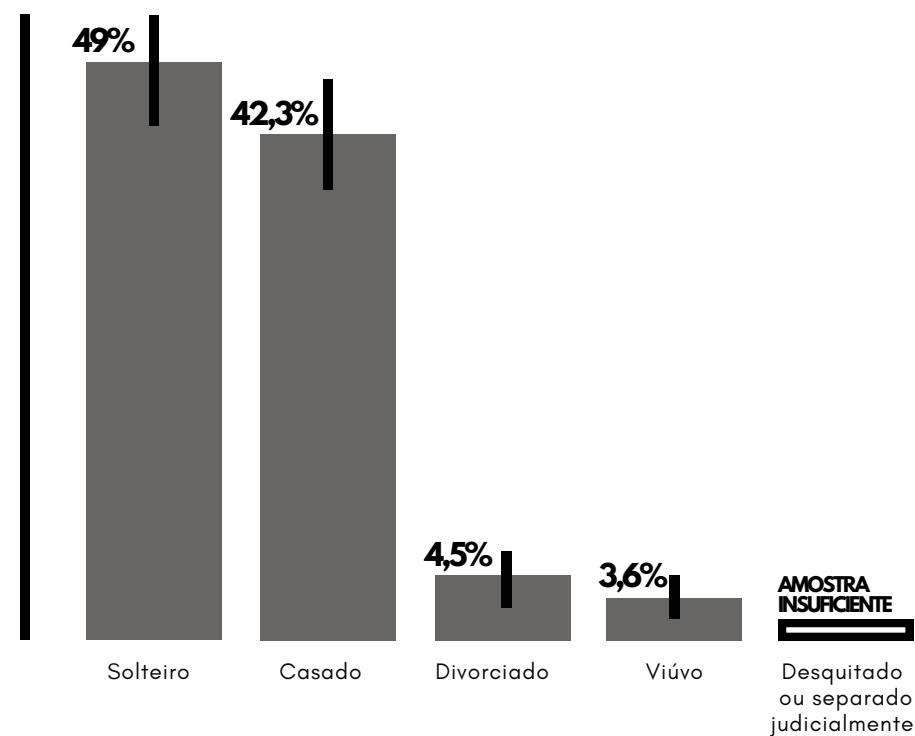


Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

É importante pontuar que esses dados que foram retirados da pesquisa PDAD 2021, na qual trouxe um aspecto inovador, pois no momento da pesquisa, foram feitas perguntas sobre identidade de gênero e sobre orientação sexual dos moradores com 18 anos ou mais de idade. Quando considerado o cruzamento com a questão sobre sexo de nascimento dessas pessoas, não houve amostra suficiente para divulgação dos resultados tanto de identidade de gênero quanto de orientação sexual, dessa maneira os gráficos ou representações visuais não serão apresentados.

Quando consideradas as pessoas LGBTQIA+, ou seja, pessoas transgêneros e/ou lésbicas, gays, bissexuais ou outros, verificou-se uma resposta afirmativa para 2,2% dos respondentes segundo os dados da PDAD 2021.

Distribuição da população por estado civil (14 anos ou mais)

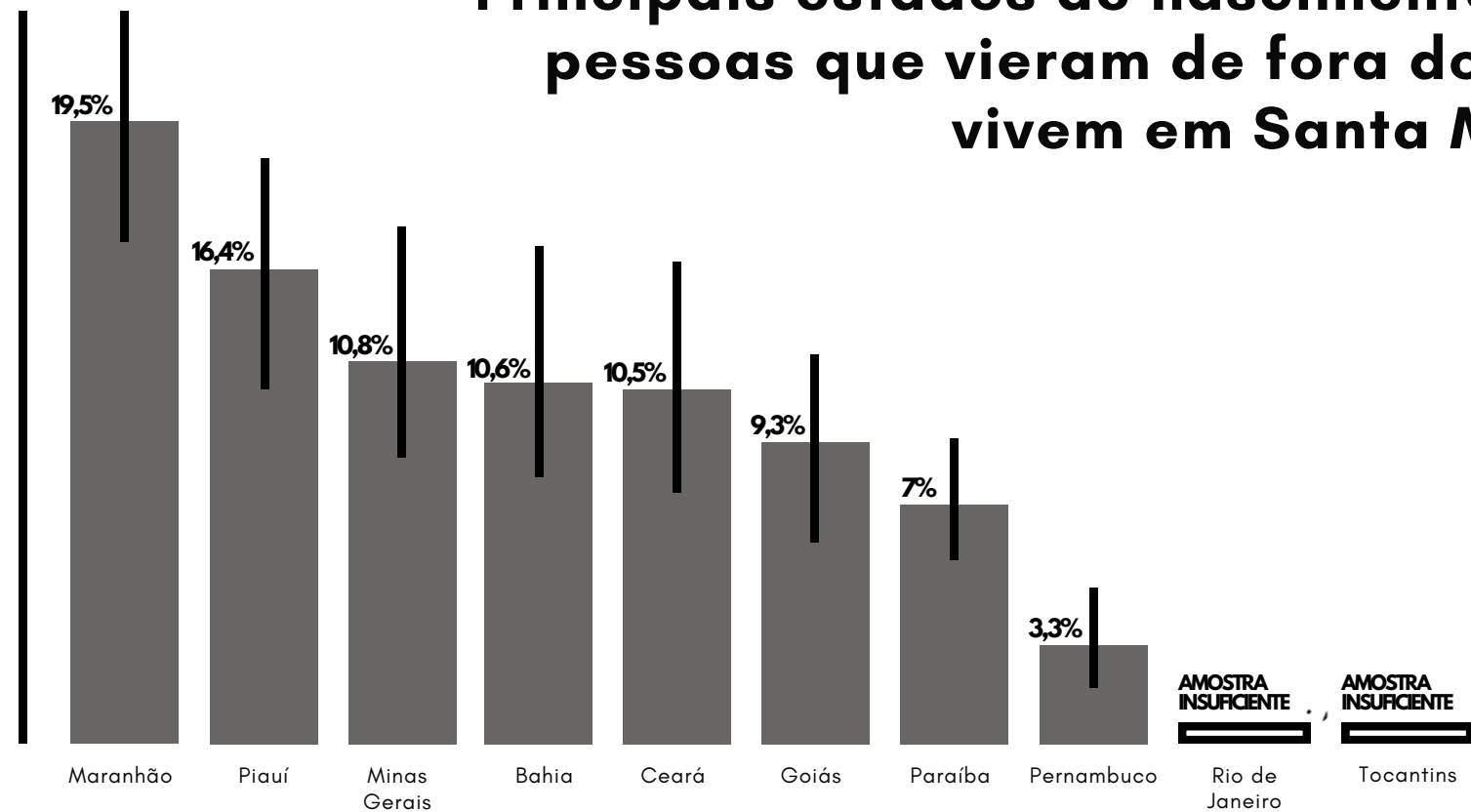


Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Migração

Quanto à origem dos moradores, 62% informaram ter nascido no próprio DF segundo os dados apresentados pela PDAD. Para os que não nasceram no DF, o estado mais reportado foi Maranhão, segundo 19,5% dos entrevistados (apresentado no gráfico: Principais estados de nascimento das pessoas que vieram de fora do DF). Para todos os moradores do DF, o tempo médio de moradia na capital federal é de 24,8 anos, enquanto o tempo médio de moradia da RA é de 15,3 anos. Sobre aqueles que vieram para o DF ou que deixaram o território, mas retornaram posteriormente, foi questionada a motivação que os levou a fazer isso. Para 49,8% dos responsáveis dos domicílios, acompanhar parentes ou reunião familiar foi a principal razão da movimentação (Esses dados serão apresentados no gráfico: Distribuição da motivação do responsável do domicílio a mudar e/ou retornar à capital federal).

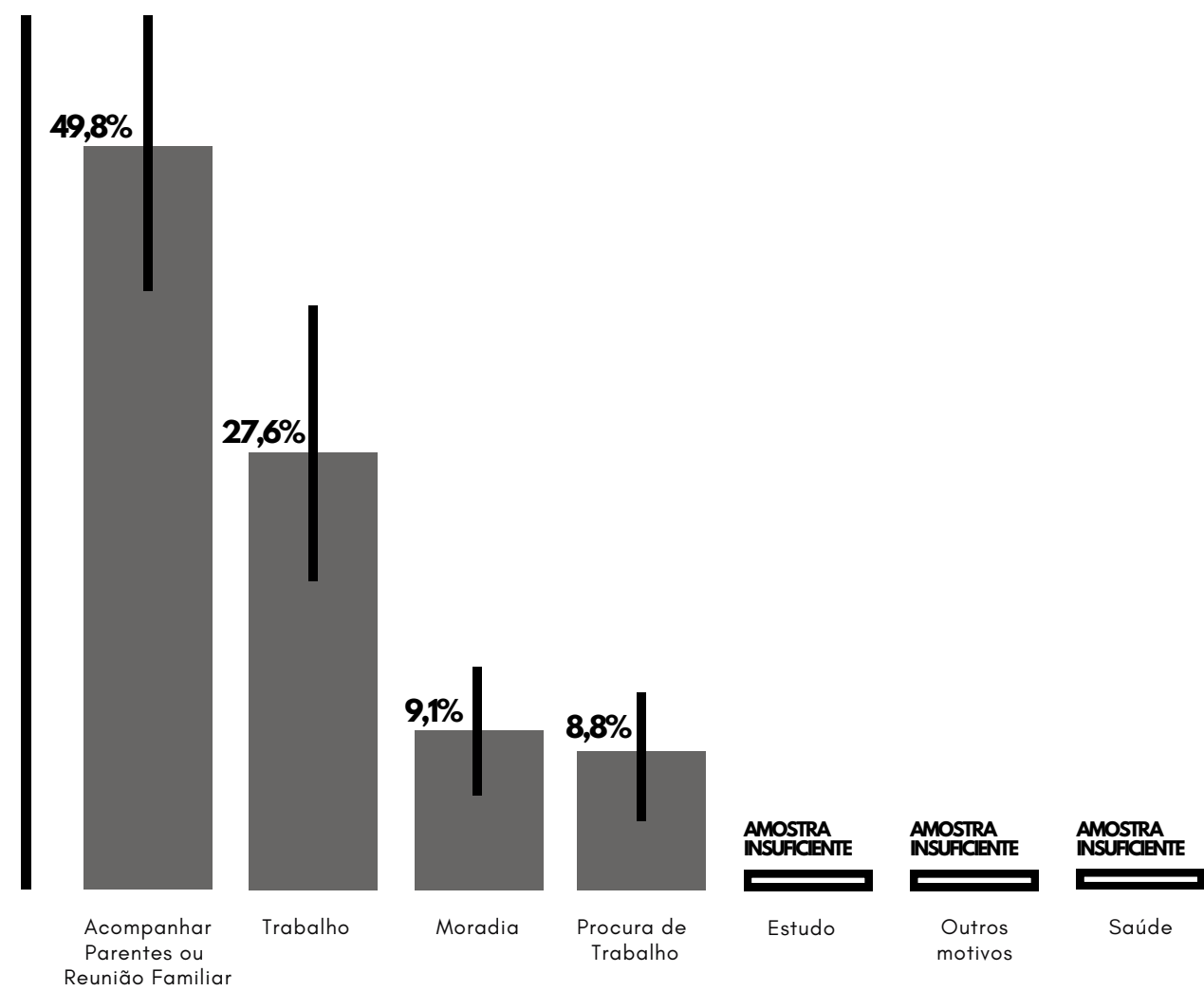
Principais estados de nascimento das pessoas que vieram de fora do DF e vivem em Santa Maria



Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

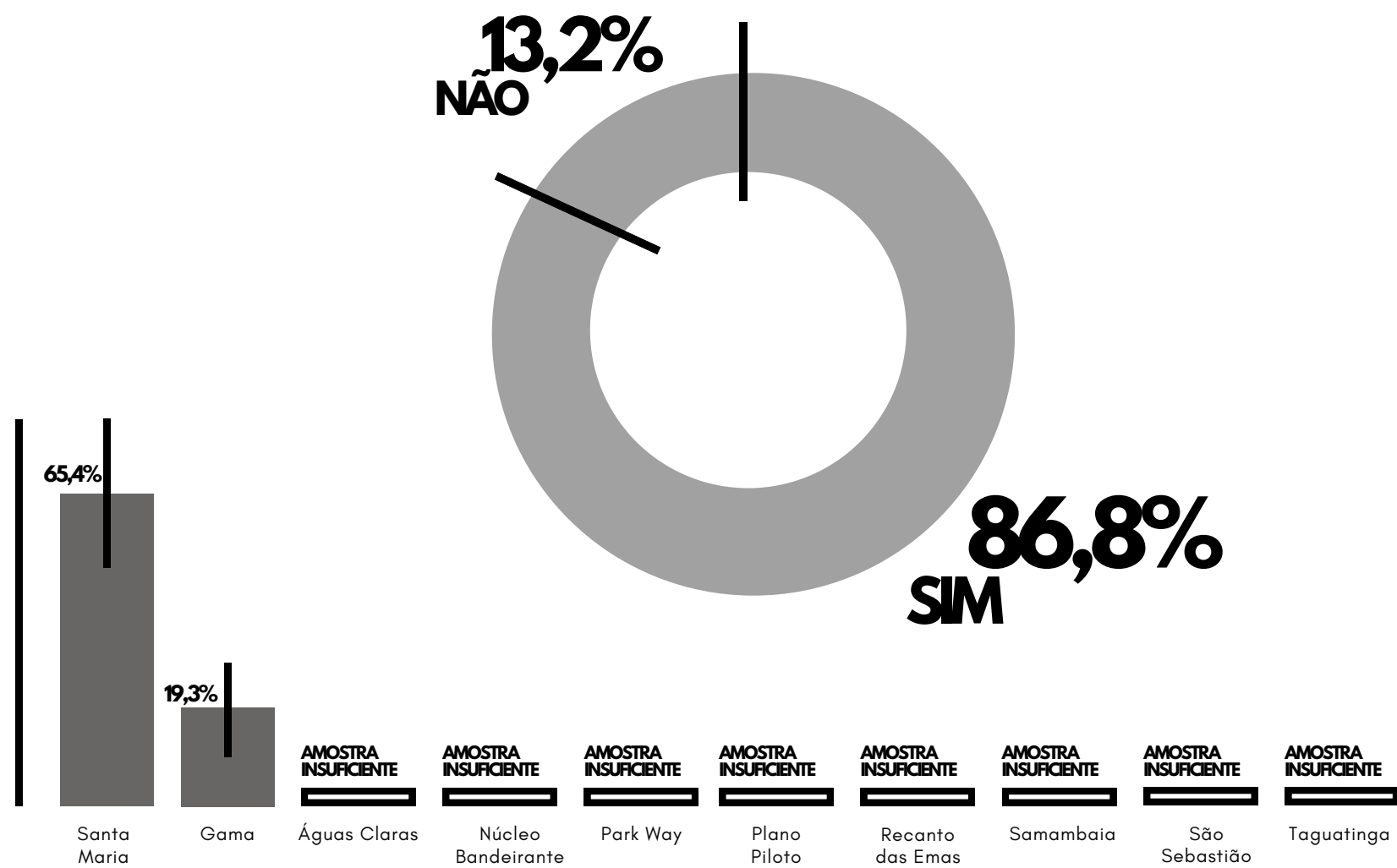
Segundo os moradores com 14 anos ou mais de idade, 13,2% afirmaram ter intenção de constituir um novo domicílio no DF, sendo a RA Santa Maria a mais reportada (65,4%)

Distribuição da motivação do responsável do domicílio a mudar e/ou retornar à capital federal



Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Intenção e localidade para constituição de novo domicílio nos anos 2022 | 2023 das pessoas de 14 anos ou mais,



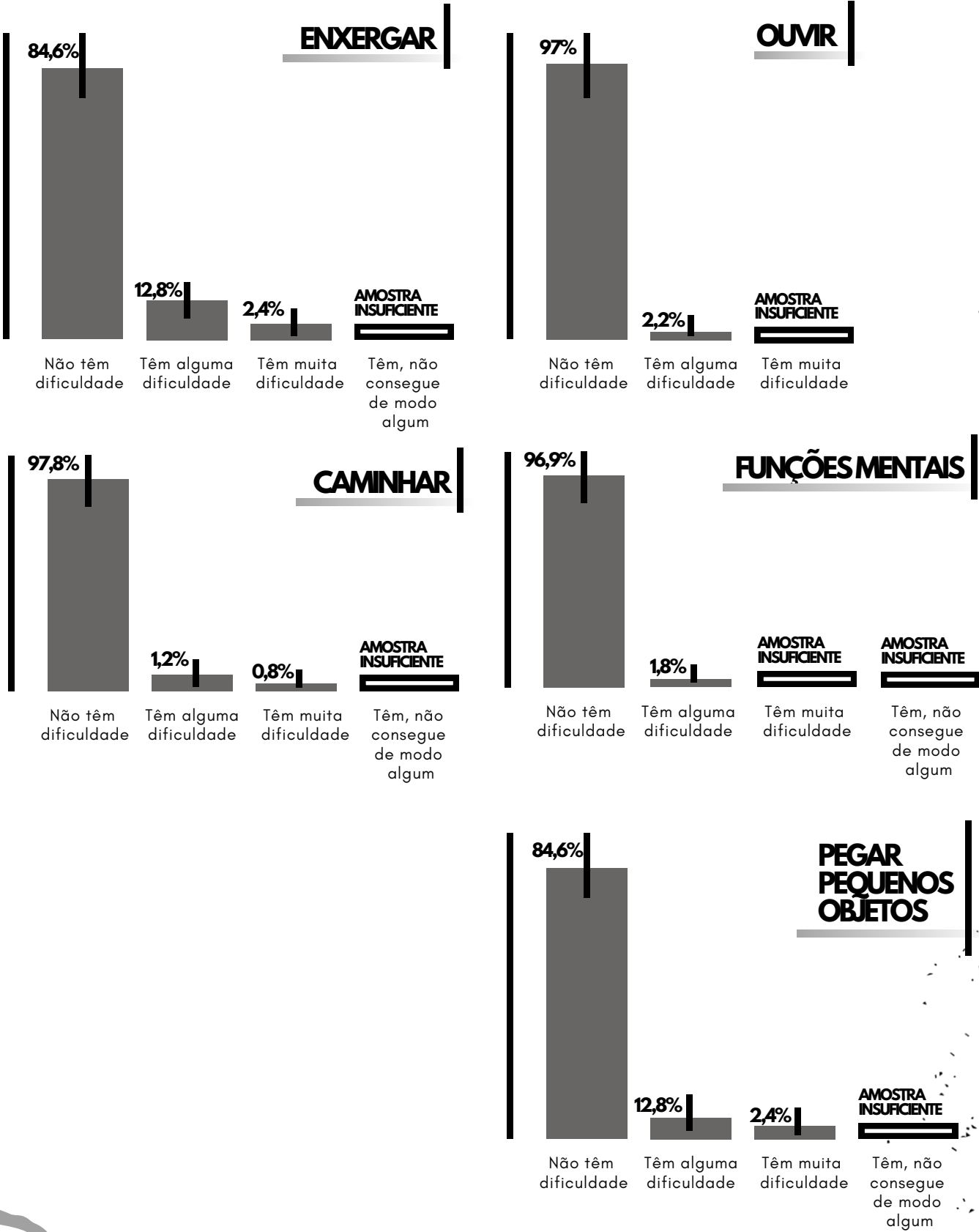
Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Saúde

A PDAD 2021 levantou informações sobre pessoas com deficiência. No que diz respeito à visão, 84,6% declararam que “não têm dificuldade” para enxergar como é apresentado na tabela ao lado. Quanto à audição, 97% declararam que “não têm dificuldade” para escutar. Já para a locomoção, 96,2% informaram que “não têm dificuldade” para caminhar ou subir degraus. Por fim, 96,9% reportaram que não têm dificuldade decorrente de limitações nas funções mentais, enquanto 97,8% não têm dificuldade para pegar pequenos objetos.

Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

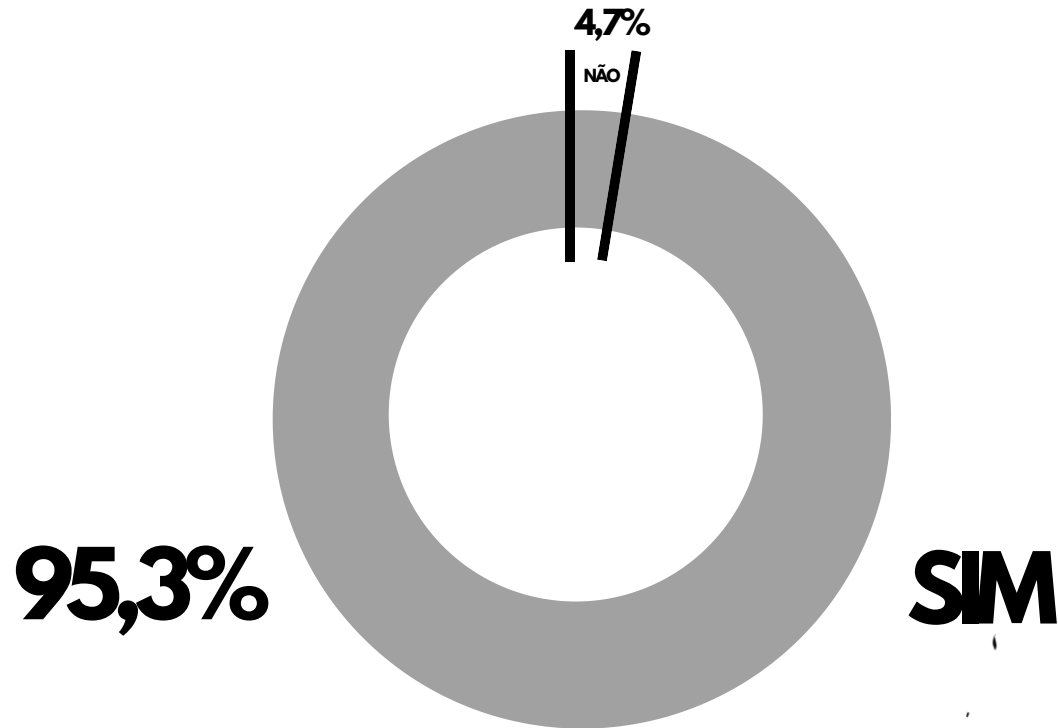
Distribuição da população segundo grau de dificuldade para enxergar, ouvir, caminhar ou subir degraus, limitação nas funções mentais ou dificuldade para pegar pequenos objetos



Escolaridade

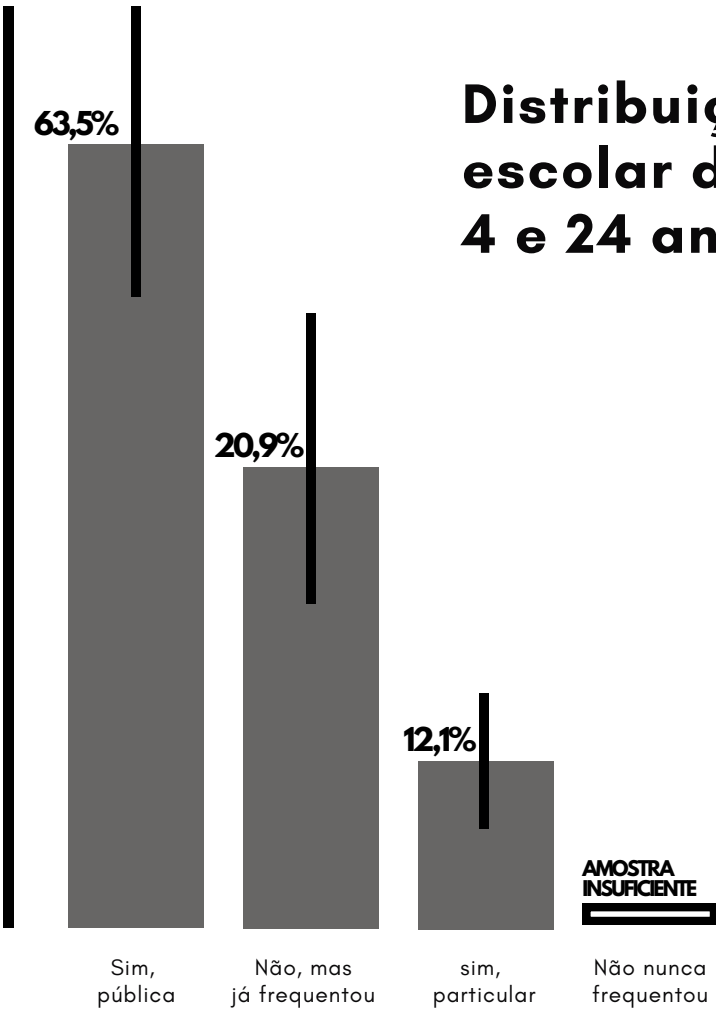
Sobre a escolaridade, 95,3% dos moradores com seis anos ou mais de idade declararam saber ler e escrever. Para as pessoas entre 4 e 24 anos, 63,5% reportaram frequentar escola pública.

População com seis anos ou mais de idade que declararam saber ler e escrever



Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Entre aqueles que frequentavam alguma unidade de ensino, 69,1% estudavam na RA Santa Maria. O principal meio de transporte declarado foi a pé, para 40,6% dos estudantes. O tempo gasto para chegar nas instituições de ensino de modo geral foi correspondente a 15 minutos para 47% dos estudantes.



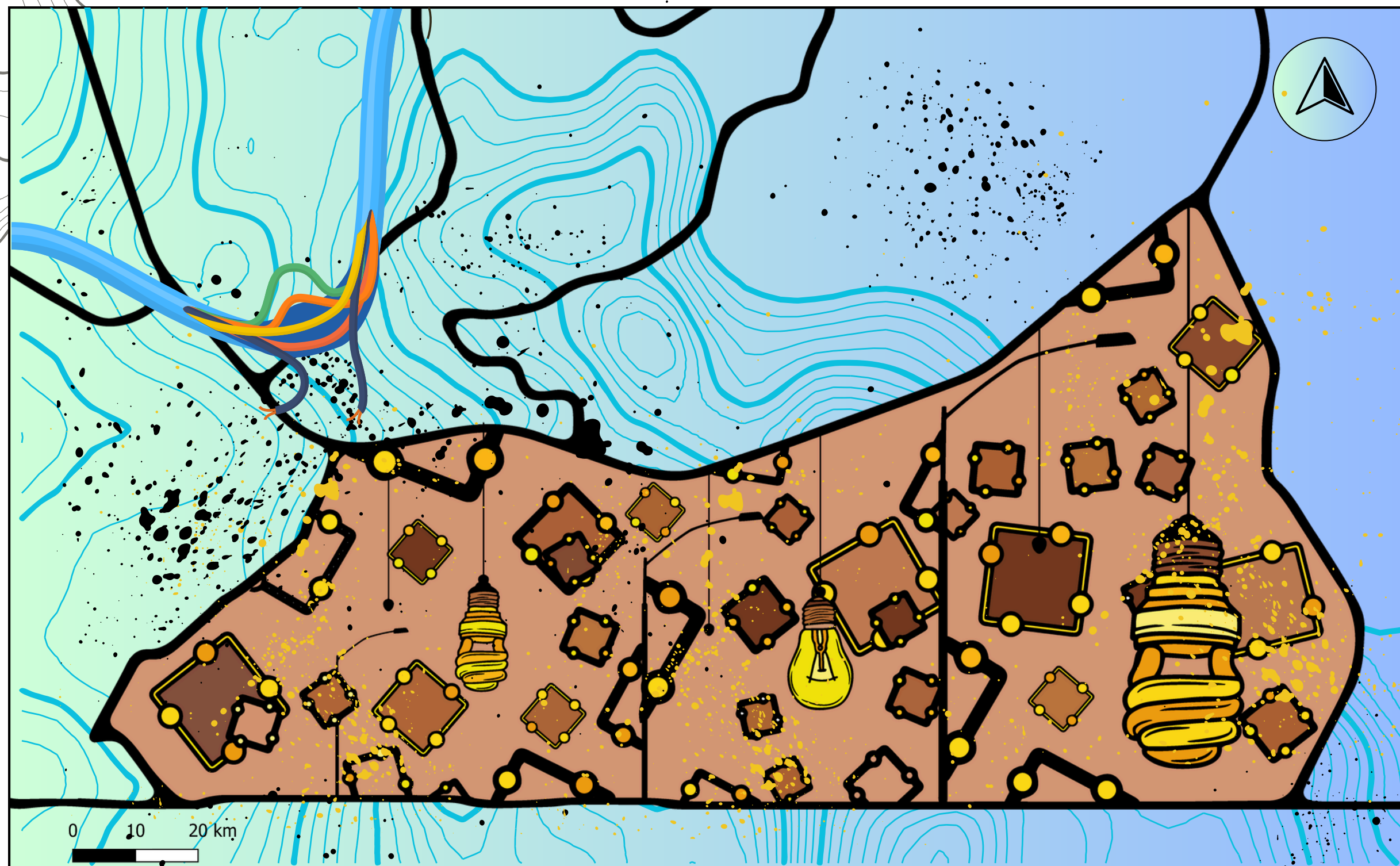


SANTAMARIA “UM CIRCUITO DE MEMÓRIAS”

O mapa “um circuito de memórias” foi idealizado com o intuito de representação do simbólico a partir de pontos importantes para história da região administrativa. O povo da RA coleciona memórias de um tempo em que a poeira vermelha invadia as casas, cobria as roupas no varal e tornava o transporte público, que já era precário, ainda mais desagradável. Mas também coleciona memórias de um tempo em que o apoio mútuo das pessoas da comunidade foi fundamental para a superação de tudo em prol de um sonho comum maior: a casa própria e a vida digna. **Uma parte da cidade iluminada por sonhos e vontade de crescimento por aqueles que neste ponto do Distrito Federal habita.**

É importante lembrar que a ausência de uma rede de água e esgoto dificultava a vida da população, que foi algo que durou por muito tempo, pois os moradores dependiam, inicialmente, dos caminhões pipas e, mais tarde, do famoso chafariz. E na disputa pela água, desentendimentos faziam parte de cotidiano. São histórias que hoje são contadas entre risos, e que marcaram a vida das pessoas.

SANTAMARIA “UM CIRCUITO DE MEMÓRIAS”



Pesquisa: **Brasília Imaginada**

-  **83,9%** Frequência escolar em instituição pública da população entre 4 e 24 anos.
-  **65%** da população com renda Média-baixa recebendo por domicílio o valor de R\$ 1.300,00 a R\$ 1.999,00.

Fonte: Dados de Projeto de Pesquisa Brasília Imaginada e Rendimento domiciliar x População negra no DF PDAD/DF, 2022

Elaboração: Jefferson Silva Santos
Orientação: Daniela Fávoro Garrossini

Ano de elaboração: 2024

PPG
DESIGN
UnB

**65%
NEGRA**

Projeto de pesquisa: **Brasília Imaginada 2024** | FAP - DF (03/2018)

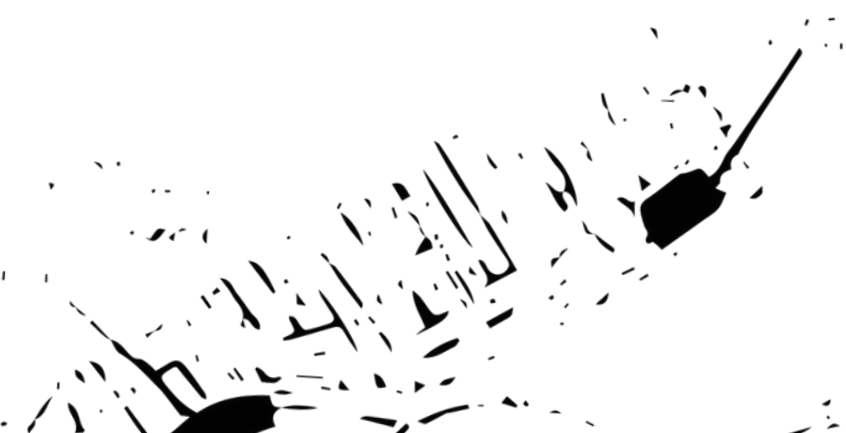


SANTA MARIA **“UM CIRCUITO** **DE MEMÓRIAS”**



O mapa Santa Maria, um circuito de memórias, foi feito com o intuito de trazer uma representação artística a partir do projeto Brasília Imaginada, a proposta do mapa se coloca com o intuito de desmistificar uma região administrativa considerada durante muito tempo como cidade dormitório, pois ela vai além desse estereótipo, a proposta visual foi representar a RA como um lugar que se constrói novas ideias. No qual as pessoas começam a se entender como um indivíduo que possivelmente vai prospectar para além do que a população considera ser inalcançável. Dentro desse esse mapa, é possível observar que 83,9% da população frequenta escola pública, no qual qualifica que a construção de novas ideias pode partir da educação.

É importante ressaltar que boa parte das escolas não possuem uma estrutura que de fato contemple as reais necessidades dos estudantes, atualmente ainda existe uma grande evasão de alunos no contexto da educação pública, sem contar que a falta de professores também interferem no seu processo de aprendizagem durante os seus anos escolares. Ainda que esse mapa tenha sido idealizado de maneira poética, obviamente, em tratar de Santa Maria a partir de diversas reflexões apresentadas durante a pesquisa, essa não é a sua única função. Para tratarmos das memórias construídas temos que identificar quais são as problemáticas desse território para diante dessa compreensão, entender a sua longevidade e identidade própria.



FRAGMENTO 3

“Santinha” do Distrito Federal

Tratar deste fragmento consiste na compreensão do assunto que circunda um dos tópicos da investigação. A “santinha” do Distrito Federal é um lugar que pode abrir a discussão sobre a teia social periférica e negra que compõem o DF, tratando das experiências que a população carrega no seu cotidiano, no seu pertencimento e construção historiográfica da periferia. Contada por uma população marginalizada, que é nutrida por um esforço contínuo e dentro de um contexto social marginalizado

A Região administrativa de Santa Maria – RA XIII – completou 30 anos no dia 10 de fevereiro de 2023. É uma área que compreende as áreas da Marinha, Saia Velha e o Pólo JK. A RA (Região Administrativa) se localiza a 26 km de Brasília, a cidade é rodeada por dois ribeirões, Alagado e Santa Maria, sendo que este originou o nome da RA.

Em 1990, foi instituído o Programa de Assentamento do Governo do Distrito Federal para atender a demanda habitacional de famílias de baixa renda e relocar ocupações irregulares dispersas no DF. Na esfera desse programa, foi criada em 4 de novembro de 1992, pela Lei 348/92 e regulamentada pelo Decreto nº 14.604/93, a RA XIII – Região Administrativa de Santa Maria. A ocupação foi iniciada nas quadras 200 e 308 a 310. Nos anos seguintes, houve a consolidação da ocupação do parcelamento, que se situa entre os ribeirões Alagado e Santa Maria[8]

[8] CODEPLAN. PDAD 2018 – Santa Maria, 2019. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Santa-Maria.pdf>.

O Setor Habitacional Ribeirão também conhecido como Condomínio Porto Rico (nome dado no início da ocupação da região) foi um desses espaços que foi ocupado anos depois, a região foi parcelada e vendida irregularmente por grileiros de terras no fim dos anos 1990 a valores muito abaixo do mercado. Atraindo dessa maneira a população mais pobre das redondezas. De acordo com o Censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o Setor Habitacional Ribeirão possui 7.129 habitantes, sendo 3.574 homens e 3.555 mulheres, 1.926 domicílios e foi classificado como Aglomerado Subnormal ou Favela.[9]

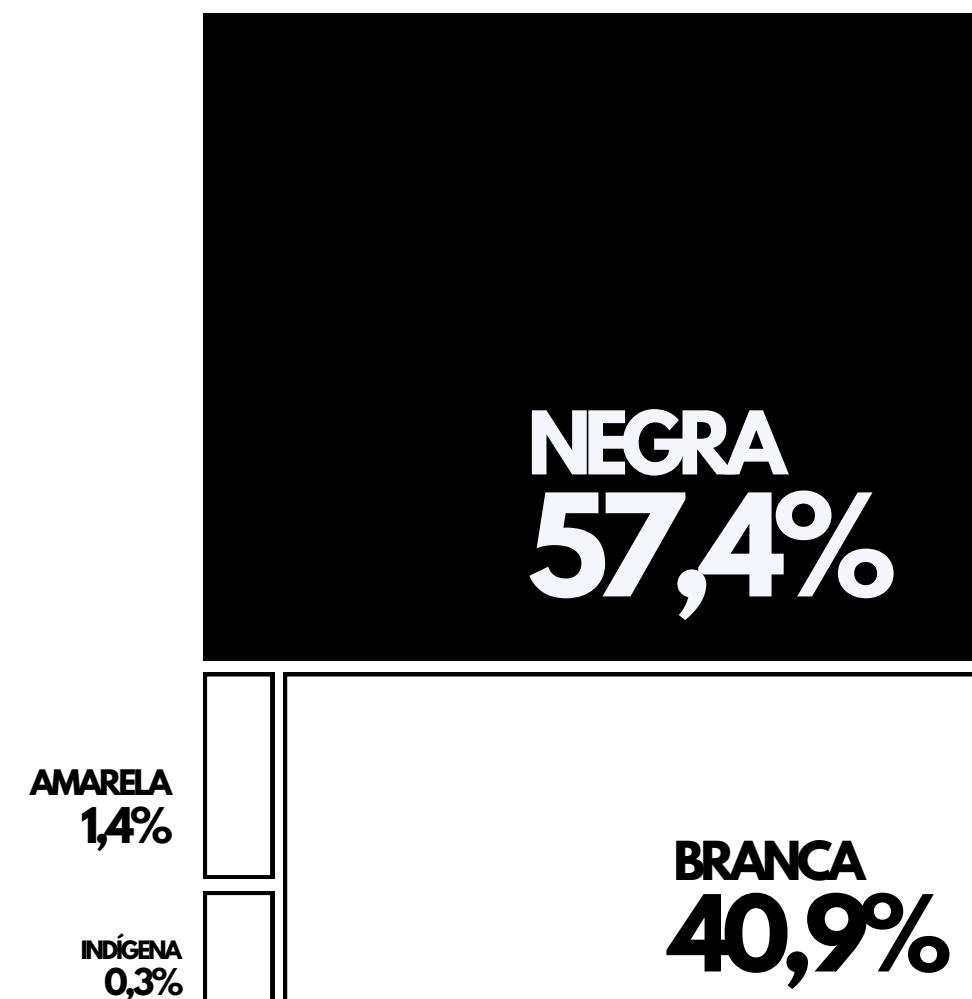
Diante das condições sociais e econômicas, situações de trabalho e renda, características do domicílio, condições de infraestrutura urbana, entre outras informações, de modo amplo é possível compreender a situação da cidade e como a vivência dos moradores sobrepõe o tecido social do Distrito Federal. Tratando da condição de vida e como a referência da sua construção historiográfica contribui na compreensão das condições atuais presentes na região.

O presente capítulo que se concentra na região, utilizou de relatórios da PDAD dos últimos anos, mas principalmente o de 2021, que de modo geral buscou interpretar as características urbanas e dos moradores, considerando a realidade geográfica e social.

Quando tratamos da cor da pele da população local verificou-se que 57,4% dos moradores se autodeclararam pardos ou negros segundo a coleta de dados da PDAD em 2022. É importante pontuar a relevância desses dados, pois eles denotam bem as características sociais e raciais do DF, ao compararmos com presença de pessoas negras em outras regiões administrativas com maior poder aquisitivo, Lago Sul (33%), Sudoeste/Octogonal (36%), Park Way (34%), Plano Piloto (37%) e Lago Norte (39%). [10]

Gráfico 1: **População do Distrito Federal por raça/cor da pele**

Valores em porcentagem (%)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

[9] IBGE - CENSO 2010 - SHR, Santa Maria. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> Acessado em 01 de abril de 2023.

[10] CODEPLAN - POPULAÇÃO NEGRA DO DF, 2010. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Popula%C3%A7%C3%A3o-Negra-no-Distrito-Federal-Analisando-as-Regi%C3%B5es-Administrativas.pdf> Acessado em 01 de abril de 2023.



Conhecer a configuração de raça/cor da região administrativa, permite a pesquisa na área do Design compreender as especificidades dessa teia social, nesse sentido, entender às demandas da localidade. Tendo em vista o perfil socioeconômico e de realidade social da RA, ficando atento as suas características aqui destacadas, entendendo o lugar que essa população negra ocupa e principalmente quais são as características desses locais ocupados, observando que na vivência desse grupo encontra-se os principais índices de violência, pobreza, precárias condições de moradia e difícil acesso a bens e serviços.

Logo, tratar das desigualdades presentes na estrutura histórica e social do Distrito Federal significa compreender amplamente o racismo institucional, histórico, arraigado na sociedade e muitas vezes disfarçado ideologicamente. É importante pontuar que a população negra é a que se encontra em situação de maior vulnerabilidade, deixando evidente a ausência de políticas públicas que possam dar maior assistência para uma população localizada na margem.

Santa Maria possui diversas camadas na sua estrutura de identidade, que ao somar com a característica da sua população, localiza uma síntese das ocupações marginalizadas no DF. A permanência de laços entre a dinâmica heterogênea da cidade, o lugar aqui citado e a população negra local, são nitidamente desvalorizados por diversos fatores, um deles é escassez de trabalho, sem contar a ausência de oportunidades em múltiplas áreas, inclusive no educacional.

Quando se trata da escolaridade da população local de Santa Maria, segundo dados de pesquisa da Codeplan em 2018, a maior parte dos moradores concentra-se na categoria dos que possuem o ensino fundamental incompleto, ressaltando que quase a metade desse contingente refere-se a estudantes na faixa etária adequada. O ensino médio completo é a segunda escolaridade com maior representatividade na região. É notório o aumento considerável da proporção de pessoas que possuem o ensino superior, incluindo especialização e mestrado. É importante pontuar que com a melhoria nos últimos anos nos domicílios e a redução do analfabetismo trouxeram expectativas positivas para os moradores da região administrativa.



Colocando sempre em evidência o rendimento e autoestima, que reatam de forma recorrente e desvantajosa sobre os negros (pretos e pardos), embora esta seja uma condição apenas amenizada em épocas de crescimento, revelando seu caráter estrutural, a superação de um quadro de oportunidades ainda depende do debate público e de estudos que contemplem o vigor da racialização em diferentes conjunturas, dentro desse trajeto o projeto Brasília imaginada ao dar foco na teia de vivência da região, ilumina com caráter discursivo a experiência de uma juventude que fez parte da coleta de dados no início de 2022.

Quando tratamos da história da região administrativa em contraste com a construção da narrativa de Brasília, é possível verificar que houve de maneira sistêmica uma busca por limpar a cidade, afastando os mais pobres do centro. Com esse contexto, outras regiões vão se estruturando e construindo as suas identidades. Esse lugar estabelece um fator que confirma as ocupações marginalizadas por um sistema que negligencia e configura os acessos de determinados grupos.

Dessa maneira colocamos em evidência a história e o lugar social[11], entendemos como se consolida o processo simbólico de identidade, percebendo as peculiaridades que o lugar possui na sua profundidade, pois mesmo que o território seja considerado muito jovem, as pessoas que aqui habitam modelam o lugar sensível e uma dinâmica particular que a cidade possui, por meio dos sons, imagens e registros.

Esse documento que se coloca como um rascunho das subjetividades da região, dará notoriedade de múltiplas camadas que estruturam a construção de identidade e realidade da cidade. Apontando como as estruturas de poder afetam a experiência e as circunstâncias de acesso dos que vivem nesta margem, tornando-se um meio que representa informações e que viabiliza o conhecimento desse espaço urbano por uma colocação participativa e ativa, como foi o Brasília Imaginada e sua aplicação, tratando diretamente sobre a dinâmica da vida urbana.

[11]Lugar social entendido a partir da proposta de Michel de Certeau quando afirma que este é caracterizado pelo lugar social, político, econômico, institucional, ideológico etc. Ocupado pelo historiador no momento de elaboração de seu texto. (CERTEAU, 2008)



A ligação da juventude com a cidade de Santa Maria é um ponto de interesse na pesquisa, que busca contribuir com questionamentos e um lugar atento para a experiência que dialoga com o mapeamento, que apresenta pontos que a cidade os afeta. Articula as ações, as influências e a presença, chegando ser poético naquilo que buscamos compreender neste rascunho representa vivências, pois ele traz consigo um grupo de informações capazes de articular a motivação e sentidos possíveis das relações do corpo com o urbano.

A trajetória da pesquisa que busca compreender a teia de vivência dos seus jovens, a partir do espaço urbano, pressupõe um diálogo no campo sociológico, integrando de maneira direta com a pesquisa Brasília Imaginada e seu recorte que busca apresentar a narrativa coletiva. A multiplicidade de experiências de quem vive na cidade demonstra a perspectiva ativa no “aqui e agora”, refletindo sobre as dimensões urbanas, mas como o aspecto coletivo representa o meio social e a vida cotidiana.

“cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir como um todo articulado, e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenam também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização”. Dessa forma, a rua é uma imaginação temporal de sistemas de instantes (BACHELARD, 1988)

Os desolamentos e a mobilidade que parte da Santa Maria - Sul, Norte e do SHR (Setor Habitacional Ribeirão) confere trajetos que constroem o cotidiano dos habitantes da região. O tempo é influenciado pelo sistema de transporte, itinerários existentes e como o BRT[12] um transporte com vias únicas, mobiliza as ações da vivência nesta teia social. Observando que esse sistema de transporte, realiza a mobilidade de modo que articula a ação de atravessar a cidade, compondo caminhos e construindo trajetos para se chegar no centro (Plano Piloto).

[12] BRT (em inglês: Bus Rapid Transit) – tradução: Ônibus de trânsito rápido.

É importante pontuar que as informações sobre as vivências apontadas nessa cartografia, possibilita reflexões a respeito dos encontros e cruzadas dos trajetos desses jovens, contextualizando ainda mais o lugar do corpo negro e de determinados grupos presentes em Brasília. Abre questionamentos sobre as ocupações de corpos marginalizados na cidade e retrata de maneira crítica as situações de vulnerabilidade, demonstrando que não existe um nivelamento de condições ao comparar com a situação de outra RA.

O território das ausências aponta as distâncias da população jovem da região em espaços de poder, exemplo concreto pode ser observado na estrutura da Região Administrativa de Santa Maria, pois mesmo com seu desenvolvimento em estrutura em alguns pontos da cidade, outros continuam não assistidos e vulneráveis. Que por sua vez, para falarmos de inclusão, temos que observar se há possibilidades de escolhas, para que por consequência possibilite pontuar as colisões e barreiras que fazem parte das estruturas sociais e dos contrastantes simbólicos do Distrito Federal.

A perspectiva de Santa Maria é construída dentro do discurso da ideia sobre periferia-centro, a começar pelo recorte racial e de renda geral dos moradores da região. Pois a realidade social, econômica, cultural, das oportunidades e dos imaginários urbanos dos moradores negros que habitam Santa Maria, demonstra o abismo social da região com o Plano Piloto centro de Brasília

Relacionar as experiências com as ações que fazem parte da constituição da cidade de maneira ampla, são fundamentos perenes a compreensão de um contexto específico, primeiro porque é dessa maneira que é possível conhecer uma estrutura coletiva e sua teia social. É possível reconhecer o lugar das identidades plurais, principalmente nas produções simbólicas, essa articulação segundo Benjamin “não significa reconhecê-la, como de fato foi, significa apropriar-se de uma reminiscência” (BENJAMIM, 1985, pag. 124).



Conhecer a configuração de raça/cor permite que se compreenda o desenvolvimento da cartografia por meio das suas específicas camadas sociais. Assim, para atender às representações de Santa Maria, considerando a autoidentificação e as faixas etárias. Tendo em vista o perfil socioeconômico da RA, para além das características aqui destacadas, é possível concluir que a população negra tem se concentrado em locais conhecidos por seus altos índices de violência, pobreza, precárias condições de moradia e difícil acesso a bens e serviços.

As diversas realidades se cruzam e entrecruzam os espaços de Santa Maria, sugerindo como a vida real e os caminhos dos moradores contam histórias que são únicas e sobrepõe as narrativas atuais do Distrito Federal. Os frutos do acaso, das escolhas, dos caminhos e da realidade habitual, desenham esta malha social cercada por rostos desconhecidos, mas que ao mesmo tempo se reconhecem entre si dentro de um espaço periférico.

A periferia não é feita somente de dados negativos, aqui vão ser pontuados um levantamento de dados sensíveis, que são fontes interessantes para atribuir novos trajetos quando pensamos na cidade e aquilo que circunda a sua narrativa constante. Cada indivíduo pode ser considerado autor de um rascunho de vivência, as suas experiências movem a motivação de permanência e de identidade daqueles que aqui entendem a cidade como parte das suas histórias.

Quando tratamos dos dados sensíveis, eles acabam ocupando em si o lugar empírico, pois eles são baseados na experiência e observação. É importante salientar que a região durante muito tempo foi vista como um não lugar, pois a representação que se tinha da região era extremamente negativa, a violência e marginalização dos moradores era o que chamava a atenção da mídia. Com esse aspecto, outras narrativas possíveis acabavam não ganhando a projeção necessária.

A narrativas que são contadas pelos moradores são extremamente importantes para a compreensão do tecido social, pois elas de fato fazem parte desse rascunho coletivo, ajudando a difundir uma observação atualizada da região, daquilo que é pulsante e cotidiano. A Santa Maria possui diversos não lugares transformados em territórios de experiências concretas e positivas para os seus moradores. Isso, só está sendo possível, pois o pertencimento faz parte do experimentar a cidade, a partir dessas novas narrativas.



Ao buscar ver a Santa Maria como um território de experiências que intimamente se consolida histórias em um contexto maior, observa-se que estar como camada do Distrito Federal é trazer consigo uma identidade própria quando se observa uma RA de perto. Nesse sentido, fazer esse recorte em pesquisa é trazer algo que não foi contado sobre a cidade, um olhar que não foca nas violências, que busca na verdade entender outros aspectos da experiência do pertencimento, que parte de um lugar sensível, um rascunho possível de ser sobreposto por outros indivíduos que sentem confortáveis em narrar as suas histórias também.

Viver na cidade por anos nos mostra como ela é pulsante e viva pela resistência. Ao passo que entendemos esse contexto, observamos que os símbolos da sua individualidade são para além do concreto, ou que nos rodeiam pelo convívio com outros moradores. Observar esse contexto amplamente, a partir dos atrativos da cidade como a sua cena cultural, demonstra o seu fortalecimento principalmente nos últimos anos, com a instalação de um Shopping, entre outros lugares que foram transformados e apontados como parte dos moradores que fazem parte da cidade. Essa nova resignificação dos lugares, molda a compreensão de si e das identidades.

A cartografia que é o método da pesquisa, se torna um instrumento que apresenta e organiza os questionamentos e reflexões que são levantadas anteriormente, trazendo como parte desse escopo, os dados de pesquisas e perspectivas do território que fazem parte da construção do processo de urbanização e organização social. Que além de entender os valores que são construídos na identidade, trazem para si um olhar mais direcionado para cidade. Como ela se sente representada, quais são as suas definições para além de um território, para que possa se apresentar para além de dimensões físicas e palpáveis. É apresentar-se como um espaço de narrativas que entende o seu atual momento, mas que não abandona os traços que te consolida.

Os caminhos que são construídos no cotidiano por moradores da cidade são interessantes na compreensão dos lugares e suas histórias. Os pontos possuem significados que são íntimos e de natureza que são únicas também. Cada lugar conta um pouco daquilo que entendemos como simbólico, uma praça, uma determinada padaria ou simplesmente um ponto de ônibus carrega consigo uma teia simbólica da RA. A sua estrutura é mutável, mas os caminhos se estabelecem como um emaranhado de experiências que fragmentam nas novas construções de sentido do lugar.



Um lugar que se movimenta para além de suas ruas, é aquele que se estabelece por narrativas que são contadas e vivenciadas por uma teia formada por pessoas. Seja por uma conversa, por meio de uma fotografia de álbum de família ou até mesmo por desenhos e pinturas de muros que estruturam as faixas das escolas, ou as próprias casas. Por meio dessa Santa Maria que busco entender a sua identidade, um lugar construído por temáticas do cotidiano, da vida de quem se levanta cedo para ir para o trabalho, do grafite que cobre as praças, das pistas de skate e quadras que são espaços de experiências positivas e de afeto da juventude local.

Ao tratar da vivência em uma cidade não planejada, as suas não linearidades contam muito da sua história, por meio de uma caminhada até um determinado ponto, sempre há alguém que possivelmente contará algo que representa a narrativa daquele lugar. Falar de si no espaço, ou simplesmente replicar um contexto que aquele ambiente carrega, movimenta sentidos, constrói caminhos e amplia a teia que difunde as narrativas e significados construídos por aqueles que ali habita.

Para Lefebvre, o habitar é uma prática de apropriação que se torna um ato poético, pois ele estrutura outras ramificações de produções históricas e culturais. Este modo criativo produzido pelo cidadão no espaço conduz o seu olhar para suas vidas.

Para o indivíduo ou para o grupo, apropriar-se refere-se a algo. Apropriar-se não é ter a propriedade, mas fazer sua obra, modelá-la, formá-la, pôr o selo próprio (...). Habitar é apropriar-se de um espaço, é também fazer frente aos constrangimentos, quer dizer, é o lugar do conflito agudo entre os constrangimentos e as forças de apropriação. (LEFEBVRE: 1973^a, p. 210).

O afetar coletivo que ocorre em Santa Maria atribui muitos sentidos sobre a identidade de quem é morador, pois a vida cotidiana revela uma reprodução de elementos sobre o que a cidade produz em sua síntese. Entendendo que a cidade é fonte de fragmentos que podem ser aprofundados no dia a dia, em um contexto simples da história narrada, ou simplesmente no olhar atento nos símbolos que alguns locais carregam na sua identidade.



SANTAMARIA UM TERRITÓRIO DE IDEIAS

O mapa “um território de ideias” foi idealizado com o intuito de representar a relação da população local **com a cultura e principalmente potencializar a educação pública como um reflexo potente na construção do cidadão**, os dados cruzados neste mapa buscou expressar a importância de se pensar políticas públicas para além do Plano Piloto, já que a maior parte de recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC), são direcionados a região central de Brasília em detrimento das demais cidades. É importante deixar evidenciado que convivência faz parte da cultura, portanto, espaços públicos compartilhados são importantes.

SANTA MARIA UM TERRITÓRIO DE IDEAIS



Pesquisa: **Brasília Imaginada**

- 65%** Domicílios localizados próximos a quadras, por Região Administrativa do DF
- 38%** dos domicílios localizados próximos a espaços culturais, por Região Administrativa do DF
- 69%** dos domicílios localizados próximos a praças, por Região Administrativa do DF
- 83,9%** Frequência escolar em instituição pública da população entre 4 e 24 anos
- 60%** da população com renda Média-baixa

Fonte: Dados de Projeto de Pesquisa Brasília Imaginada e Rendimento domiciliar x População negra no DF PDAD/DF, 2022

Elaboração: Jefferson Silva Santos
Orientação: Daniela Fávaro Garrossini

Ano de elaboração: 2024

PPG
DESIGN
UnB

Projeto de pesquisa: **Brasília Imaginada 2024** | FAP - DF (03/2018)

SANTA MARIA UM TERRITÓRIO DE IDEAIS

O mapa Santa Maria, um território de ideais, foi pensado para transmitir, por meio da cartografia, o conceito amplo de necessidades e, ao mesmo tempo, a construção subjetiva de ideais dentro da cidade. Claro que esse processo acontece de maneira coletiva, porque os ideais dentro de uma cidade imaginada, parte principalmente da necessidade dos seus moradores. O mapa em si apontou alguns retratos que se destinam à realidade da população de Santa Maria. O primeiro seria os domicílios que ficariam próximos à parte do território que se aproxima a espaços de lazer.

É importante dizer que a Santa Maria em si, possui uma distribuição de áreas que são destinadas para a área de esporte e lazer, mas muitas delas estão em estado de sucateamento. Então, esse é um ponto que deve ser levado em consideração, o mapa também trouxe alguns aspectos das residências que são próximas a espaços culturais, colocando aqui que esses espaços são poucos, e sua grande maioria não estão em funcionamento. Normalmente, a relação cultural dentro da região administrativa está ligada ao lazer, mas ao tratar dos aspectos culturais o imaginário coletivo se concentra nas visitas, ao shopping e ao cinema.

Esta percepção de observar as ausências a partir dos espaços culturais de Santa Maria apresenta uma das camadas perceptivas da pesquisa, demonstrando um dos vínculos do cidadão com os seus territórios, e que os atravessam afetivamente. Ao aprofundar ainda mais a densidade deste apontamento, é notável que as escolas públicas possuem um papel fundamental na difusão de eventos culturais, pois projetos que envolvem algumas atividades que extrapolam, atividades de sala de aula, possuem um caráter formador, que acaba aproximando alguns dos moradores da RA em algumas linguagens artísticas como o teatro e a dança, exemplo desse aspecto, é a apresentação teatral "O Vale Encantado" escrita pelo dramaturgo Oswaldo Montenegro que aconteceu durante alguns anos no CEF 201.(Centro de Ensino Fundamental), nas quais as apresentações eram feitas por alunos e de maneira gratuita.

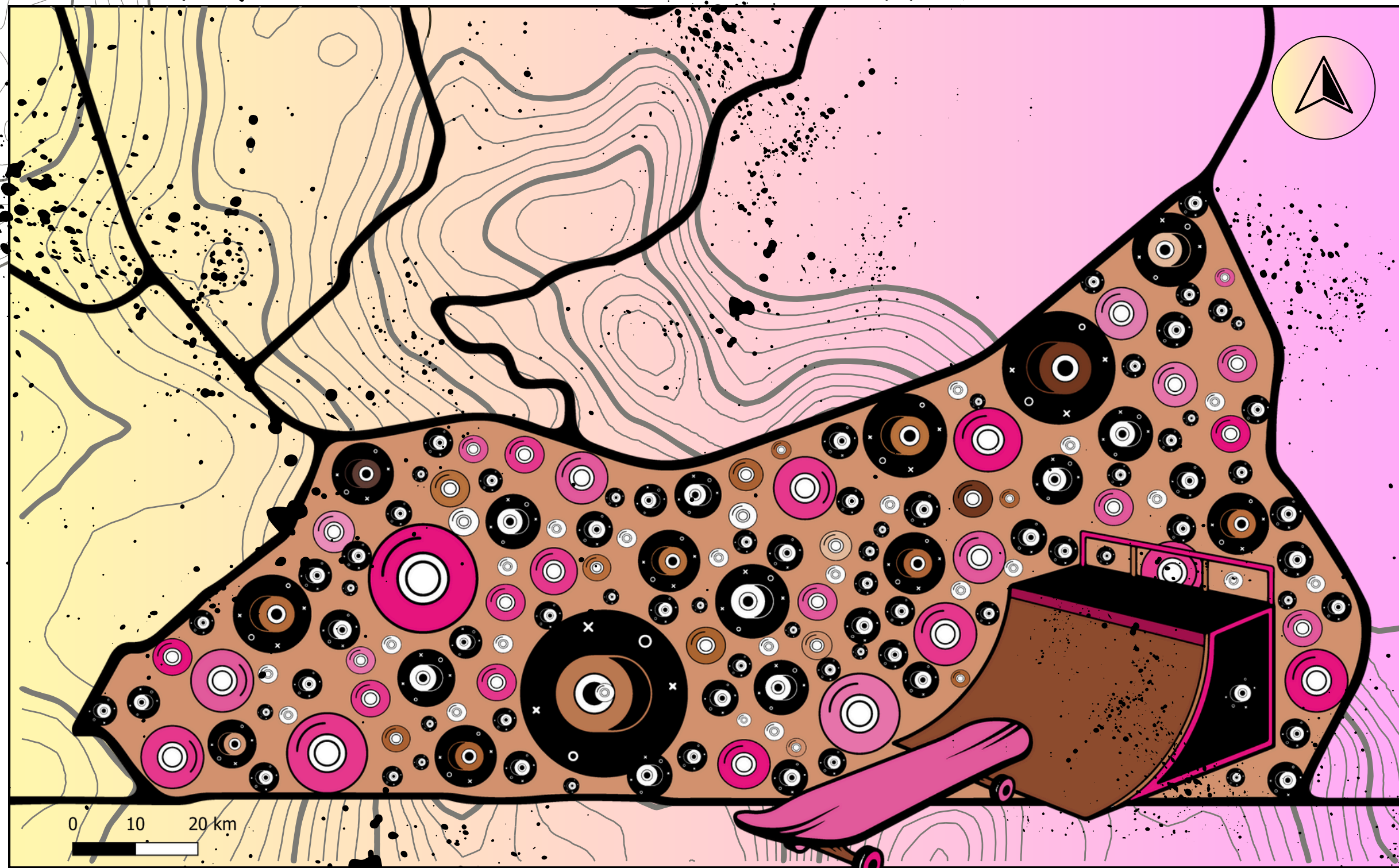
Outro ponto que se apresenta na cartografia é a relação da localização das casas com as praças, como a região administrativa é bem pequena, boa parte da sua comunidade vive perto de praças e áreas destinadas às academias públicas e ciclovias. A distribuição dessas áreas na RA possui uma complexidade, pois a sua estruturação surge por demanda. É importante entender que na região administrativa existe a central, que seria a parte que compõe a administração de Santa Maria, a praça principal da cidade, no qual é possível encontrar um shopping popular, atualmente inaugurou um outro shopping bem próximo ao BRT, demonstrando o crescimento da região administrativa.



SANTAMARIA TERRITÓRIO DE VIVÊNCIAS

O mapa “territórios de vivência” é um retrato inicial e construído a partir dos dados e do tecido social da comunidade de Santa Maria, para se alcançar a compreensão dos arranjos diante de novos alcances dos moradores da região, observar a ocupação dos espaços, condições de vida, aspectos gerais de mobilidade e aspectos sociais. O território de Santa Maria pode se **configurar como um elemento relacional na dinâmica do cotidiano de vida de parte da população do DF e conseqüentemente é um espaço que pode ser observado para se definir políticas sociais.**

SANTAMARIA TERRITÓRIO DE VIVÊNCIAS



Projeto de pesquisa: **Brasília Imaginada 2024** | FAP - DF (03/2018)

Pesquisa: **Brasília Imaginada**

-  **59,3%** Domicílios que possuem ao menos um automóvel, moto ou bicicleta para mobilidade, por Região Administrativa do DF
-  **69%** Domicílios localizados próximos a praças, por Região Administrativa do DF
-  **60%** da população com renda Média-baixa
-  Cor utilizada para compor a imagem do mapa, com **significado nulo**.

Fonte: Dados de Projeto de Pesquisa Brasília Imaginada e Rendimento domiciliar x População negra no DF PDAD/DF, 2022

Elaboração: Jefferson Silva Santos
Orientação: Daniela Fávoro Garrossini

Ano de elaboração: 2024

PPG
DESIGN
UnB



SANTA MARIA TERRITÓRIO DE VIVÊNCIAS



Esse mapa, antes de qualquer coisa, foi pensado a partir das minhas experiências dentro da região administrativa, no qual sempre estive muito envolvido em atividades que fossem relacionadas à experiência da cidade, de alguma maneira. Primeiro porque sempre fiz parte de grupos que estavam realizando atividades em praças, em áreas urbanas coletivas, justamente por buscar uma maior adesão, principalmente das crianças e dos jovens. Dentro desse contexto, o Brasília Imaginada, busca trazer algumas representações com base em subjetividades que transmitam mensagens de caráter artístico e simbólico, no contexto de Santa Maria.

Apresentar esse lugar de vivência, vai muito além de todo um contexto dos dados, porque a região administrativa em si, possui uma realidade um pouco diferente das outras RAs, principalmente o centro Plano Piloto, justamente por ser afastada. Primeiro porque, diferente dos outros centros urbanos, a região administrativa de Santa Maria, possui algo que acontece com muita frequência que é encontrar crianças brincando literalmente na rua. Então esse é um ponto interessante, ao tratar dos imaginários, uma vez que as crianças de fato aderem às ruas e a transforma em um dos locais para possível interação lúdica.

Colocando o território como parte integral do cotidiano das crianças que vivem em Santa Maria, contrapondo com algo que não acontece com grande frequência quando observamos o Centro Plano Piloto. Acredito que essa interação ou mesmo a falta dela, ocorre em como as pessoas acabam interagindo com a arquitetura que muitas vezes pode afastar por toda a sua dimensão e escala. Como Santa Maria, não possui esse aspecto como “barreira” essa interação pode ser parte da narrativa local da região administrativa. Colocando as praças e áreas de lazer com um agente estrutural e com grande potência na configuração dos imaginários urbanos.

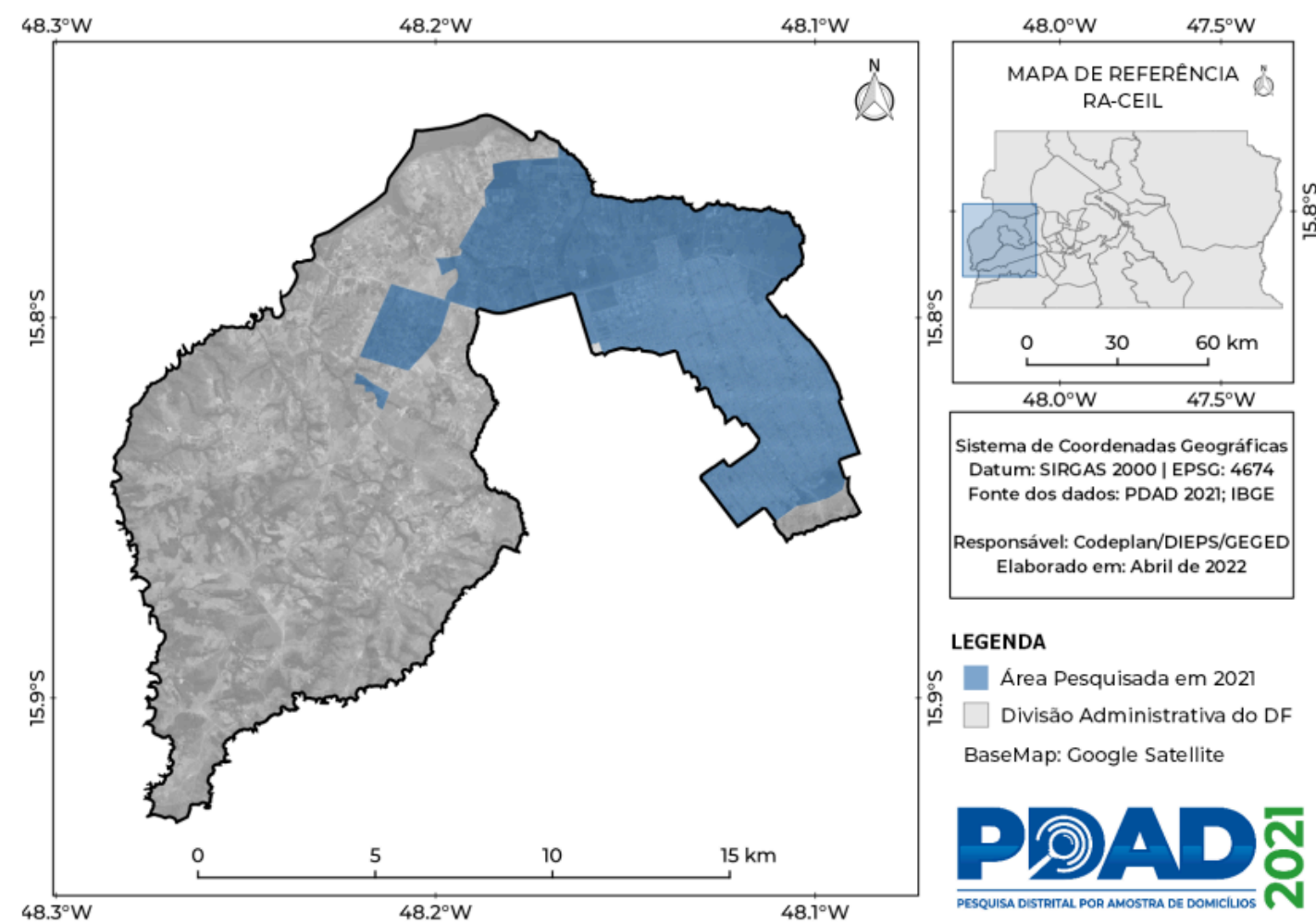




Fig. 3 - Praça Central de Santa Maria (2022). Foto: Arquivo público do DF

As praças e os espaços de interação na região administrativa podem de fato ser de fato locais afetivos, mesmo que os problemas rodeiam parte das suas estruturas. Dessa maneira apresentar esses espaços como parte da dimensão que busca na vivência urbana o sentido das suas subjetividades, é ramificar em Santa Maria esse desdobramento que independentemente da situação de vulnerabilidade da população, os moradores possuem direitos, e o acesso à cultura e ao lazer devem ser direitos básicos.

As questões socioeconômicas da RA foram apresentadas em dados anteriores e em partes dos fragmentos desta dissertação. Dessa maneira o mapa buscou retratar para além dos dados indicados nas legendas, uma reflexão a respeito do afeto como umas das bases das construções das nossas memórias simbólicas dentro de um território. Desse modo, o mapa para além de desconstruir o estereótipo de violência, se concentrou em representar e retratar as possibilidades de futuro.

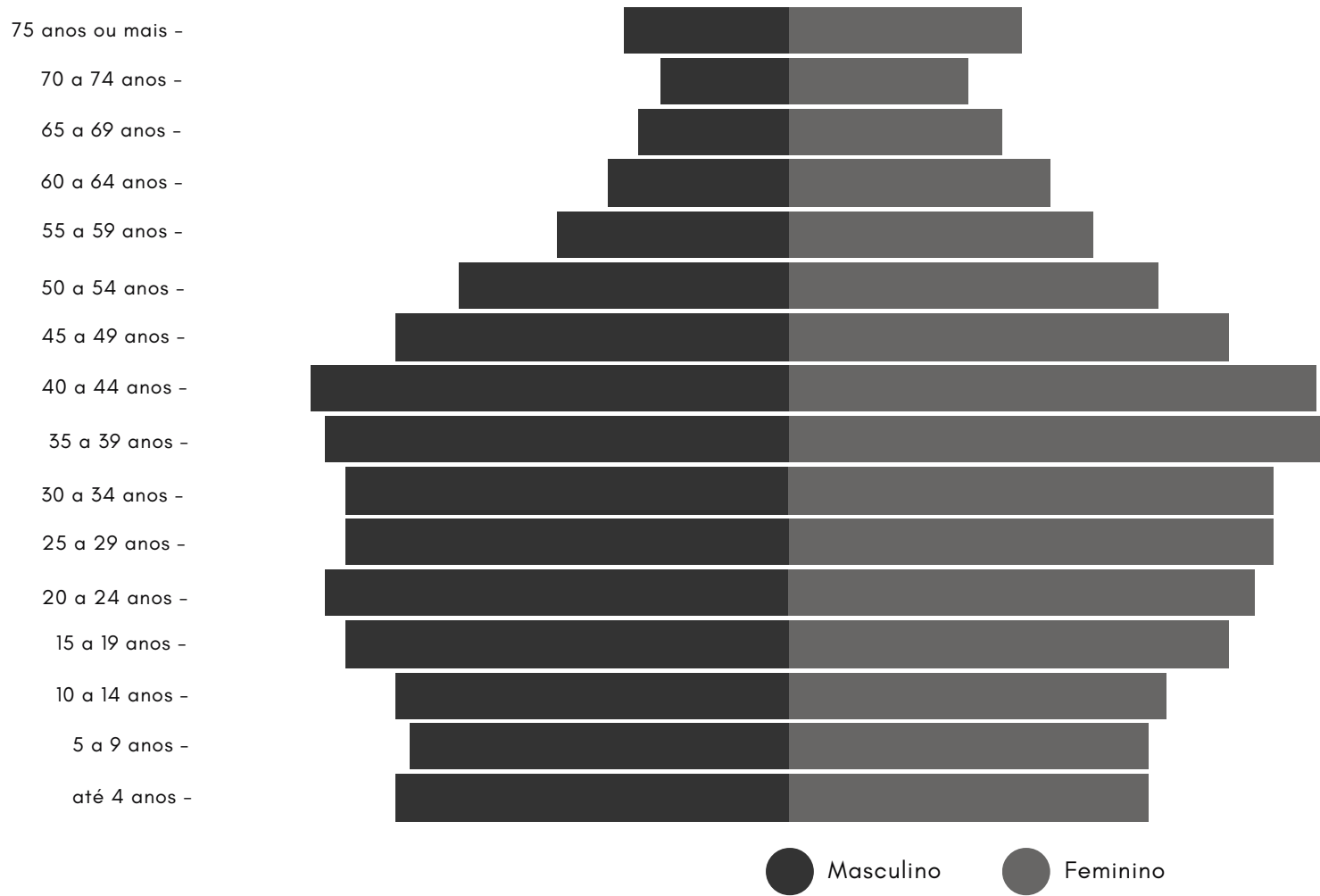


Área de cobertura
de **Ceilândia** na PDAD 2021

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA DE CEILÂNDIA.

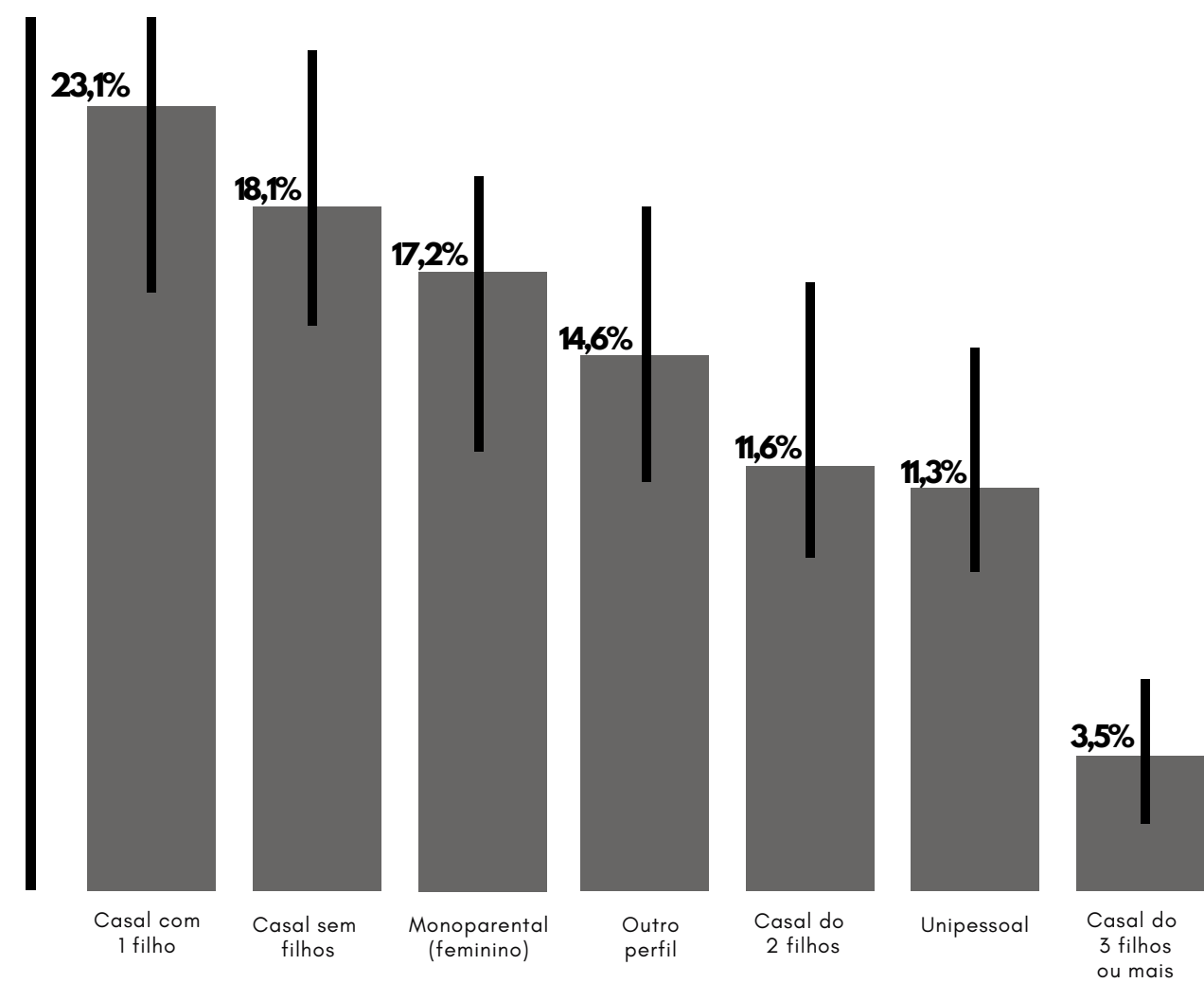
A PDAD 2021 aponta que a população urbana da RA Ceilândia era de 350.347 pessoas, sendo 52,6% do sexo de nascimento feminino. A idade média era de 34,3 anos. A pirâmide etária, apresentada na imagem ao lado traz a distribuição da população por faixas de idade e por sexo.

Distribuição da população por faixas de idade e sexo de Ceilândia.



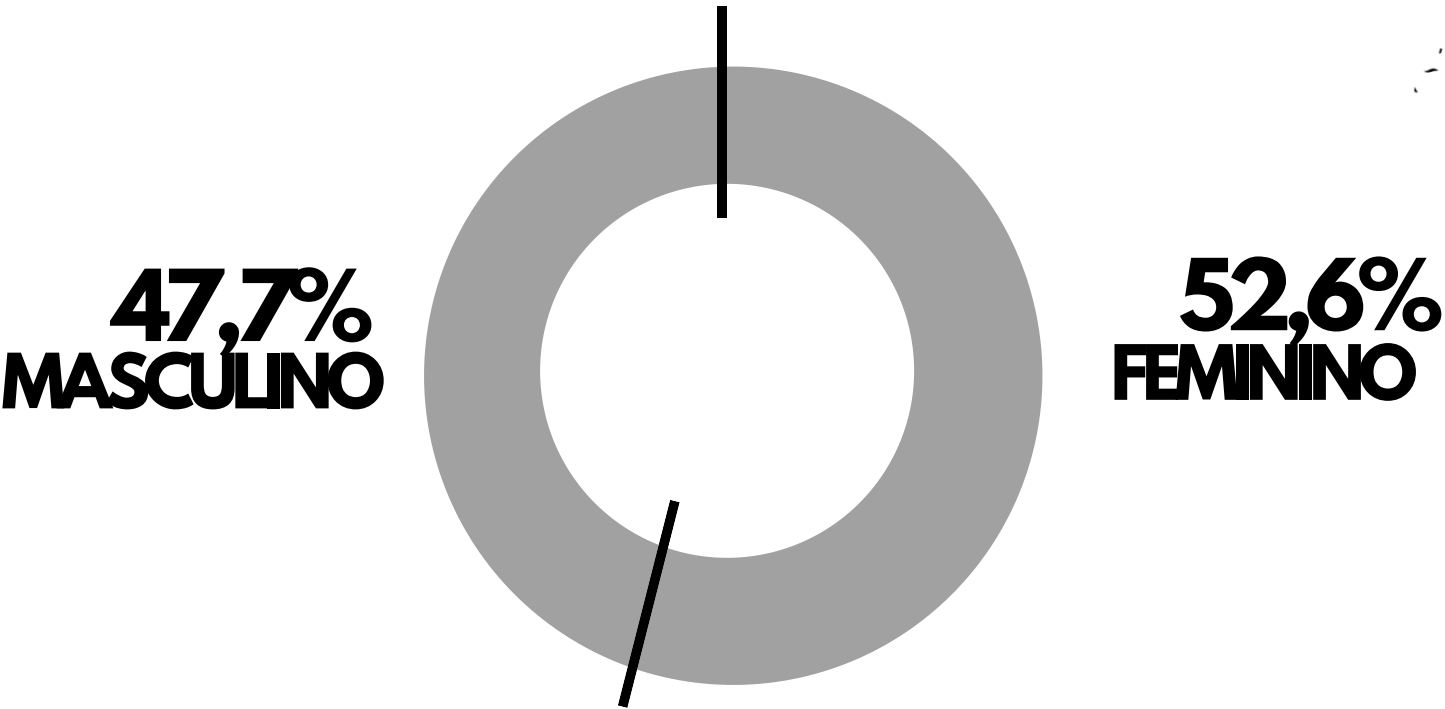
Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Distribuição da população por arranjos domiciliares



Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Distribuição da população por sexo

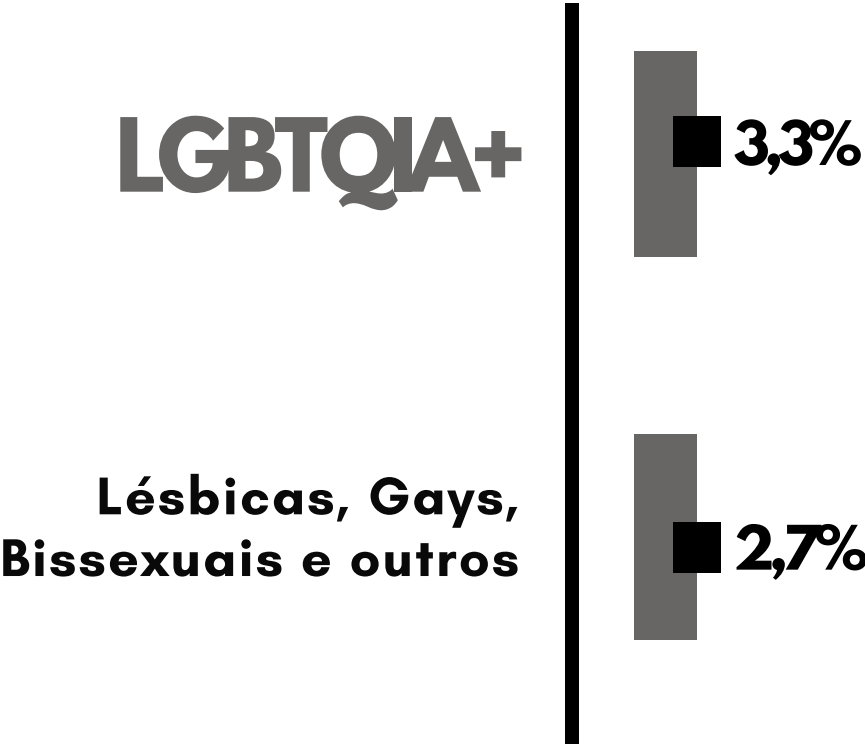


Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

A PDAD trouxe uma inovação, com perguntas sobre identidade de gênero e sobre orientação sexual dos moradores com 18 anos ou mais de idade. Quando considerado o cruzamento com a questão sobre sexo de nascimento dessas pessoas, no que diz respeito à orientação sexual, 2,7% dos respondentes eram lésbicas, gays, bissexuais ou outros; quanto à identidade de gênero, não houve amostra suficiente para divulgação dos resultados.

Quando consideradas as pessoas LGBTQIA+, ou seja, pessoas transgêneros e/ou lésbicas, gays, bissexuais ou outros, verificou-se uma resposta afirmativa para 3,3% dos respondentes.

Orientação sexual
das pessoas com 18 anos ou mais



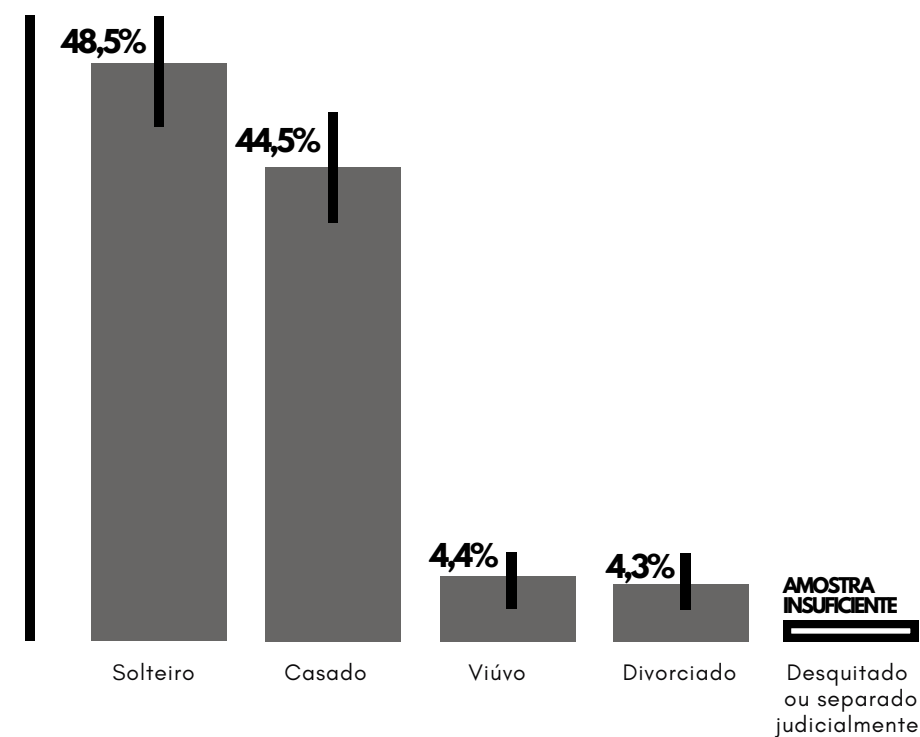
Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Distribuição da população
por raça/cor da pele



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Distribuição da população por estado civil (14 anos ou mais)

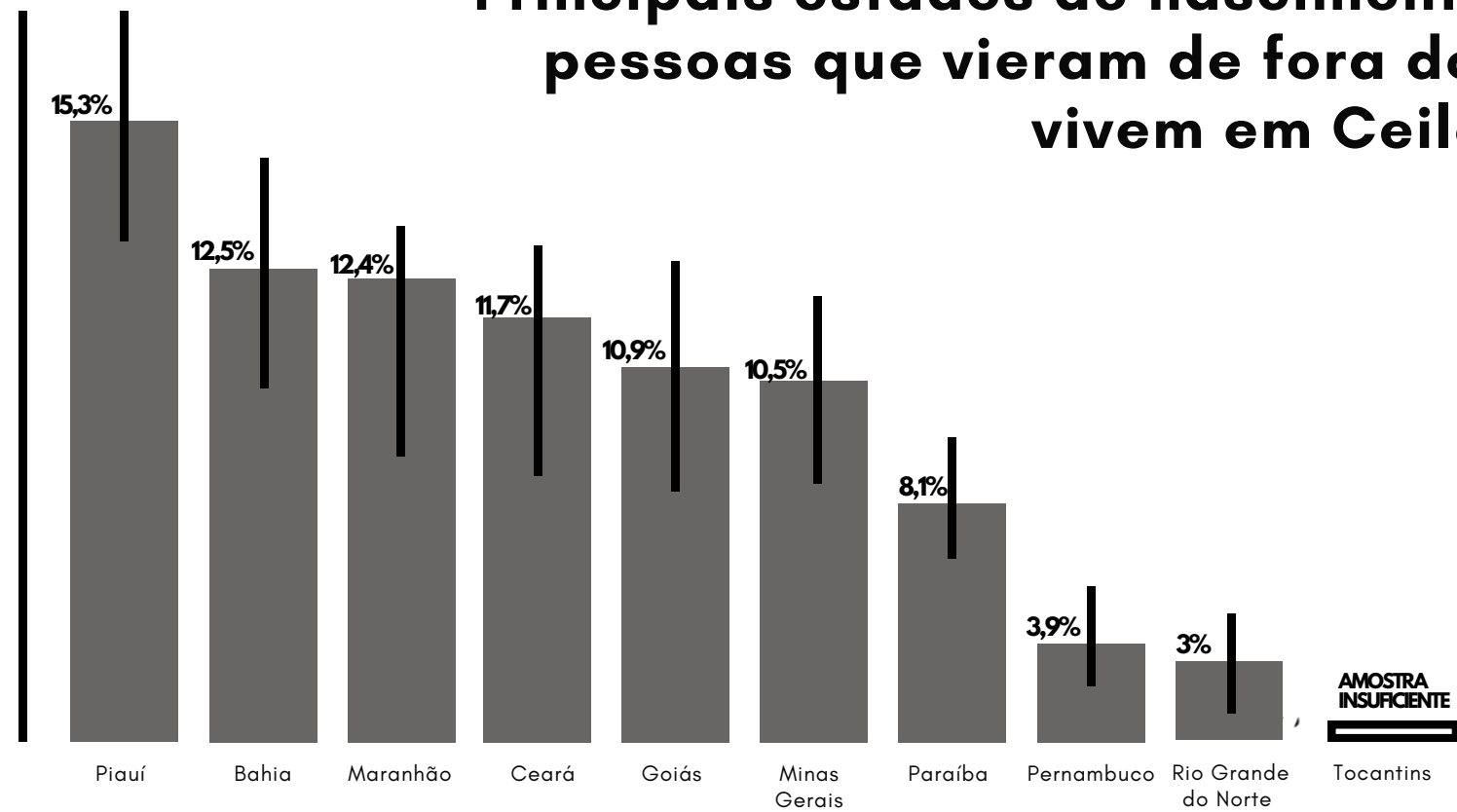


Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Migração

Quanto à origem dos moradores, 56,8% informaram ter nascido no próprio DF. Para os que não nasceram no DF, o estado mais reportado foi Piauí, segundo 15,3% dos entrevistados. Para todos os moradores do DF, o tempo médio de moradia na capital federal é de 26,1 anos, enquanto o tempo médio de moradia na RA é de 22,1 anos. Sobre aqueles que vieram para o DF ou que deixaram o território, mas retornaram posteriormente, foi questionada a motivação que os levou a fazer isso. Para 44,9% dos responsáveis dos domicílios, acompanhar parentes ou reunião familiar foi a principal razão da movimentação.

Principais estados de nascimento das pessoas que vieram de fora do DF e vivem em Ceilândia

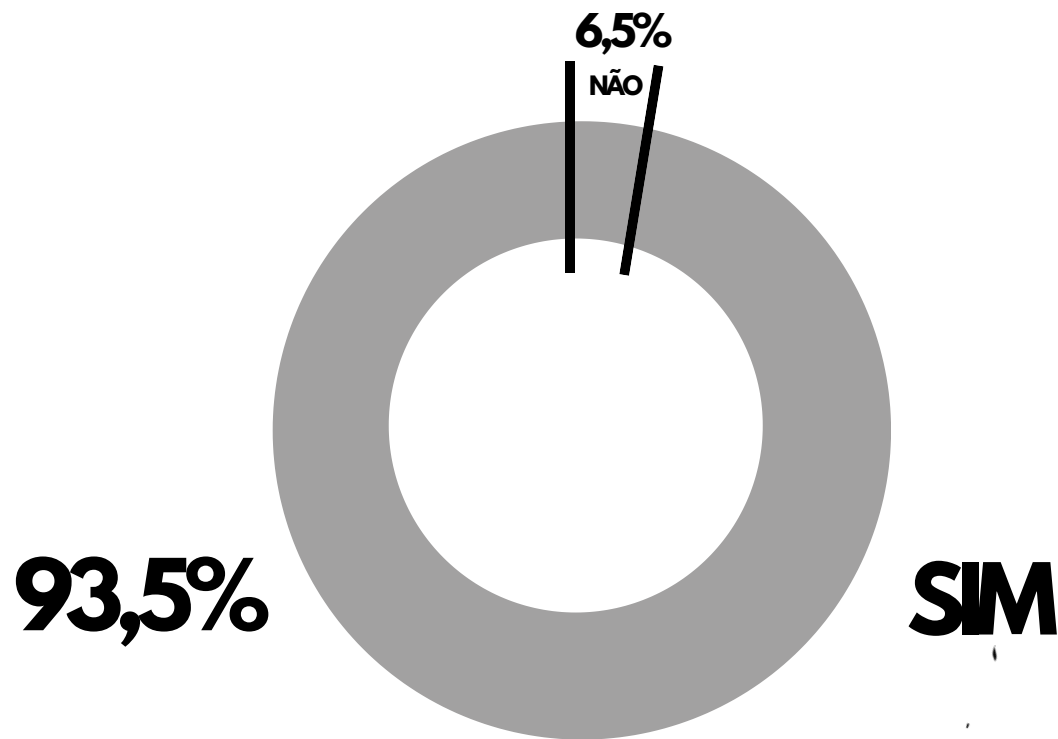


Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Escolaridade

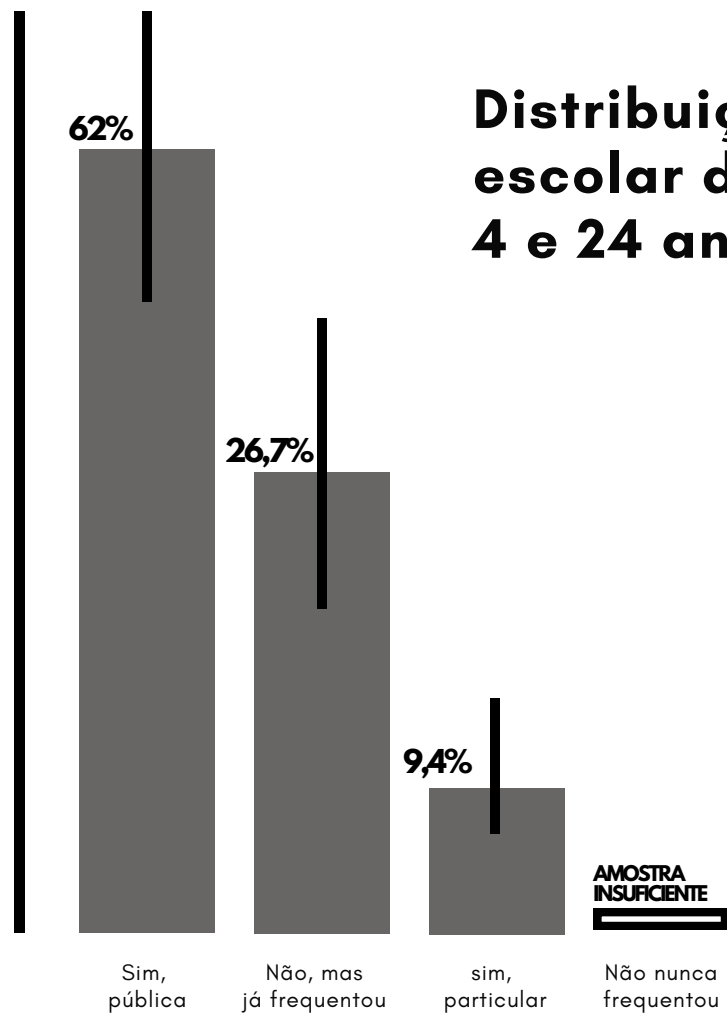
Sobre a escolaridade, 93,5% dos moradores com seis anos ou mais de idade declararam saber ler e escrever. Para as pessoas entre 4 e 24 anos, 62% reportaram frequentar escola pública.

População com seis anos ou mais de idade que declararam saber ler e escrever



Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

Entre aqueles que frequentavam alguma unidade de ensino, 83,2% estudavam na RA Ceilândia. O principal meio de transporte declarado foi a pé, para 59,6% dos estudantes. O tempo gasto mais reportado foi até 15 minutos para 63,6% dos estudantes



Distribuição da frequência escolar da população entre 4 e 24 anos



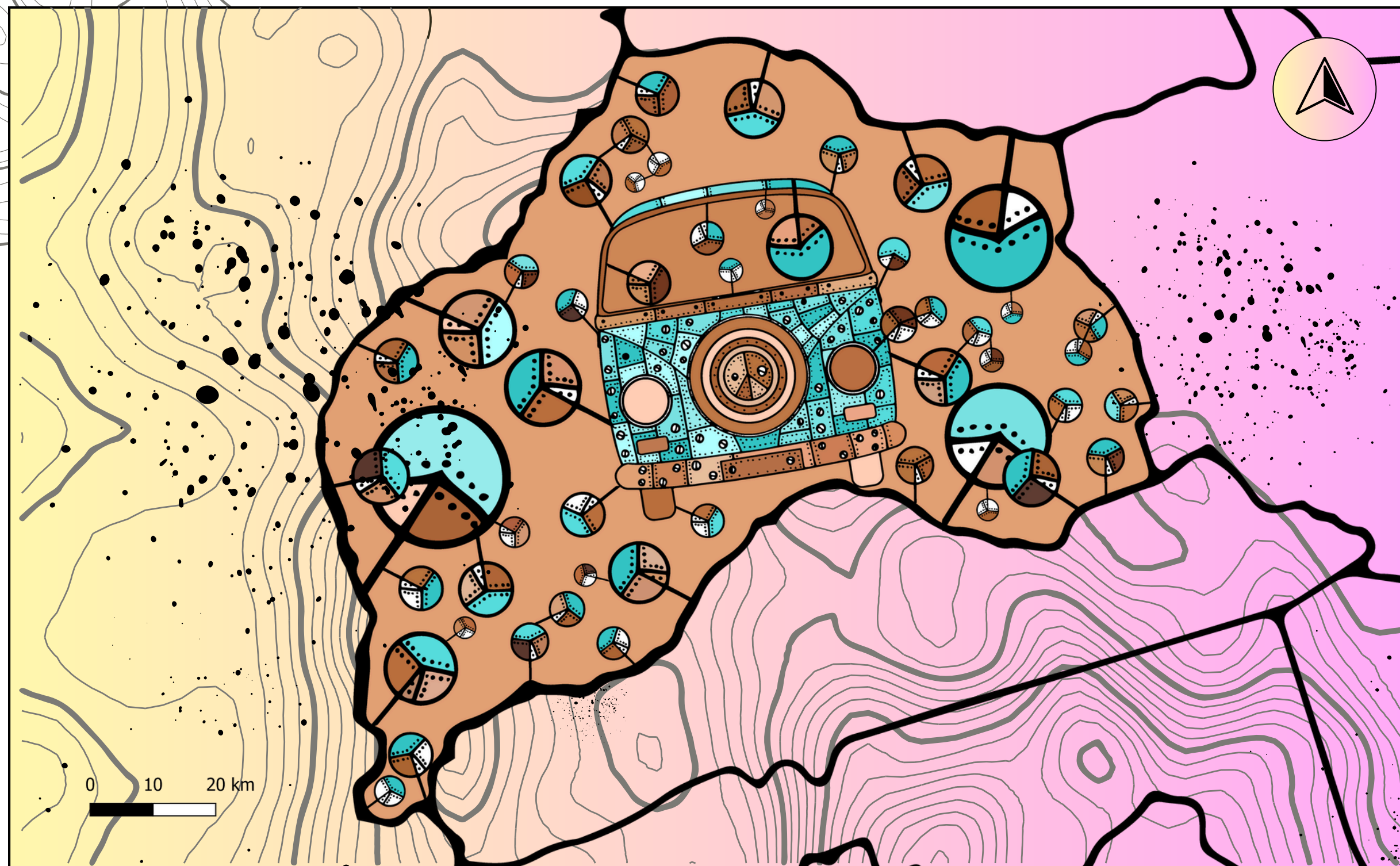
Fig. 4 - Decoração da festa "O Maior São João do Cerrado" (Foto: Divulgação G1)

CEILÂNDIA

“CIDADE POPULAR”

DO DF

CELÂNDIA “CIDADE POPULAR” DO DF



Pesquisa: **Brasília Imaginada**

-  Entende a RA (Região Administrativa) como “Cidade Popular”.
-  **60%** da população com renda Média-baixa recebendo por domicílio o valor de 1300 a 1999, sendo que a renda de **68%** da população do Sol Nascente e Por do Sol é menor que 1300
-  Cor utilizada para compor a imagem do mapa, com **significado nulo**.

Fonte: Dados de Projeto de Pesquisa Brasília Imaginada e Rendimento domiciliar x População negra no DF PDAD/DF, 2022

Elaboração: Jefferson Silva Santos
Orientação: Daniela Fávaro Garrossini

Ano de elaboração: 2024

PPG
DESIGN
UnB

Projeto de pesquisa: **Brasília Imaginada 2024** | FAP - DF (03/2018)

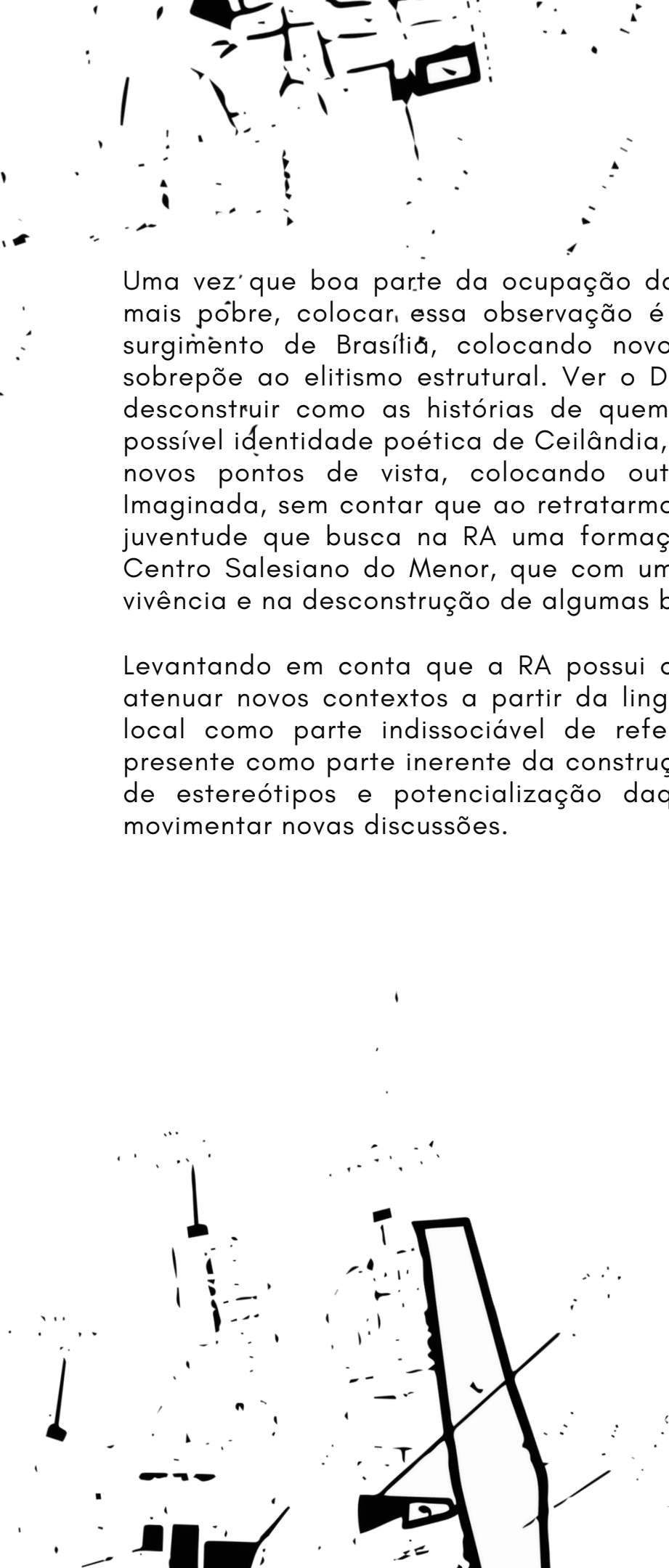
60% NEGRA

CEILÂNDIA “CIDADE POPULAR” DO DF

Ceilândia é uma cidade popular do DF e o mapa foi pensado para retratar simbolicamente algumas das suas características. A primeira delas seria como Ceilândia difunde a cultura do Distrito Federal de maneira muito ampla, principalmente por causa dos eventos que acontecem anualmente. Eventos populares como o São João de Ceilândia, que acontece continuamente no fortalecimento da cultura nordestina. Sem contar que a região administrativa possui uma grande importância na inclusão de jovens em projetos culturais como o Jovem de Expressão, que faz parte da realidade local há muitos anos, difundindo a expansão das teatralidades, performances, danças, grafite e o audiovisual. É importante dizer que esse projeto, ainda que pequeno, possui uma dinâmica bem interessante na transformação de cena artística no Distrito Federal.

Ceilândia, como uma região administrativa que movimenta o cotidiano por meio da sua cultura pulsante, a RA também é referência quando observamos a difusão de projetos de assistência e inclusão, sem contar que ela é uma das maiores regiões administrativas do DF, e esse aspecto movimenta ainda mais as suas múltiplas características e pluralidades, na qual contabiliza mais 60% da sua população como negra (pretos e pardos), segundo a PDAD - DF de 2022. E esse levantamento ganha maior vazão ao ser sobreposto aos dados que apresentam a realidade socioeconômica da população como foi representada no mapa, pois ao observar que mais da metade da sua população possui uma renda média baixa, esse marcador torna-se importante para entender parte da divisão social do DF e da trajetória de grupos marginalizados na margem da capital federal.

É importante salientar que a Ceilândia para além de ser considerada uma cidade popular, ela pode ser considerada uma região administrativa com características particulares quando observamos o desenvolvimento estrutural do Plano Piloto, um dos primeiros tópicos é a sua não linearidade quando se pensa em arquitetura planejada, visto que a sua construção surge de maneira orgânica e principalmente pela necessidade de moradia. Esse desdobramento tornou-se interessante quando entendemos a sua construção histórica com maior aprofundamento no Fragmento 04 desta dissertação. Uma das responsabilidades em criar esses mapas surge justamente na busca por compreender os territórios e suas representações não estereotipadas.



Uma vez que boa parte da ocupação da RA que historicamente foi feita pela população mais pobre, colocar essa observação é um importante gatilho na compreensão real do surgimento de Brasília, colocando novos objetivos no olhar para difusão cultural que sobrepõe ao elitismo estrutural. Ver o Distrito Federal a partir dessas outras vertentes, é desconstruir como as histórias de quem vive na margem é contada. É representar uma possível identidade poética de Ceilândia, é traçar cartograficamente a sua pluralidade com novos pontos de vista, colocando outras possibilidades sensíveis ao projeto Brasília Imaginada, sem contar que ao retratarmos a Ceilândia dentro do trabalho, é representar a juventude que busca na RA uma formação profissional. Exemplo disso é a existência do Centro Salesiano do Menor, que com uma base da instituição na região, contribui com a vivência e na desconstrução de algumas barreiras com o centro do Distrito Federal.

Levantando em conta que a RA possui características singulares construir esses mapas é atenuar novos contextos a partir da linguagem visual e sensível, é colocar a comunidade local como parte indissociável de referências do Distrito Federal, é colocar o tempo presente como parte inerente da construção cartográfica, principalmente na desconstrução de estereótipos e potencialização daquilo que é disruptivo, utilizando da arte para movimentar novas discussões.



CEILÂNDIA EXPLICA CULTURA VIVA

Um dos endereços mais famosos de Ceilândia, a Casa do Cantador é um ponto de cultura nordestina inaugurado em 1986 segundo dados do arquivo público do Distrito Federal. O espaço já foi palco de apresentações de grandes nomes da música, como Alceu Valença, Xangai e Geraldo Azevedo. Trazer a representação desse espaço no mapa é pontuar a cultura como parte necessária na formação do cidadão, deixando evidente a sua potência como necessidade para além de outras políticas sociais.

Fig. 5 – Casa do Cantador. Foto: Arquivo Público do Distrito Federal

CELÂNDIA EXPLICA CULTURA VIVA



Pesquisa: **Brasília Imaginada**

-  **59,6%** andam a pé para ir à escola/curso, por Região Administrativa do DF
-  **40%** dos domicílios localizados próximos a espaços culturais, por Região Administrativa do DF
-  **66%** dos domicílios localizados próximos a praças, por Região Administrativa do DF
-  **60%** da população com renda Média-baixa

Fonte: Dados de Projeto de Pesquisa Brasília Imaginada e Rendimento domiciliar x População negra no DF PDAD/DF, 2022

Elaboração: Jefferson Silva Santos
Orientação: Daniela Fávoro Garrossini

Ano de elaboração: 2024

PPG
DESIGN
UnB

Projeto de pesquisa: **Brasília Imaginada 2024** | FAP - DF (03/2018)



CEILÂNDIA EXPLICA CULTURA VIVA



Ceilândia Explica a Cultura Viva foi um mapa criado para retratar a cultura como parte potente da região administrativa. Demonstrando a partir do caráter ilustrativo e artístico a dimensão da cultura como um direito que deve ser acessado por todos, o monumento presente na Casa do Cantador tornou-se base para construção visual. Então esse mapa parte desse lugar como referência. Dessa maneira, o mapa busca traçar repertórios da vivência cultural como parte inerente das camadas sociais desse projeto cartográfico, uma vez que nas massas encontramos as pluralidades que representam o Distrito Federal na sua realidade.

A relação do morador de Ceilândia com os centros culturais possibilita uma movimentação de processos artísticos que fogem dos museus ou galerias. A arte e o teatro de rua reverberam nas comunidades e esse aspecto é importante na quebra de rupturas que o projeto buscou realizar em todo o trajeto da dissertação. Com a desconstrução da cartografia e suas ramificações, apresentar como gatilho a renda das pessoas é observar a realidade do grupo social da RA, colocando as suas vulnerabilidade como meio sensível na construção de trajetos e narrativas.

O projeto Jovem de Expressão presente em Ceilândia, pode ser um interessante ponto de partida para falarmos sobre construções de narrativas que interferem positivamente na vida das pessoas, principalmente nas vertentes que potencializam as habilidades artísticas no âmbito da cultura. Como já citado o direito à cultura em diversos momentos da dissertação, assegurar esse direito é pensar em possibilidades de acesso nos espaços, o grupo como projeto de inclusão, coopera na quebra de barreiras para as pessoas que participam de atividades organizadas dentro do projeto.



Apresentar e afirmar Ceilândia como espaço de cultura viva, é compreender a sua abrangência em diversidade de maneira mútua, uma vez, que a população que vive na região administrativa veio de diversos estados brasileiros, principalmente do Nordeste, e isso influencia muito no contexto de vivência cultural da RA, de modo que coopera na construção efetiva da identidade da região. Assim, apresentar essa cartografia é colocar grande importância no simbólico que se ramifica no cotidiano dos habitantes, principalmente na sua construção de visualidades, das memórias e dos imaginários.

O mapa que teve a sua base construída no software QGIS passou por um processo de reestruturação a partir de um pensamento simbólico que veio de referências fotográficas e de dados históricos apresentados nos fragmentos desse trabalho. É importante colocar essa mínima introdução para dar ênfase à memória popular. Visto que para construir todo esse projeto cartográfico e visual é desconstruir um trajeto linear do entendemos de mapa de maneira convencional, ou mesmo da maneira que conhecemos durante os anos escolares. Dessa maneira, o intuito de retratar esse contexto cultural a partir da visualidade artística, que possivelmente pode ter um desdobramento crítico a partir de outras experiências, traz a esse projeto a experiência como lupa da investigação que cada espectador pode ter ao acessar esse material.

É importante dizer que todo o projeto coloca o lugar do simbólico como reflexo da nossa sociedade. Uma vez que esse processo constrói a nossa identidade como povo, dessa maneira essa vertente coopera ainda mais com a experiência artística do pesquisador desenvolvida em todo o projeto, se colocando de maneira sensível, abraçando as suas subjetividades a partir das linguagens e do caráter social que a região representa. Ceilândia é de fato um ponto de cultura ativa, os seus eventos mobilizam parte do Distrito Federal, esse aspecto é disparador na construção de mapas que querem fazer parte de experiências narrativas. O projeto e o mapa apresentado se desdobram na representações de dados, no contexto geral da RA e na situação de parte da população, a partir de uma perspectiva de análise com vertentes sensíveis que atrelam a arte com implicações sociais.

FRAGMENTO 4

A “CEI” do Distrito Federal

Considerada a maior cidade do Distrito Federal, Ceilândia, desdobra de maneira ampla o cenário cultural e histórico do DF. Em meados de 1969, Brasília possuía 14.607 barracos ocupados por cidadãos sem moradia.[13] No mesmo ano foi realizado um seminário para entender os problemas sociais do Distrito Federal, o considerado favelamento, foi apontado como um problema gritante e de teor grave para o que haviam planejado para estrutura de Brasília.

Com uma campanha para erradicação das invasões, em 1971 que surgiu a RA Ceilândia, lotes foram demarcados em uma área de 20 quilômetros, que depois foi ampliada para 231,96 quilômetros quadrados pelo decreto n.º 2.842, de 1988, ao norte de Taguatinga nas antigas áreas da Fazenda Guariroba, de Luziânia - GO[14]. Segundo dados do Governo do Distrito Federal o projeto estabeleceu a transferência de mais de 80 mil moradores, sendo que as invasões possuíam mais de 15 mil barracos[15]

A origem do nome da cidade, foi inspirado na sigla CEI que faz alusão a (Campanha de Erradicação da Invasões) e “landia” que significa terra ou lugar, um sufixo inglês que estava na moda neste período. Um dado interessante de apresentar, é que a primeira linha de ônibus que fazia o trajeto Ceilândia - Plano Piloto aconteceu no dia 28 de março de 1971, um dia após a chegada da primeira família no local demarcado pelo governo da época[16], um marco quando se trata aspectos do início da mobilidade na capital federal, mas é importante pontuar que a região passou por diversas dificuldades com a ausência de transporte, iluminação pública, sem contar a poeira excessiva e enxurradas em tempos de chuva.

[13] HISTÓRIA DE CEILÂNDIA, Disponível no portal do Distrito Federal:
<https://www.ceilandia.df.gov.br/2019/11/08/historia-de-ceilandia/> Acessado em 09 de maio de 2023

[14] HISTÓRIA DE CEILÂNDIA, Disponível no portal do Distrito Federal:
<https://www.ceilandia.df.gov.br/2019/11/08/historia-de-ceilandia/> Acessado em 25 de maio de 2023

[15] HISTÓRIA DE CEILÂNDIA, Disponível no portal do Distrito Federal:
<https://www.ceilandia.df.gov.br/2019/11/08/historia-de-ceilandia/> Acessado em 25 de maio de 2023



É importante evidenciar que um dos pontos mais lembrados da cidade que é caixa d'água, que chegou a ser tombada em 2013 como patrimônio histórico do Distrito Federal[17] com a capacidade de ser abastecida com 500 mil litros, esse marco tão importante para a população só foi construído seis anos depois da criação, mesmo os moradores já estando no local, deixando escancarado que a ideia de limpar a capital, visto que o descaso estava em várias áreas, até nas necessidade mais básicas que é o acesso a água.

Na atualidade a RA se apresenta com transições notórias, houve transformações em múltiplas áreas, principalmente na cena cultural, a cidade é reconhecida como um lugar formado por famílias que migravam de vários estados para nova capital federal. Dessa forma, a diversidade da região faz parte da pluralidade natural do DF, trazendo consigo a essência de brasileiros que buscavam melhores condições de vida na construção da capital federal.

É inegável que há dificuldades na região, mas ao mesmo tempo há resistência no que abrange a cultura, ela se torna relevante e necessária na teia que movimenta o eixo cultural do Distrito Federal em direção a periferia. A arte da cidade é encontrada em diversas linguagens como a música, o audiovisual, nas artes plásticas e na arte dos muros, sem contar os pontos de encontros da população que são praças, espaços que constroem o simbólico e as memórias.

Quem anda pela cidade encontra uma infinidade de visualidades artísticas por meio do grafite, um meio artístico que faz parte da identidade e do dia a dia, histórias são reverberadas e a tradição vai se construindo por meio das representações. A arte entoa a crítica, mas ao mesmo tempo revela talentos, de uma periferia apontada por um imaginário coletivo, como um lugar perigoso e cheio de estereótipos negativos que recaem sobre os moradores.

A cidade possui uma identidade cultural que movimenta o meio de vivências do Distrito Federal, locais como a Casa do Cantador, a Feira Central de Ceilândia e a praça do Cidadão são pontos simbólicos e de identidade da cidade, sem contar que esses locais fazem referência aos primeiros moradores. Consumir a cultura local é a oportunidade de experienciar a história da capital por meio de uma perspectiva periférica e rica dos saberes, sensível, uma vez que dialoga com os símbolos que não abandona quem ajudou a erguer os pilares monumentos de uma Brasília imaginada.

[16] HISTÓRIA DE CEILÂNDIA, Disponível no portal do Distrito Federal: <https://www.ceilandia.df.gov.br/2019/11/08/historia-de-ceilandia/> Acessado em 25 de maio de 2023

[17] AGÊNCIA BRASÍLIA - <https://agenciabrasilia.df.gov.br/2013/11/19/caixa-dagua-de-ceilandia-e-tombada-como-patrimonio-do-df/?amp=1> Acessado em 25 de maio de 2023.



É importante evidenciar que a cidade é a única RA do DF, além do Plano Piloto que possui um monumento arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer, a Casa do Contador. O local é considerado um “palácio” de poesia, arte e literatura de cordel, sem contar que a própria inspiração para o projeto foi a canção Asa Branca de Luiz Gonzaga, para homenagear de maneira simbólica os nordestinos que vieram para Brasília em busca de uma vida melhor, que atualmente em sua grande maioria encontram-se espalhados nas Ras, mas principalmente na Ceilândia.

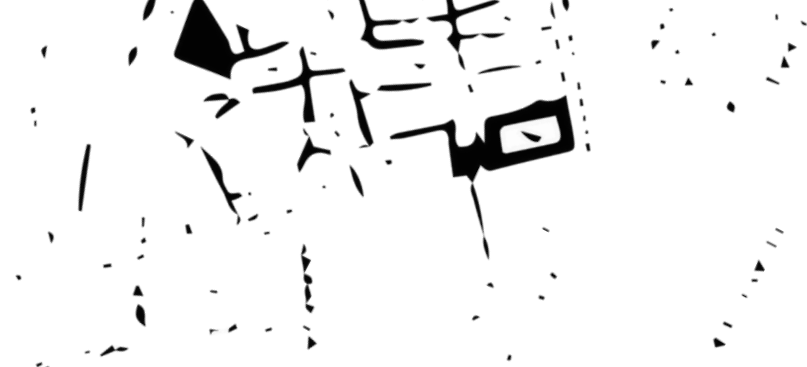
A cidade inspira sentimentos e espírito de pertencimento, tanto que foi citada na música Faroeste Caboclo, da banda Legião Urbana, moldando aspectos culturais que conhecemos da região. Demonstrando que o imaginário ultrapassa as ruas e vias, pois ele é construído nas relações, na arte que envolve e no cotidiano que ajuda a construir novas histórias, com caráter político, social e poético.

Trecho da música Faroeste Caboclo da banda Legião urbana:

*“Santo Cristo era só ódio por dentro
E então o Jeremias pra um duelo ele chamou
Amanhã às duas horas na **Ceilândia**
Em frente ao Lote 14, é pra lá que eu vou” (...)*

A cultura da cidade é vinculada com a história dos primeiros moradores, ela representa como a vivência de um grupo marginalizado de modo estrutural se consolidou, apontando um imaginário que também é reverberado nos dias de hoje. Sabemos que a cultura acompanha o advento do seu tempo, ocasionando transformações em múltiplas linguagens, mas isso não significa que as suas referências de base são deixadas de lado.

Pensar a cidade como memória possibilita um olhar sensível, pois perceber o traçado das ruas, o seu estilo arquitetônico por meio dos prédios ou mesmo observar o seu centro histórico nos abre a possibilidade de ver e vivenciar a cidade, em uma perspectiva carregada de pluralidades, mas ao mesmo tempo, quem carrega de fato as narrativas compartilhadas são as pessoas que ali habitam, pois elas que fazem e constroem a leitura do cotidiano.



Compartilhando da ideia que Jeanne Marie Gagnebin apresenta no prefácio, volume I das “Obras Escolhidas de Walter Benjamin – Magia e Técnica, Arte e Política”, em que afirma que, para Benjamin, “a reconstrução da experiência deveria ser acompanhada de uma nova forma de narratividade” (GAGNEBIN, 1994, p.09). Assim, compreendemos que Ceilândia, possui uma essência que é pura em narrativas e memórias, pois a cidade é trilhada por trajetos de quem construiu Brasília, contemplando uma memória coletiva.

É possível que sempre estejamos com uma preocupação para entendermos o meio que estamos inseridos, principalmente quando somos profissionais do design, pois estamos em constante busca para solucionar e entender problemas, mas quando entendemos que a base da pesquisa que circunda aqui é a teia social, formada pelas pessoas. Entendemos que o espaço formado por elas ganha entornos e formas ao sabor das memórias que a constituem. Assim, a cidade torna-se plástica, moldável, maleável e as falas de quem apresenta narrativas ganha força, pois todos aqueles que vivem ou viveram alguma relação com Ceilândia determinam a expansão da memória construída diariamente.

A narrativa que é dita representa os diversos momentos de vida de quem habita a cidade, e isso acaba sendo um desafio instigante do pesquisador que olha o urbano. No qual em todos os instantes nos deparamos com novos olhares para narrativa de um determinado lugar, parece-me bastante prepositivo pensar que as histórias apresentadas se mesclam com o desejo de dizer e se reconhecer naquilo que é contado, pois atingir a memória de uma cidade, não significa buscar uma verdade “absoluta”, busca reconhecer a sua pluralidade composta por pessoas.

Quando estamos na busca incessante por compreender a teia social que sobrepõe esse meio, fica o desafio para o pesquisador para lidar com a produção de histórias e respectivamente das memórias reverberadas socialmente, uma vez que

a história se define inteira por uma relação da linguagem com o corpo (social) e, portanto, também pela sua relação com os limites que o corpo impõe, seja à maneira do lugar particular de onde se fala, seja à maneira do objeto outro (passado, morto) do qual se fala (CERTEAU, 2008, p. 77).



Benjamin afirma que esse processo possui uma forma de amortização, pois trata das experiências vividas, podendo muitas vezes gerar um choque na tentativa de uniformizar as experiências, para se ter uma narrativa coerente sobre cidade e a memória que temos sobre ela, mas que “não pode, contudo, evitar que nela persistam a existência de fragmentos desiguais e privilegiados.” (BENJAMIN, 1989, p. 136) Por mais coerente que se tenha a rememoração de algo, esse processo sempre implicará em imperfeições, pois existem lacunas em qualquer tipo de narrativa.

Entendendo da pluralidade de Ceilândia e suas complexidades, é possível compreender que ela se consolida como um “celeiro” de referências, isso demonstra como a cidade possui contornos que surgem a partir dos diferentes discursos que incidem sobre ela, pois quem habita, consome e vive que atribui os significados presentes no imaginário urbano.

Assim, olhar para essa cidade por meio dos seus imaginários e sua própria memória, implica refletir sobre a suas várias temporalidades e subjetividades que estão envolvidas no processo de apresentar o seu imaginário coletivo. É entender que a experiência do hoje possui uma ligação direta do que se viveu no passado e que esses estímulos estão presentes em todos os cantos da cidade, e que ele pode ser observado em um passeio pela rua, na fotografia ou em uma história narrada, pois a memória perpassa os limites de uma estrutura física, ela de fato é uma teia que vai se construindo o tempo todo e se conectando com novas linguagens.

A pesquisa se coloca no olhar atento da cidade por meio das suas relações sociais e o contexto que ela está inserida, pois esse processo ganha um novo teor analítico, influenciando na observação e leitura dos meios que envolve a experiência do grupo social, e como o sujeito que ali vive aponta uma narrativa, pois a principal matéria da cidade ultrapassa a sua estrutura física, ela de fato está nas pessoas e como elas se compreende neste meio vivido.

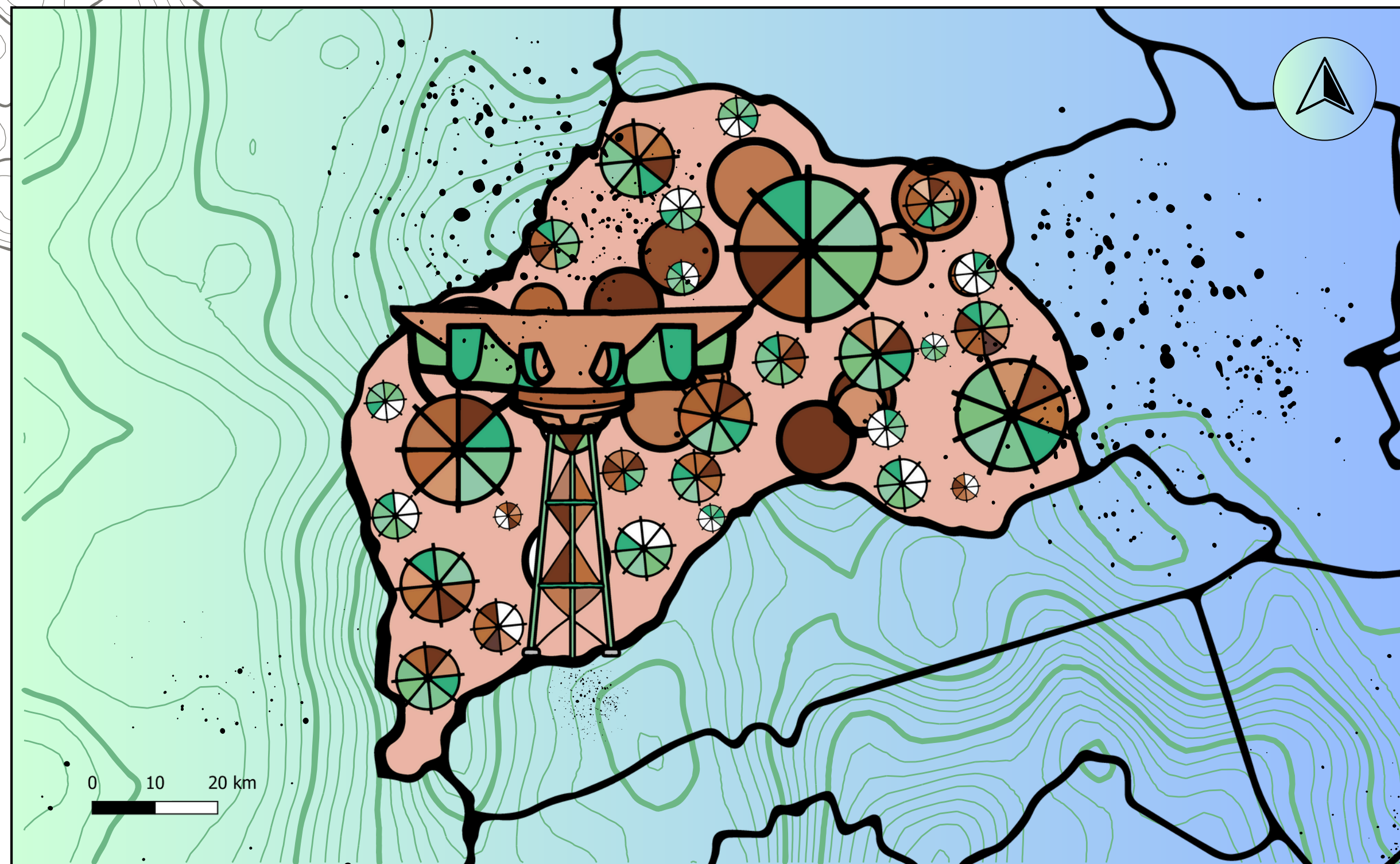
É importante deixar evidente que Ceilândia é reconhecida por ser um espaço com forte influência nordestina, nas quais essa marca é demonstrada por meio da dança, música e poesia trazida pelos fundadores que em sua maioria eram pretos e pardos (negros). A cidade que surgiu de um imaginário marginalizado, concentra sobre o seu alicerce uma fonte grandiosa de lutas e representatividade, um território que transmite a generosidade de construir para o coletivo.



CEILÂNDIA: PARTE DE INSEGURANÇAS SOCIAIS

O mapa **Ceilândia: parte de inseguranças sociais** busca representar parte de estruturas que são negativas uma que é a insegurança alimentar que se distribui de forma diferente nas diferentes Regiões Administrativas do DF e que na Ceilândia esse ponto deve ser apresentado, pois o índice está na casa dos **30%**. Na outra ponta das desigualdades do DF, estão Guará, Plano Piloto, Lago Norte, Lago Sul, Sudoeste/Octogonal e Park Way, com índices abaixo de 2,5%. Colocar esses índices é abrir espaço para apontar o grau de desigualdades na nossa cidade.

CELÂNDIA: PARTE DE INSEGURANÇAS SOCIAIS



Pesquisa: **Brasília Imaginada**

38,4 Domicílios onde há população em situação de insegurança alimentar

60% da população com renda Média-baixa

Cor utilizada para compor a imagem do mapa, com **significado nulo**.

Fonte: Dados de Projeto de Pesquisa Brasília Imaginada e Rendimento domiciliar x População negra no DF PDAD/DF, 2022

Elaboração: Jeffesson Silva Santos
Orientação: Daniela Fávaro Garrossini

Ano de elaboração: 2024

**PPG
DESIGN
UnB**

Projeto de pesquisa: **Brasília Imaginada 2024** | FAP - DF (03/2018)

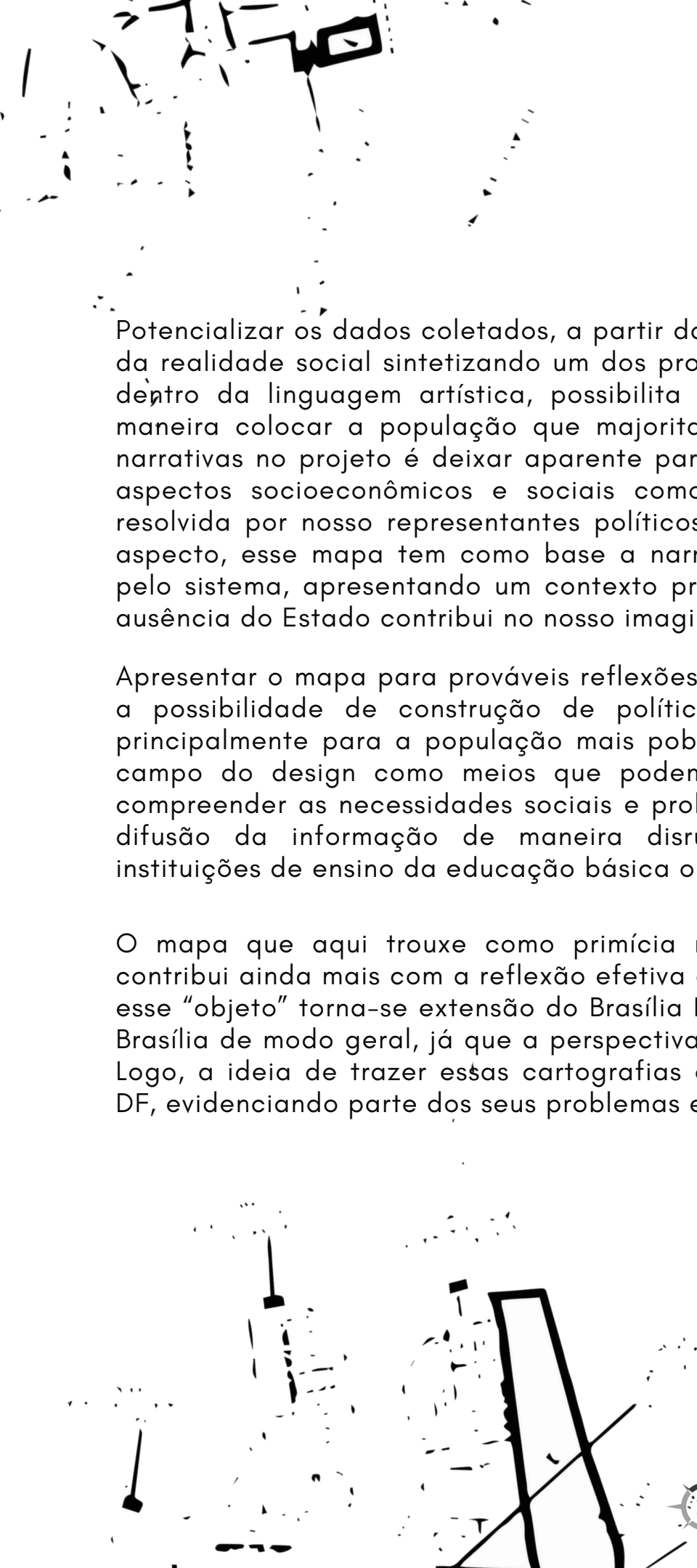


CEILÂNDIA: PARTE DE INSEGURANÇAS SOCIAIS

O mapa Ceilândia, parte de inseguranças sociais, foi construído para representar 38,4% da população que possui um índice bem problemático quando se trata de insegurança alimentar. Apontando no mesmo mapa, que 60% da população possuem renda média baixa e que mais de 60% desse grupo é constituído por pessoas negras, evidenciando múltiplas barreiras quando tratamos das desigualdades presentes na RA. É importante demonstrar que nesse mapa, para além de representar por meio da visualidade, o material em si, propõe retratar o grande índice de disparidade em relação a acessar o básico para subsistência e vida digna para a população que vive na margem.

A partir do quesito apresentado acima, no qual coloca a situação da insegurança alimentar como gatilho de uma das reflexões para compreender as barreiras sociais, deixa evidente a potência das linguagens artísticas para desconstruir a narrativa, ou mesmo, construir uma narrativa que se aproxima com a realidade dos moradores. Colocar o símbolo da caixa d'água, sobreposto ao dado que aponta a insegurança alimentar como parte do nosso tecido social, é deixar em evidência o que afeta parte da população. Neste caminho, que coloca o simbólico como parte do repertório da construção dos imaginários da cidade, apresentar um dos grandes problemas da RA como fonte da construção do projeto cartográfico é colocar no parte dos indivíduos que foram invisibilizados.

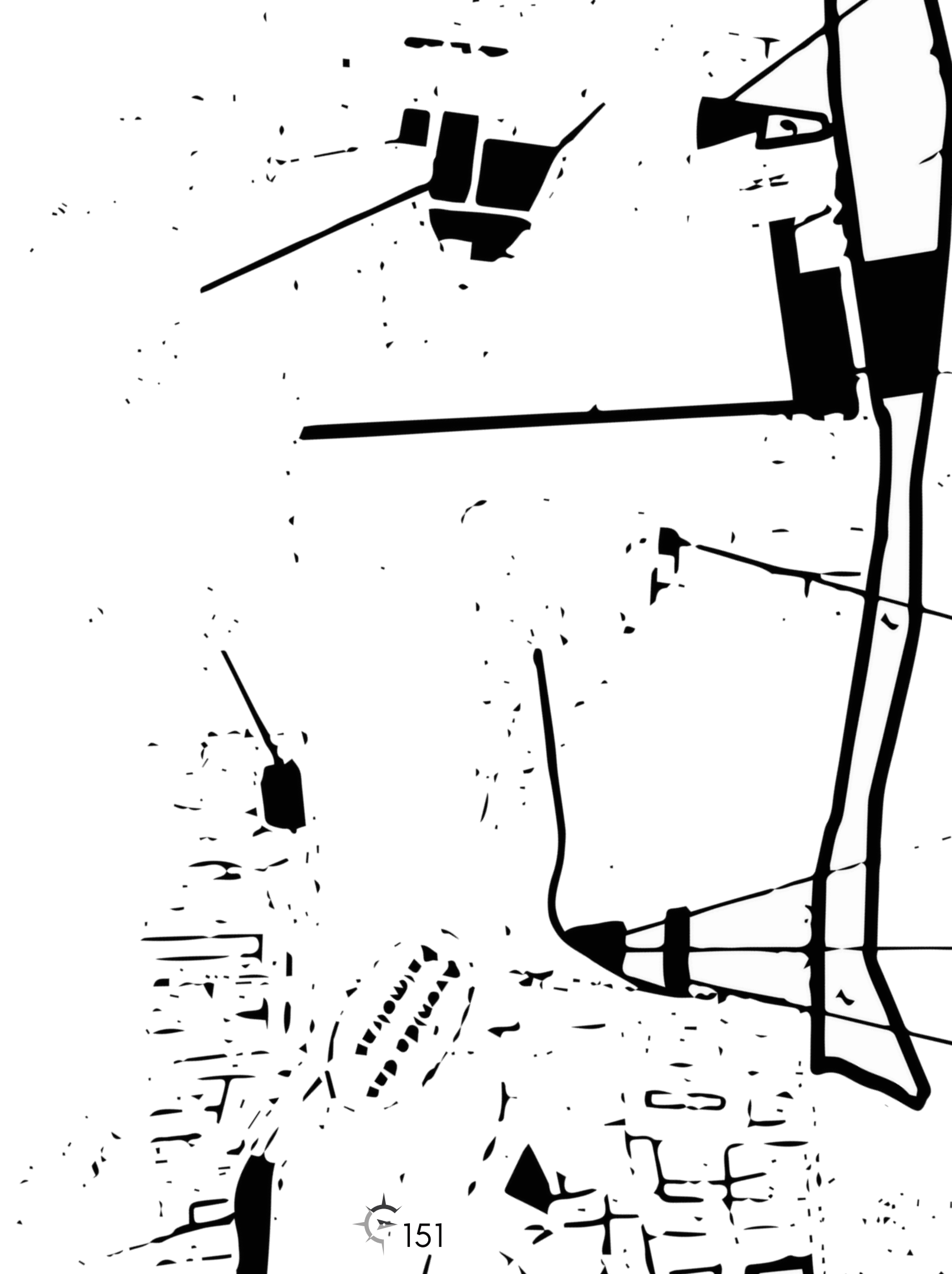
Apresentar a caixa d'água de maneira desconstruída é colocar na representação um novo modo de olhar para os aspectos simbólicos da região administrativa, uma vez que Ceilândia possui uma identidade orgânica e que com o passar do tempo vai tomando novas formas. Claro que esse mapa possui esse caráter visual que acaba sendo ilustrativo, mas antes disso, ele tem essa carga dos dados, que são importantes para o desdobramento da pesquisa, mas ainda assim, a proposta de colocar a possível reflexão e conexão do espectador com a imagem é parte importante da experiência e principalmente na transmissão da mensagem.



Potencializar os dados coletados, a partir da imagem, contribui para difusão de informação da realidade social sintetizando um dos propósitos da dissertação, visto que criar nuances dentro da linguagem artística, possibilita a conexão com o objeto cartográfico, dessa maneira colocar a população que majoritariamente é pobre como protagonista de suas narrativas no projeto é deixar aparente partes importantes do tecido social, colocando os aspectos socioeconômicos e sociais como parte inerente da problemática social não resolvida por nossos representantes políticos e outros agentes da área pública. Com esse aspecto, esse mapa tem como base a narrativa da realidade de pessoas marginalizadas pelo sistema, apresentando um contexto problemático, e na mesma circunstância como a ausência do Estado contribui no nosso imaginário como parte da população do DF.

Apresentar o mapa para prováveis reflexões, é contribuir a partir da sua difusão dos dados a possibilidade de construção de políticas mais eficazes, na distribuição de renda, principalmente para a população mais pobre, colocando a cartografia e os processos no campo do design como meios que podem funcionar como interlocutores na busca de compreender as necessidades sociais e problemas concretos, na qual busca materializar a difusão da informação de maneira disruptiva e com desdobramentos positivos em instituições de ensino da educação básica ou em espaços culturais.

O mapa que aqui trouxe como primícia relacionar os dados com a narrativa poética contribui ainda mais com a reflexão efetiva quando se trata de representação, uma vez que esse “objeto” torna-se extensão do Brasília Imaginada, descortinando a ideia construída de Brasília de modo geral, já que a perspectiva da margem que é a protagonista da proposta. Logo, a ideia de trazer essas cartografias é justamente apresentar parte das nuances do DF, evidenciando parte dos seus problemas e igualmente suas belezas.





O DISTRITO

É

DIVIDIDO!

FRAGMENTO 5

O Distrito é dividido!

O Distrito Federal é uma região dividida socialmente, as RAs mais afastadas se tornaram territórios de ocupações das populações mais pobres, nas margens das subdivisões das regiões administrativas são apresentadas favelas planificadas. É possível observar que a cidade possui características particulares, quando é observada a sua estrutura, mas principalmente a situação de vida da sua população.

É importante ressaltar que a desigualdade social presente no Distrito Federal é gerada por diversos fatores, não se pode negar que os fenômenos sociais interferem diretamente neste processo, principalmente na esfera da urbanização acelerada, como marginalidade, segregação, exclusão, entre outros atores que são ligados diretamente a população mais pobre e com menor assistência e equipamentos urbanos.

A realidade que assola uma parcela social do DF, diz muito do desenvolvimento e importância que determinados grupos recebem. A divisão é evidente, uma vez, que ela é apresentada por meio das distâncias, é importante ressaltar que a característica dos espaços observados fogem de um imaginário das favelas, principalmente das televisionadas, visto que a realidade urbana e planificada da capital gera a sensação de normalidade, criando sobre quem mora nas regiões marginalizadas uma sensação de vivência equânime.

Falar do acesso é entender que ele é apresentado por limitações evidenciadas, a inviabilidade e precarização de diversos serviços e os meios que caracterizam os equipamentos básicos para equiparação social, norteia partes do Distrito Federal, contudo é importante salientar que estes aspectos são o que afere, mesmo que muitas vezes de maneira negativa uma narrativa e a subjetividade dos imaginários urbanos das regiões afastadas do centro.



Representar os dados por meio dos mapas apresentados é apontar as múltiplas desigualdades e como elas impactam diretamente a construção de cidadania, participação social e dignidade. Igualmente elas impactam a produção de violência, criminalidade e repressão. Os padrões de desigualdade regionais no DF repetem-se quase invariavelmente em todos os indicadores de políticas públicas. A desigualdade no Distrito Federal é uma produção do Estado e das elites, como projeto pensado e colocado em prática desde que resolveram mudar a capital para o Planalto Central, ignorando as pessoas que aqui viviam e suas culturas. Ignorando também as pessoas que se jogaram na empreitada, como forma de ganhar a vida e sonhar com um futuro melhor, em outro lugar.

É importante destacar que as pesquisas com dados desagregados nos permitem observar essas enormes distâncias. Contudo, os dados regionalizados estão pouco a pouco perdendo a capacidade de captar algumas diferenças sociais intrarregionais que imergiram no Distrito Federal na última década. O processo de condominialização promovido pelo mercado imobiliário local, somado às produções de novas favelas nas Regiões Administrativas, consolidou diferenças dentro das RAs.

O projeto de Pesquisa buscou de algum modo mergulhar no universo cartográfico e desenvolver metodologias que consigam captar as diferenças por meio de uma linguagem mista que envolve arte e design. Visto que as desigualdades também se expressam de forma intraterritorial e transdisciplinar como a área do design. A presença das cidades do entorno na cultura e economia do DF é cada vez mais explícita, de forma que as desigualdades mapeadas atualmente demandam a inclusão dessas cidades nas análises.

Os resultados desta pesquisa não apenas revelam as desigualdades socioespaciais nas Regiões Administrativas de Santa Maria e Ceilândia, mas também apontam caminhos para a intervenção política e social. Com base nos dados apresentados, algumas sugestões para políticas públicas incluem a ampliação do sistema de transporte público, especialmente com a extensão do metrô para Santa Maria, a fim de reduzir o tempo de deslocamento e melhorar o acesso das populações periféricas ao centro de Brasília. Além disso, é imperativo que o poder público desenvolva programas de incentivo à cultura, garantindo que a juventude negra dessas regiões tenha acesso a oportunidades culturais e artísticas dentro de suas próprias comunidades, diminuindo a dependência de deslocamentos para o Plano Piloto. Outro aspecto crucial é o investimento em infraestrutura urbana, com a criação de mais espaços de lazer, educação e saúde que atendam às demandas da população local. A cartografia apresentada nesta dissertação pode servir como ferramenta estratégica para gestores públicos ao planejar intervenções e políticas mais equitativas, que contemplem as especificidades territoriais das populações marginalizadas.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

GM - 3
(NOVACAP)

PARQUE NACIONAL DE BRASÍLIA

RA I
BRASÍLIA

BANANAL

RA III
TAGUATINGA

BANANAL

RA XI
CRUZEIRO

TAGUATINGA

GUARÁ

VICENTE PIRES

RA XIX
CANDANGOLÂNDIA

NÚCLEO RURAL
TAGUATINGA

MINISTÉRIO

PARQUE RODoviário

MANSÕES
DO LAGO

MANSÕES DO LAGO

BRASÍLIA



157

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexões de um “Designer Cartógrafo”

Os objetivos desta dissertação foram definidos de maneira a explorar as dinâmicas de exclusão social e econômica vivenciadas pela juventude negra de Santa Maria e Ceilândia, utilizando a cartografia como principal ferramenta de análise. Ao longo da pesquisa, as cartografias desenvolvidas foram moldadas por dados concretos e representações artísticas que, em conjunto, forneceram uma leitura crítica das desigualdades enfrentadas por esses territórios. No final desta jornada, é possível verificar que os objetivos foram atingidos de forma efetiva. Os mapas produzidos ofereceram uma nova maneira de visualizar as barreiras sociais, evidenciando como a segregação territorial e a falta de infraestrutura impactam a vida cotidiana das populações marginalizadas. A integração entre dados geográficos e elementos artísticos permitiu que os mapas fossem não apenas informativos, mas também sensíveis às narrativas humanas que atravessam esses espaços. Essa abordagem híbrida alcançou o que se pretendia: uma representação simbólica das desigualdades, ao mesmo tempo que se manteve fiel aos dados e informações concretas.

A criação dos mapas nesta dissertação foi orientada não apenas pela precisão técnica, mas também pela intenção de gerar uma crítica social visualmente impactante sobre as desigualdades em Santa Maria e Ceilândia. Cada cartografia desenvolvida teve o objetivo de tornar visível as barreiras sociais que afetam a juventude negra nessas regiões. A análise visual dos mapas revela de maneira simbólica as divisões territoriais e econômicas, como a concentração de renda em áreas específicas e a segregação espacial das populações marginalizadas. Por exemplo, o mapa “Santa Maria, Um Circuito de Memórias” evidencia a falta de infraestrutura e a distância dos centros de poder, retratando como essa marginalização geográfica agrava as desigualdades de acesso à mobilidade urbana e à cultura. Além disso, o mapa “Ceilândia Explica Cultura Viva” ilustra como as barreiras sociais afetam diretamente as práticas culturais locais, onde a falta de políticas públicas de incentivo à cultura limita as oportunidades de desenvolvimento artístico da juventude negra. Esse diálogo entre o concreto (dados geográficos) e o simbólico (representações artísticas) reforça a tese central da dissertação: que a cartografia pode ser um meio eficaz para denunciar desigualdades estruturais.

É importante dizer que a pesquisa que foi realizada no campo do design e todas as suas ramificações trouxeram um lugar de reflexão sobre como a história, a memória e a relação atual de duas das regiões administrativas do Distrito Federal são partes importantes na construção dos imaginários urbanos. Apresentando as suas situação socioeconômica, de saúde, educação, entre outras vertentes, trouxeram uma análise que se debruçou em diversos tópicos que interferem diretamente na vida da comunidade local. Dentro dessa discussão, considerou outros arquétipos para além do processo de cartografar, pois as diversas perspectivas, em conjunto com as representações dos dados formou-se uma nova análise das realidades dessas duas periferias, justamente para contrapor aos estereótipos difundidos a respeito das RAs.

A metodologia escolhida para este projeto, que combinou o uso de sistemas de georreferenciamento (SIG) e arte, provou ser um mecanismo eficaz para atingir os objetivos da dissertação. O software QGIS foi fundamental na coleta e organização dos dados geográficos, permitindo a criação de mapas precisos e detalhados que representam a realidade socioeconômica das Regiões Administrativas de Santa Maria e Ceilândia. Entretanto, foi na integração desses dados com as representações artísticas que a cartografia assumiu uma nova dimensão crítica, capaz de expor, de maneira simbólica, as narrativas de exclusão vividas pela juventude negra. Essa metodologia se diferenciou de abordagens tradicionais, como análises puramente estatísticas ou geográficas, ao permitir uma expressão mais subjetiva e sensível das experiências vividas nas periferias. A opção por mesclar dados objetivos com o caráter poético do design visual resultou em uma abordagem mais completa, que transcende os métodos convencionais e enriquece o campo do design cartográfico com uma perspectiva crítica e socialmente engajada.

Um dos objetivos centrais desta dissertação foi utilizar a cartografia como um instrumento de denúncia social, expondo de maneira visual as desigualdades vivenciadas pela juventude negra nas Regiões Administrativas de Santa Maria e Ceilândia. Através da construção dos sete mapas apresentados, foi possível identificar e representar as barreiras sociais, econômicas e culturais que essas populações enfrentam diariamente. Por exemplo, o mapa “Ceilândia Explica Cultura Viva”; expõe como a falta de políticas públicas voltadas para a cultura reforça a marginalização da juventude negra, ao passo que o mapa “Santa Maria, um Circuito de Memórias”; ilustra os trajetos de exclusão social que limitam o acesso a infraestrutura e mobilidade urbana. Essa abordagem cartográfica proporcionou uma nova maneira de compreender as dinâmicas sociais e as práticas de exclusão, utilizando o espaço como elemento narrativo para denunciar as desigualdades estruturais. Cada mapa funcionou como uma crítica visual à falta de equidade no tratamento das periferias do Distrito Federal, colocando em evidência as dificuldades enfrentadas pelas populações marginalizadas.

Outro objetivo importante desta pesquisa foi balancear a utilização de dados concretos, como informações sociodemográficas e econômicas, com uma abordagem simbólica e artística que trouxesse à tona as subjetividades vividas pela juventude negra das periferias. A utilização do software QGIS permitiu uma representação precisa dos dados objetivos, mas foi por meio da integração com a arte que os mapas assumiram uma nova dimensão crítica. Ao incorporar elementos visuais e simbólicos, as cartografias não apenas transmitem informações, mas também evocaram as emoções e experiências das populações marginalizadas. O equilíbrio entre esses dois elementos foi fundamental para garantir que o público-alvo não apenas compreendesse as dinâmicas sociais retratadas, mas também se conectasse com as narrativas de exclusão e resistência presentes nos territórios cartografados. A combinação de ciência e arte revelou-se uma estratégia eficaz para criar mapas que vão além da simples geolocalização, transformando-se em ferramentas poderosas de crítica social e reflexão.

Os dados foram sintetizados para uma melhor compreensão e construção dos mapas, como parte do método geral, a proposta foi entender como a configuração dos dados poderiam interferir na linguagem e sua interatividade, uma vez que levar a comunicação de maneira lúdica fez parte das prospecções do projeto. Representando as identidades, a partir das imagens dos mapas propõe uma reflexão para além do apelo estético, aqui se traduz muitas das nossas memórias como moradores, mas também do simbólico que são partes inerentes do cotidiano de Santa Maria e Ceilândia.

Colocar a pesquisa com esse caráter simbólico e o recorte dos últimos anos (2021-2024), vem justamente para tentar refletir sobre os múltiplos deslocamentos que os corpos de pessoas negras permeiam, e como são atravessados a partir de um sistema que coopera na dificuldade dos seus acessos. E como esse contexto temporal pode contribuir na não na relativização de um tema, mas na compreensão de uma vivência, que foi distribuída nos fragmentos percorridos nos textos desta dissertação.

A pesquisa apresentou mapas que podem ser reflexos de múltiplas camadas de corpos marginalizados, coloco em diversos momentos a minha vivência como parte inerente desses reflexos, logo em seguida foi apresentado alguns aspectos históricos para fortalecer ainda mais a potência da memória, do diálogo da cidade e seu tecido social que são as pessoas, principalmente quem habita o território. Os dados são colocados como parte desses atravessamentos, nos quais o pesquisador se debruçou, para cruzar nos mapas criados e nas reflexões pontuadas, para que posteriormente a projeção artística, também tomasse forma dentro desse contexto.

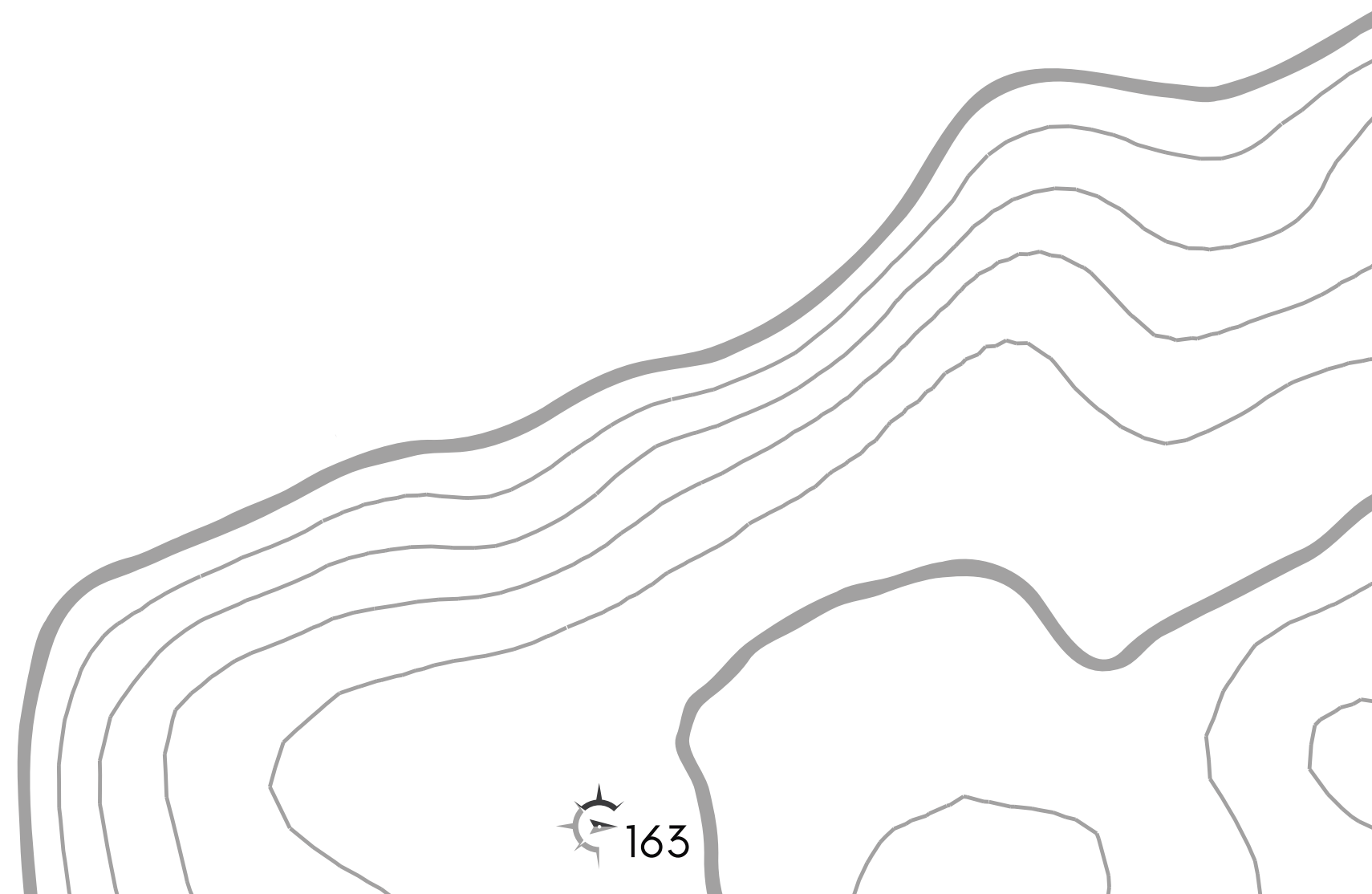
Os mapas dentro do projeto buscaram contar histórias do simbólico, criando a partir do contexto temporal da pesquisa novas possíveis leituras das informações, fazendo uma análise desses dados com as representações visuais, contribuindo na construção de novas dimensões da cartografia dessa população, e como a ausência de diversos aparatos sociais também formaram a identidade do grupo retratado nesta narrativa, assim, a proposta imagética motivou reconstruir a perspectiva de novas projeções e referências de Santa Maria e Ceilândia. Dessa maneira, colocando as duas RAs como parte integral do Distrito Federal, relacionando a vivência, como parte indissociável da construção de memória, da compreensão das dificuldades e principalmente como a região se movimenta a partir das suas próprias referências.

Tenho plena consciência de que os resultados apresentados neste projeto não param aqui, uma vez que, compreendo que essa cartografia é um recorte específico, que possui um período e contexto, compreendo que esse desenvolvimento perpassa por reflexões, da história contada, mas ao mesmo tempo faz parte da história vivida. Então, essa foi a função desses moldes cartográficos, que em alguns momentos se colocou como um diário de um pesquisador artista, mas em outros momentos utiliza-se das linguagens para construir um novo diálogo, que percorresse a geografia, a arte e o design ativista.

Compreendo que o contexto, os dados que são representativos por meio deste diálogo imagético e cartográfico, possibilita uma possível perspectiva que ao mesmo tempo não é única, no entanto entendo que esse é um espaço de registro, uma contrapartida que tentou colocar diversas dificuldades ligadas integralmente ao território e vivência das pessoas marginalizadas. Observando as ausências como uma parte interna dos espaços territoriais, adicionando nesta construção a importância cultural, social, política, na formação de identidade e dos imaginários, trazendo o retrato familiar como parte subjetiva desse arco cartográfico, dimensionado no tempo e suas implicações.



Ao longo do desenvolvimento desta dissertação, foram estabelecidos objetivos claros para orientar o processo de pesquisa e criação das cartografias. O primeiro objetivo era utilizar a cartografia como uma forma de denúncia social, representando as desigualdades enfrentadas pelas populações de Santa Maria e Ceilândia. O segundo objetivo era equilibrar dados concretos e representações simbólicas para fornecer uma análise mais completa das dinâmicas sociais. Ao final deste trabalho, é possível afirmar que os objetivos foram atendidos de maneira satisfatória. Os mapas criados não apenas retratam as desigualdades em suas dimensões sociais e econômicas, mas também conseguiram ilustrar de forma simbólica e sensível as barreiras que atravessam as vidas dos jovens negros nas periferias. Além disso, as representações artísticas ajudaram a transformar a percepção dos dados, proporcionando uma compreensão mais profunda e crítica dos problemas retratados. Dessa forma, o uso de uma metodologia híbrida, combinando ciência e arte, cumpriu o papel de tornar visível aquilo que muitas vezes permanece oculto nos dados estatísticos: as narrativas pessoais e coletivas de resistência e marginalização.



BIBLIOGRAFIA

AGÊNCIA BRASÍLIA - <https://agenciabrasilia.df.gov.br/2013/11/19/caixa-dagua-de-ceilandia-e-tombada-como-patrimonio-do-df/?amp=1> (Acessado em 25 de maio de 2023).

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BARROS, Regina; PASSOS, Eduardo. A cartografia como método de pesquisa e intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BRASÍLIA CENTENÁRIA, - https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/TD_13_Bras%C3%ADlia_uma_cidade_centen%C3%A1ria.pdf (Acessado em janeiro de 2023).

PDAD - (Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios) disponibilizada no IPEDF https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio_DF-2021-1.pdf (Acessado em março de 2023).

BACHELARD, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2001.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.

CODEPLAN - Boletim Anual: PED-DF - População Negra e Desemprego do Distrito Federal, novembro de 2021. (Acessado em 13 de julho de 2024).

CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021 www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Santa_Maria-2021.pdf (Acessado em janeiro de 2023).

CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021 www.ipe.df.gov.br/ceilandia-e-a-regiao-mais-populosa-do-lado-oeste-do-df/ (Acessado em janeiro de 2023).

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CODEPLAN - Boletim Anual: PED-DF - População Negra e Desemprego do Distrito Federal. PDAD 2018 - Santa Maria, 2019. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Santa-Maria.pdf>. (Acessado em outubro de 2022).

CODEPLAN - POPULAÇÃO NEGRA DO DF, 2010. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/Popula%C3%A7%C3%A3o-Negra-no-Distrito-Federal-Analisando-as-Regi%C3%B5es-Administrativas.pdf> (Acessado em 01 de abril de 2023).

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV, [S.l.], p. 066-077, ago. 2014. ISSN 1983-7348. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. (Acessado em: 05, maio, 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111>.)

DELEUZE & GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.I. São Paulo: Ed.34, 1995.

EIRADO, André; PASSOS, Eduardo. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ECO, Umberto. 1932. Seis Passeios Pelo Bosque da Ficção. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FONSECA, Tania Mara Galli; REGIS, V. M. Cartografia: estratégias de produção do conhecimento. Fractal, Rev. Psicol., v. 24 - n. 2, p. 271-286, Maio/Ago. 2012

FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

HISTÓRIA DE CEILÂNDIA, Disponível no portal do Distrito Federal: <https://www.ceilandia.df.gov.br/2019/11/08/historia-de-ceilandia/> (Acessado em 09 de maio de 2023).

IBGE - CENSO 2010 - SHR, Santa Maria. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> (Acessado em 01 de abril de 2023).

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo: Centauro Editora, 2001.

LEIRIAS, Ana Gabriela. Novas cartografias on line, arte contemporânea e outras geografias. Geograficidade, Niterói-RJ, v.2(edição especial), p. 115-133, 2

MULTIPLICIDADE 2022 - https://multiplicidademobilidade.com.br/wp-content/uploads/2022/08/1%CC%81Indice-de-Acesso-a%CC%80-Cidade_Final.pdf,(Acessado em 18 de maio de 2023).

PEIRCE, Charles S. Semiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. Raven, P.; Evert, R.F. & Eichhorn, S.E. 2007. Biologia Vegetal. 7a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RETRATOS SOCIAIS DO DF - Estudo | DIPOS/Codeplan | agosto de 2020. (Acessado em 14 de agosto de 2024)

ROCHA, Eduardo et all. Cartografias sensíveis na cidade: Experiência e resistência no espaço público da Região Sul do RS. Pixo: revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, Pelotas, v.1, n3, FAURB UFPEL, 2017. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/12790/0>

RYAN E WAINWRIGHT. 2009. "Cartography, territory, property: postcolonial reflections on indigenous counter-mapping inn Nicaragua and Belize". Cultural Geography

SANTOS. Milton; A Natureza do Espaço. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.- (Coleção Milton Santos; 1)

SANTOS. Milton; SILVEIRA, Maria L. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2001.

IBGE - CENSO 2010 - SHR, Santa Maria. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br](#)
Beyond social representations: a theory of enablement. Papers on Social Representations, 12, 7.1-7.16.

VIANNA Jr, Aurélio, Mapas e Identidades - O Reencantamento da Cartografia, in Le Monde Diplomatique Brasil, ano 2, n. 23, junho 2009, São Paulo, p. 36- 37



UnB



PPG
DESIGN
UnB

